

Memória da Poliomielite

acervo de depoimentos orais



Casa de Oswaldo Cruz



Ministério da Saúde

FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz

Memória da Poliomielite

acervo de depoimentos orais



Pedra egípcia do período de 1580-1350 a.C. com imagem de homem com possível seqüela de poliomielite



Ministério da Saúde

FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz



Casa de Oswaldo Cruz

**PROJETO A HISTÓRIA DA POLIOMIELITE
E DE SUA ERRADICAÇÃO NO BRASIL**

COORDENAÇÃO

Dilene Raimundo do Nascimento

**MEMÓRIA DA POLIOMIELITE:
ACERVO DE DEPOIMENTOS ORAIS**

ORGANIZAÇÃO

Anna Beatriz de Sá Almeida

Dilene Raimundo do Nascimento

Laurinda Rosa Maciel

COLABORAÇÃO

Ângela de Araújo Pôrto

Eduardo Maranhão

Ives Mauro Junior

REPRODUÇÃO FOTOGRÁFICA

Roberto Jesus Oscar

Vinícius Pequeno

CASA DE OSWALDO CRUZ

Departamento de Pesquisa

Av. Brasil 4036 sala 400 Manguinhos

21040-361 Rio de Janeiro RJ

21. 3882-9086/3882-9083

www.coc.fiocruz.br

Memória da Poliomielite

acervo de depoimentos orais

Casa de Oswaldo Cruz

Rio de Janeiro, 2005

F981m Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz

Memória da poliomielite: acervo de depoimentos orais. /
[organização de] Anna Beatriz de Sá Almeida ,
Dilene Raimundo do Nascimento, Laurinda Rosa Maciel. –
Rio de Janeiro, Fiocruz, 2005.

144 p. : il. : 16 x 23 cm

ISBN

1. Poliomielite. 2. Imunização. 3. Vacina Antipolio
Oral. 4. História Oral 5. Brasil I. Título

CDD 614.549

Ficha catalográfica organizada pelo Setor de Biblioteca
do Departamento de Arquivo e Documentação da Casa de
Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz

IMAGENS

Banco de Imagens Polimagem

(www.coc.fiocruz.br/polio)

Acervo da Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz

Coordenação de Comunicação Social da Fiocruz

PROJETO GRÁFICO E PRODUÇÃO

Design Casa 8 [www.designcasa8.com.br]

APOIO

Multi-Meios/ CICT/ Fiocruz

APRESENTAÇÃO

Dilene Raimundo do Nascimento

Coordenadora do projeto *A história da poliomielite e de sua erradicação no Brasil*

Este catálogo é um dos resultados de dois anos de pesquisa de uma equipe composta por pesquisadores da Casa de Oswaldo Cruz (COC), da Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP) e da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), cujo projeto, intitulado *A história da poliomielite e de sua erradicação no Brasil*, foi financiado pelo Programa Estratégico de Pesquisa (PEP/COC) e contou com o apoio do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq), com bolsas de iniciação científica.

No Brasil, embora haja referência a casos de poliomielite durante as últimas décadas do século XIX, a literatura indica que ela passou a ser observada com mais frequência no início do século XX. As primeiras evidências de surtos da doença ocorreram entre 1909 e 1911, no Rio de Janeiro, descritas por Fernandes Figueira, à época diretor da Policlínica de Crianças e pediatra do Hospício Nacional de Alienados. Em 1930, várias epidemias de certa magnitude foram registradas em São Paulo e em outras capitais do Brasil. A partir de 1950, passaram a ser descritos surtos de poliomielite em diversas cidades do país e, em 1953, ocorreu no Rio de Janeiro a maior epidemia já registrada na cidade.

Se, na primeira metade do século XX, as discussões sobre a poliomielite no país se davam basicamente no âmbito médico, principalmente em torno de modelos científicos explicativos da doença e da sua forma epidêmica de incidência, na segunda metade do século a aquisição de novas tecnologias – vacina, diagnóstico laboratorial e vigilância epidemiológica – deslocou o foco de discussão para a área da saúde pública e possibilitou a implementação de políticas voltadas para o controle da doença.

As atividades de vacinação em massa contra a poliomielite foram iniciadas em 1961, com a adoção oficial da vacina Sabin, pelo Ministério da Saúde. Entretanto, não tiveram a abrangência e a continuidade necessárias para o controle da doença no país. A essa época, também foi introduzida no Brasil a técnica laboratorial de diagnóstico do poliovírus, no Instituto Oswaldo Cruz, tecnologia da maior importância para o diagnóstico diferencial da poliomielite, bem como para identificação do tipo do poliovírus de um surto da doença. Ainda na década de 1960, foi estabelecido o conceito de vigilância epidemiológica, por Alexander Langmuir, epidemiologista norte-americano. No Brasil, a Fundação

de Serviços Especiais de Saúde Pública (FSESP) criou, em 1968, o Centro de Investigações Epidemiológicas, tornando obrigatória a notificação de poliomielite, nacionalmente.

Contudo, em que pese a aquisição das novas tecnologias, o problema da poliomielite não foi enfrentado de forma efetiva. Em 1971, o Ministério da Saúde instituiu o Plano Nacional de Controle da Poliomielite – primeira tentativa de controle da doença no Brasil organizada nacionalmente –, que prosseguiu até 1974, quando a estratégia de campanha foi abandonada e priorizou-se a vacinação de rotina pela rede básica de saúde, coordenada pelo Programa Nacional de Imunizações (PNI), criado em 1973. A avaliação que se teve, feita por especialistas da área, é que a vacinação de rotina era insuficiente para controlar a poliomielite, até porque a maior parte da população não tinha acesso regular aos serviços de saúde.

Somente em 1980, o Ministério da Saúde veio a estabelecer outra ação estratégica específica para a poliomielite. Dada a gravidade do problema no Brasil, reconhecido inclusive pela OMS em reuniões de avaliação da situação da doença nas Américas, somada à repercussão nacional que tiveram as epidemias que eclodiram no sul do país em dezembro de 1979, o recém-empossado ministro da saúde Waldir Arcoverde tomou a iniciativa de enfrentar decididamente a questão. Sua equipe propôs uma estratégia de vacinação em massa, em um só dia, duas vezes ao ano, em todo o território nacional: Dias Nacionais de Vacinação.

Essa proposta encontrou resistência entre sanitaristas que defendiam a vacinação de rotina. Contudo, o impacto da campanha foi altamente positivo, produzindo uma acentuada redução do número de casos da doença. O reconhecimento público dos Dias Nacionais de Vacinação consagrou definitivamente essa estratégia, que continua a ser implementada sistematicamente no Brasil.

No âmbito da OPAS e do Unicef discutia-se a necessidade de reforçar a credibilidade em vacinas, aproveitando os ecos da erradicação mundial da varíola, e decidiu-se pela erradicação da poliomielite nas Américas pelo fato de vários países já apresentarem experiências de sucesso no seu controle. A OPAS anunciou a meta de interromper a transmissão do poliovírus selvagem das Américas até 1990, com o apoio do Unicef, USAID, BID e Rotary Internacional. Na XXXI Reunião do Conselho Diretivo da OPAS, realizada em setembro de 1985, os países-membros aprovaram e se comprometeram com essa iniciativa. No Brasil, a interrupção da transmissão do poliovírus selvagem passa a inserir-se no programa de prioridades sociais da Nova República em 1986.

Em março de 1989, foi notificado o que seria o último isolamento do poliovírus selvagem no país, no município de Souza, na Paraíba. A partir de 1990, embora mantendo as estratégias utilizadas até então para alcançar a erradicação da poliomielite, o Brasil direcionou o programa para o cumprimento dos critérios

estabelecidos pela Comissão Internacional de Certificação da Erradicação da Poliomielite, recebendo a certificação em 1994.

Nessa pesquisa, analisamos a poliomielite no Brasil em uma perspectiva de história das doenças. Essa perspectiva possibilita o entendimento da doença como fenômeno social, cujo significado é construído de forma particular por cada cultura e nos leva a uma reflexão sobre os tipos de resposta dados pela sociedade à doença, quer em nível médico-científico, quer pelo poder público ou por grupos sociais, bem como pelos indivíduos. No caso da história da poliomielite, ela revela claramente o desenvolvimento e a legitimação das políticas públicas de saúde nacionais e internacionais, o processo de incorporação de tecnologias e as práticas e construções discursivas da medicina com vistas ao controle da doença, em que estão envolvidos sociedade, Estado, instituições, mercado e organismos internacionais. Além disso, ela produz repercussões na construção da identidade individual das vítimas da doença, que precisam enfrentar as seqüelas ao longo da vida.

A história oral, neste projeto, colocou-se como fonte para a própria pesquisa, além da constituição de um acervo de depoimentos orais, acessível a outros pesquisadores. A seleção dos depoentes, feita a partir da indicação do consultor do projeto, Eduardo Maranhão, pesquisador da ENSP/Fiocruz, procurou contemplar o conjunto de aspectos referentes à poliomielite: epidemiologia, saúde pública, virologia, vacina, controle de meio ambiente, neurologia, pediatria, ortopedia, imunização, comunicação social, bem como a atuação do GT-pólio, do Programa Nacional de Imunização e do Rotary Club. Percebeu-se que, para o conjunto dos profissionais entrevistados, a história da poliomielite se inicia na década de 1970, com o Plano Nacional de Controle da Poliomielite, implementado pelo Ministério da Saúde em 1971.

O objetivo deste catálogo é divulgar e tornar acessível a outros pesquisadores o acervo *Memória da Poliomielite*. Nossa expectativa é trazer contribuições para o desenvolvimento de análises no campo de história das doenças e, em particular, sobre a história da poliomielite. Esperamos estimular a formulação de novas análises para o entendimento do conceito de doença na sua construção histórico-social e contribuir para a história das doenças como área de pesquisa no Brasil.

Aproveitamos para reiterar os agradecimentos àqueles que se dispuseram a nos conceder entrevistas gravadas que constituem o acervo *Memória da Poliomielite*.



INTRODUÇÃO

Anna Beatriz de Sá Almeida

Pesquisadora do Departamento de Pesquisa da Casa de Oswaldo Cruz (COC), Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz)

Laurinda Rosa Maciel

Tecnóloga do Departamento de Arquivo e Documentação da COC/Fiocruz

Este catálogo apresenta o acervo de depoimentos orais, um dos produtos do projeto *A história da poliomielite e de sua erradicação no Brasil*, que por meio da metodologia de história oral possibilitou registrar as experiências, as concepções e as trajetórias profissionais dos depoentes, constituindo um importante acervo para pesquisas sobre a história da poliomielite no Brasil.

Desde os anos 80, a história oral tem sido utilizada nas instituições de pesquisa, nas quais seu objetivo mais imediato, na maioria das vezes, é a formação de um acervo específico que possa resguardar tanto sua memória como a de um grupo social, de indivíduos e até mesmo de uma doença em seus mais variados aspectos, como é o nosso caso. Este método de pesquisa sofreu algumas críticas – respondidas de forma satisfatória no meio acadêmico – devidas principalmente à sua subjetividade, mas chegou-se ao consenso de que ele é tão importante e passível de análises quanto a documentação textual ou imagética. Trata-se apenas de fontes de origem diferenciada.¹

Os documentos orais, mesmo guardando-se as suas características singulares, não se diferenciam essencialmente das demais fontes, tanto escritas como iconográficas. A subjetividade dos informantes é comum tanto ao relato oral como às fontes ditas “objetivas”, sendo que no primeiro grupo a parcialidade e o subjetivismo são explícitos. Sendo assim, a utilização da história oral não traz problemas que não se coloquem também para as outras fontes. Caberá ao pesquisador mediatizar a natureza subjetiva de seu material de trabalho, encontrando os meios apropriados de interrogação e análise.

Sua metodologia consiste, de maneira bastante sucinta, de um conjunto de técnicas utilizadas na coleta, preparo e utilização de entrevistas gravadas que possam servir de fonte primária a pesquisadores de todas as áreas. A técnica compõe-se, geralmente, de entrevistas dirigidas a partir de roteiro elaborado antecipadamente, tomando como base o *curriculum vitae* do depoente e sua

produção bibliográfica, bem como dados destacados na pesquisa sobre o tema. É importante ressaltar que os roteiros não são rígidos, já que seu objetivo é tão-somente orientar os depoimentos nas diferentes experiências e práticas, próprias a cada um dos entrevistados.

A entrevista é gravada em fita magnética, sendo posteriormente transcrita e conferida. Obtêm-se, daí, dois tipos de documento: o *gravado* e o *escrito*, que se complementam, uma vez que este último perde características de entonação das falas e os vícios da comunicação oral ou as hesitações, que podem ser recuperados nas fitas magnéticas. É preciso chamar atenção para os silêncios, as palavras esquecidas ou as hesitações que o depoimento possa apresentar, pois muitas vezes estes sinais são bastante significativos.

Neste acervo as entrevistas abordaram lembranças de infância, formação acadêmica e experiências profissionais, destacando as relacionadas com a poliomielite e enfatizando aspectos referentes ao tratamento, ao diagnóstico e às políticas de controle e erradicação da doença. A partir da fala desses atores – médicos clínicos, epidemiologistas, educadores de saúde, técnicos, gestores públicos e pesquisadores –, é possível reconstruir diferentes faces da história da doença e, de forma bastante original, reiterar o papel desses indivíduos como agentes sociais dessa mesma história.

Entre os temas e questões tratados nas entrevistas, de maneira ora uniforme, ora diferenciada, podemos destacar a história das primeiras campanhas de vacinação, as políticas de comunicação em saúde e os Dias Nacionais de Vacinação; o processo de controle e erradicação da poliomielite no Brasil e nas Américas; a participação do Instituto Oswaldo Cruz, da Escola Nacional de Saúde Pública e do Instituto de Tecnologia em Imunobiológicos (Biomanguinhos), unidades da Fiocruz, neste processo; a discussão da produção e dos tipos de vacina existentes; o papel da Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS), da Organização Mundial da Saúde (OMS) e das campanhas de vacinação na erradicação da pólio; a importância da vigilância epidemiológica e dos laboratórios de diagnóstico; a atuação da sociedade civil e de organizações privadas e/ou filantrópicas e o papel dos médicos clínicos e dos serviços de saúde, no diagnóstico e tratamento da doença, destacando o Hospital Jesus, no Rio de Janeiro.

O acervo conta com 31 entrevistas, num total de aproximadamente noventa horas de depoimentos coletados entre novembro de 2000 e junho de 2002. As entrevistas foram realizadas no Rio de Janeiro em sua maioria, mas também em outras unidades da Federação, como Rio Grande do Sul, São Paulo, Minas Gerais, Brasília, Alagoas e Pernambuco.

Com a publicação deste catálogo, nosso objetivo é apresentar ao público o conjunto de depoimentos cedidos ao projeto, por meio dos sumários das entrevistas (índices temáticos) e da resenha biográfica de cada um dos entrevistados. Este

pequeno perfil biográfico não buscou abranger em profundidade a trajetória de vida de cada entrevistado, mas sim fornecer informações de seu envolvimento com a doença em questão. É um instrumento de pesquisa e, ao mesmo tempo, de divulgação do acervo, cujo conteúdo esperamos que possa contribuir para o desenvolvimento de outras pesquisas, além de reforçar o campo de história das doenças.²

Gostaríamos de agradecer a todos os nossos depoentes pelas horas de trabalho compartilhadas e convidamos a todos para um mergulho nestas trajetórias de vida tão especiais e importantes para o universo da ciência e da história da poliomielite.



1. Existe uma vasta produção bibliográfica que possibilita uma discussão bastante abrangente desta metodologia. Ver FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (orgs.). Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: FGV, 1996; FERREIRA, Marieta de Moraes, FERNANDES, Tânia e ALBERTI, Verena (orgs.). História oral: desafios para o século XXI. Rio de Janeiro: FGV, 2000; e ALBERTI, Verena. Ouvir contar: textos em história oral. Rio de Janeiro: FGV, 2004, dentre outros.

2. O conteúdo das entrevistas pode ser acessado na Sala de Consulta, do Departamento de Arquivo e Documentação, da Casa de Oswaldo Cruz. Endereço eletrônico: consulta@coc.fiocruz.br.

ÍNDICE DO ACERVO DE DEPOIMENTOS ORAIS

Airton Fischmann	17
Akira Homma	21
Anita Monteiro	25
Arcelino Bitar	29
Archimedes Theodoro	33
Arlindo Fábio de Sousa	37
Ciro de Quadros	41
Cláudio do Amaral	45
Cláudio da Silveira	53
Cristina Rocha	59
Edson Elias da Silva	63
Eduardo Maranhão	65
Elizabeth Marques	69
Fábio Moherdau	73
Fernando Laender	77
Guido Palmeira	79
Helvécio Bueno	81
Hermann Schatzmayr	87
Isabel Stefano	91

Ivanildo Franzosi	95
João Baptista Risi Júnior	99
João Lima Filho	103
José Fernando Verani	107
Maria Cristina Pedreira	111
Maria da Luz Fernandes Leal	115
Maria de Lourdes de Sousa Maia	117
Maria Lúcia Carnellosso	121
Mitiko Fujita	125
Mozart de Abreu e Lima	129
Oacyr de Almeida Pinto	135
Roberto Becker	139

Airton Fischmann



Airton Fischmann nasceu em 16 de outubro de 1941, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Descendente de imigrantes judeus russos, desde cedo se interessou pela medicina, por influência de um tio paterno, Jaime Fischmann, e um primo materno, Davi Boianowski, sendo que este último foi consultor da OEA na área de alimentos. Formou-se pela Faculdade Católica de Medicina na mesma cidade, em 1966. Apesar de querer ser pediatra, acabou por se especializar em Tisiologia, graças a Moacyr

Scliar. Atuou como médico tisiologista da Secretaria Estadual de Saúde (SES) do Rio Grande do Sul, entre 1967 e 1969. Em 1971, concluiu o Curso de Especialização em Saúde Pública, na Universidade de São Paulo (USP).

No retorno a Porto Alegre, trabalhou como médico da Unidade de Vigilância Epidemiológica até 1975. Entre 1975 e 1978, foi diretor da Escola de Saúde Pública da Secretaria de Saúde do Rio Grande do Sul. Paralelamente, cursou o mestrado na Faculdade de Saúde Pública da USP, defendendo sua dissertação em 1978, sobre a investigação da varíola no estado do Rio Grande do Sul, atividade da qual participou ativamente, como membro da equipe que atuou na erradicação da doença no estado.

Foi nomeado diretor-geral da SES e exerceu o cargo de 1979 a 1982. Assessorou o Ministério da Saúde de 1982 a 1985, trabalhando na Secretaria Nacional de Ações Básicas em Saúde (SNABS). Foi também consultor da Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) e epidemiologista do Programa Ampliado de Imunização (PAI) entre 1987 e 1997, tomando parte nas atividades de erradicação da poliomielite e do sarampo, na Venezuela e em outros países da América Latina. Desde 1998, é assessor de epidemiologia da Secretaria de Saúde do Rio Grande do Sul.

SUMÁRIO

FITA 1 LADO A

Sua origem familiar e a ascendência judaica; comentários sobre o início de sua vida profissional no Sanatório Partenon como tisiologista e a Residência em Clínica Médica na Santa Casa da Misericórdia; a graduação na Faculdade Católica de Medicina de Porto Alegre, de 1961 a 1966; o concurso para médico-legista, realizado em 1966, e sua aprovação no concurso para a vaga de tisiologista da SES; comentários acerca do tratamento via internação do paciente; menção a Werner Opt e sua contribuição para as mudanças desta concepção de tratamento; considerações sobre o Programa Saúde da Família e os Agentes Comunitários de Saúde; as atividades de Ernani Camargo na luta contra a poliomielite; comentários sobre vigilância epidemiológica e o relatório da Seção de Epidemiologia da SES, em 1966.

FITA 1 LADO B

O conceito de vigilância proposto por Alexander Langmuir, em 1964; o convênio entre a SES e o Ministério da Saúde, por intermédio da Fundação SESP, em 1969; relato sobre o trabalho realizado durante este convênio; a extinção da Seção de Epidemiologia da SES e a criação da Unidade de Vigilância Epidemiológica (UVE), em 1969; comentários sobre as atividades realizadas pela UVE no combate à varíola; a especialização em saúde pública, na USP, em 1971.

FITA 2 LADO A

Os resultados das primeiras campanhas de combate à poliomielite; os Anais do

Primeiro Seminário Brasileiro de Vigilância Epidemiológica da Varíola, realizado em João Pessoa, em 1972; o treinamento dos médicos para diagnosticar a pólio; seu trabalho como diretor da Escola de Saúde Pública de Porto Alegre, entre 1975 e 1978; breve relato sobre o trabalho de Paulo de Oliveira Chaves; a seleção e treinamento dos auxiliares de epidemiologia e os resultados obtidos; algumas dificuldades encontradas para a realização dos projetos da UVE.

FITA 2 LADO B

As primeiras campanhas nacionais de vacinação, sua divulgação e receptividade; a Conferência de Alma-Ata, em 1979; lembrança de Carlos Gentile de Mello; os cursos descentralizados de saúde pública, em convênio com a Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP), da Fiocruz; as circunstâncias do convênio INAMPS/Secretaria da Saúde para o atendimento aos pacientes com tuberculose.

FITA 3 LADO A

A questão do suprimento de vacinas nas campanhas e o sistema de rede de frio; comentários sobre a importância da erradicação mundial de doenças como a poliomielite e a varíola; relato sobre o Fundo Rotatório Internacional; a forma de realização dos Cursos Básicos de Vigilância Epidemiológica; destaque para as atividades realizadas pela SNABS; as circunstâncias do seu retorno à Vigilância Epidemiológica; a experiência como professor de medicina preventiva, na Faculdade Católica; o trabalho junto à OPAS, no Programa de Erradicação da Poliomielite.

FITA 3 LADO B

Comentários sobre as atividades desenvolvidas no PAI; a importância de Ciro de Quadros e da OPAS no programa de erradicação do sarampo que integrou o Brasil a países vizinhos; seu trabalho na SES como assessor em epidemiologia, em 1998; comentários sobre o Curso de Vigilância Epidemiológica.

FITA 4 LADO A

Comentários sobre a administração do Partido dos Trabalhadores em Porto Alegre; a atuação da Coordenação de Ações Integradas (CAIS) e dos grupos geo-operativos; referência ao programa “Municipalização Solidária Saúde”, do Governo Estadual; lembranças de suas últimas atividades na OPAS; as previsões para a erradicação do sarampo e da poliomielite até 2005; o armazenamento do acervo documental feito pelo Ministério da Saúde.

FICHA TÉCNICA

ENTREVISTA: Anna Beatriz de Sá Almeida e Laurinda Rosa Maciel

TRANSCRIÇÃO: Marcello Cappucci Frisoni

CONFERÊNCIA DE FIDELIDADE:

Laurinda Rosa Maciel

SUMÁRIO: Angélica Estanek Lourenço e

Laurinda Rosa Maciel

RESENHA BIOGRÁFICA: Laurinda Rosa Maciel

NÚMERO DE FITAS: 4

TEMPO DE GRAVAÇÃO: 3h30min

LOCAL: Porto Alegre, RS

DATA: 6/8/2001

Akira Homma



Akira Homma nasceu em 12 de agosto de 1939, em Presidente Wenceslau, estado de São Paulo, filho de Harusi Homma e Koyuki Homma. Do Instituto Adolfo Lutz, em São Paulo, veio para o Centro Pan-Americano de Febre Aftosa, em Duque de Caxias, Rio de Janeiro, em 1961. Formou-se em Medicina Veterinária em 1967, pela Universidade Federal Fluminense. Logo ingressou na Fiocruz, para trabalhar no Laboratório de Poliomielite do Departamento de Ciências Biológicas da

Fundação Escola de Saúde Pública, junto com Hermann Schatzmayr.

Em 1972, obteve o grau de Doutor em Ciências pelo Baylor College of Medicine, em Houston, Texas, Estados Unidos, com a tese “Estudos experimentais de utilização de filtro bobina para concentração de vírus de água de esgoto”. Akira Homma ressalta, em sua entrevista, que a tese de Oswaldo Cruz também foi sobre disseminação de agentes infecciosos via hídrica, sendo que seu estudo é sobre vírus e o de Oswaldo Cruz sobre bactérias. Trabalhou no Laboratório Bayer, na Alemanha, na produção de vacinas contra febre aftosa, no ano de 1974. Posteriormente, no período de 1990 e 1991, coordenou o Programa Nacional de Auto-Suficiência em Imunobiológicos (PASNI), do Ministério da Saúde, e deste ano até 1997 coordenou o Programa Especial de Vacinas e Imunização da OPAS.

Foi superintendente e diretor do Instituto de Tecnologia em Imunobiológicos da Fiocruz (Bio-Manguinhos), de 1976 a 1989, presidente (1989-1990) e vice-presidente de Tecnologia da Fiocruz (1997 a 2001). Responsável pela estruturação de Bio-Manguinhos, articulou convênios com instituições japonesas visando à produção da vacina oral contra a poliomielite e de outras vacinas. Ao longo da sua história na instituição, tem exercido a atividade de docente e de pesquisador, com inúmeras publicações e participações em eventos científicos. Em 2001, foi eleito diretor de Bio-Manguinhos, cargo no qual permanece até os dias de hoje.

SUMÁRIO

FITA 1 LADO A

Comentários sobre a experiência como técnico no Instituto Adolfo Lutz a partir de 1970; referência ao estudo sorológico com a vacina Sabin e menção a José Moura, do Departamento de Neurologia daquela instituição; considerações sobre os estudos sorológicos desenvolvidos no México; referência a Luiz Fernando Ferreira, da ENSP, e a sua transferência do Instituto Adolfo Lutz para a ENSP, em 1968; sua participação no Centro Pan-Americano de Febre Aftosa, em Duque

de Caxias; referência a Edmar Terra Blóis; comentários sobre sua pesquisa de isolamento do vírus da poliomielite em cultura de tecidos, na ENSP; a origem das vacinas contra a poliomielite compradas pelo Governo Federal; menção a Hermann Schatzmayr e os testes com as vacinas contra a pólio; menção a Craig Wallis e a Joseph Melnick; a pós-graduação no Texas, de 1969 a 1971; a aquisição de uma bolsa de pesquisa junto à Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS); comentários sobre sua atuação nos campos da virologia e da epidemiologia e as políticas nacionais de imuni-



Visão panorâmica de trabalhadoras de Bio-Manguinhos na linha de produção das vacinas Sabin

zação nos anos 70; referência à sua tese de doutorado, coincidente com a de Oswaldo Cruz; a ida para o Laboratório Bayer, para produzir vacinas contra a febre aftosa, de 1974 a 1976; a organização da produção de imunobiológicos no IOC; referência a Vinícius da Fonseca e à atuação do Instituto de Produção de Medicamentos; o convite para organizar Bio-Manguinhos e seu pedido de demissão da Bayer; críticas ao salário dos pesquisadores da Fiocruz; o início das atividades em Bio-Manguinhos, em janeiro de 1977, e o processo de diversificação da produção de vacinas; a meta de produzir a vacina contra a poliomielite; os contatos com universidades e institutos de pesquisa no Japão e nos Estados Unidos; comentários sobre a transferência de tecnologia de produção da vacina contra a poliomielite do Japão, entre 1978 e 1980; as relações de Vinícius da Fonseca com o Instituto Pasteur e outros laboratórios; o intercâmbio de pesquisa com o Japão e as dificuldades de trabalhar com cobaias.

FITA 1 LADO B

Continuação dos comentários sobre as pesquisas com os rins de macacos; a importância do teste de neurovirulência e a referência a Renato Marchevsky; os impasses nas pesquisas sobre a produção da vacina antipólio; a relação da tecnologia japonesa com a criação do Instituto Nacional de Controle de Qualidade em Saúde (INCQS); menção à cobertura vacinal no Brasil e a especificidade do Nordeste; breves comentários sobre os programas de vacinação e a atuação da Secretaria Nacional de Ações Básicas de Saúde (SNABS); reflexões sobre

o custo da produção da vacina contra a poliomielite; referência à produção atual de vacinas e à formação dos estoques tampões; comentários sobre a questão do saneamento básico e do controle de vetores; a criação da *Children's Vaccine*; retomada da discussão dos custos de produção da vacina contra a poliomielite; breves considerações sobre os Dias Nacionais de Vacinação, o Programa de Controle da Pólio e a criação do Programa Nacional de Imunizações (PNI); reflexões sobre o problema da demanda de vacinas produzidas por Bio-Manguinhos, entre 1980 e 1985; o controle de qualidade das vacinas junto ao Ministério da Saúde e a atuação da Central de Medicamentos (CEME); referência a Leonildo Vinter; comentários sobre a entrevista.

FICHA TÉCNICA

ENTREVISTA: Dilene Raimundo do Nascimento e Anna Beatriz de Sá Almeida

TRANSCRIÇÃO: Rosa M J Dutra

CONFERÊNCIA DE FIDELIDADE: Ives Mauro Junior e Anna Beatriz de Sá Almeida

SUMÁRIO: Daiana Crús Chagas e Dilene Raimundo do Nascimento

RESENHA BIOGRÁFICA: Dilene Raimundo do Nascimento

NÚMERO DE FITAS: 1

TEMPO DE GRAVAÇÃO: 1h

LOCAL: Rio de Janeiro, RJ

DATA: 27/3/2002

Anita Monteiro



Anita Ivoni Camilotti Monteiro nasceu em Guaporé, interior do Rio Grande do Sul. Filha de Pedro Camilotti e Inez Gazome Camilotti, ambos de ascendência italiana. Sua afinidade com a bioquímica e a biologia vem desde os primeiros estudos no Colégio Bom Conselho, em São Leopoldo, RS. Já em Porto Alegre, entrou para a Faculdade de Farmácia e Bioquímica da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em 1962. Durante a graduação, estagiou em laboratórios particu-

res e no Laboratório da Santa Casa da Misericórdia de Porto Alegre, onde teve acesso às práticas cotidianas de pesquisa básica em laboratório.

Concluiu a graduação em 1965 e, logo depois, iniciou estágio no Laboratório de Virologia do Instituto de Pesquisas Biológicas (IPB) do Estado do Rio Grande do Sul, cujo diretor era Newton Neves da Silva, o qual considera seu grande incentivador. Trabalhou primeiramente com a ocorrência dos vírus *coxsakie* na população do estado, além da produção de cultivos celulares, cultivos primários e linhas celulares, estes últimos utilizados no isolamento viral de casos de paralisia. Também realizou pesquisas com os tumores de Burkitt, mas à medida que houve um aumento dos casos de poliomielite, o laboratório direcionou seu trabalho para o desenvolvimento e aperfeiçoamento do isolamento viral e titulação de anticorpos.

Destacou, ao longo da sua entrevista, sua proximidade com Hermann Schatzmayr, da Fiocruz, instituição na qual realizou estágios e participou de cursos, o primeiro deles em 1971. Dirigiu o Laboratório de Virologia, do Laboratório Central de Saúde Pública do Estado do Rio Grande do Sul IPB/LACEN, de 1969 até 1990. Com destacada atuação no campo da virologia, trabalhou diretamente no controle e na erradicação da poliomielite no Sul do país, e seu laboratório, por um período, integrou-se à Rede de Laboratórios para Diagnósticos do Brasil.

SUMÁRIO

FITA 1 LADO A

Comentário sobre a origem familiar; breve consideração sobre a formação escolar no Colégio Bom Conselho, em Porto Alegre; a graduação em farmácia e bioquímica na UFRGS; menção ao estágio na Santa Casa de Misericórdia; o convite para trabalhar com Newton Neves da Silva, no Laboratório de Virologia do IPB; considerações sobre a composição estudantil na Faculdade de Farmácia; a atração pela área de microbiologia durante o curso de graduação; a importância do professor Declínio Bercker; considerações sobre o currículo e a estrutura da Faculdade de Farmácia; comentários sobre o cotidiano de trabalho em um laboratório; o curso de revisão e especialização em parasitologia; o estágio no Laboratório Marques de Almeida; considerações sobre professores universitários que atuam em laboratórios privados; as atividades no Laboratório de Virologia do IPB e a pesquisa com o vírus *coxsakie*; breves considerações sobre o laboratório como centro de referência e sobre sua infra-estrutura; a indicação para trabalhar com Newton Neves da Silva; o trabalho de verificação da titulação da vacina contra a poliomielite; considerações sobre a introdução de uma rotina de vacinação no Rio Grande do Sul; menção a Cláudio da Silveira e Airton Fischmann; comentário sobre o trabalho com o Tumor de Burkitt; as atividades do laboratório na epidemia de poliomielite; considerações sobre o intercâmbio entre o laboratório, os serviços de saúde locais e o grupo de epidemiologia; nova referência a Cláudio da Silveira; comentá-

rios sobre a equipe do laboratório, em especial, Dorothea Ferlin e Americano Vital; considerações sobre a assessoria de Hermann Schatzmayr e da Fiocruz e a pesquisa de águas em Porto Alegre; o trabalho em parceria com a Fiocruz e a atuação junto à sociedade; considerações sobre a rotatividade de profissionais no Laboratório; menção a Domingos Telecher Clausel e seu papel no campo da virologia; breve consideração sobre a varíola e os trabalhos desenvolvidos no Instituto; referência aos profissionais que trabalharam com a poliomielite (Mirtha de Naval, Cláudio da Silveira, Neida Duarte Ávila, Rosaura Kirsten, Americano Vital e Dorothea Ferlin); considerações sobre a sua vinculação ao Laboratório.

FITA 1 LADO B

Considerações sobre as gestões de Newton Neves da Silva e Cláudio da Silveira no IPB; referência ao trabalho em conjunto com Cláudio da Silveira; considerações sobre o papel da virologia e da epidemiologia nas campanhas; comentário sobre o trabalho com Newton Neves da Silva; o convite para assumir a chefia do laboratório; a realização de cursos de reciclagem para os profissionais do laboratório; considerações sobre a assessoria de Hermann Schatzmayr e da Fiocruz: o caso do diagnóstico de rubéola, o papel de Rita Nogueira e outros exemplos de atualização dos profissionais do laboratório; comentário sobre a publicação dos resultados das pesquisas; a importância de publicar o trabalho sobre as crianças vacinadas contra a pólio no Paraná; o trabalho da epidemiologia quando ocorrem falhas na vacinação; o

papel do Laboratório de Referência da Fiocruz na erradicação da poliomielite; comentário sobre os Encontros Nacionais de Diagnóstico de Enterovirozes e a importância do trabalho integrado; comentários sobre o material do Ministério da Saúde para o diagnóstico da poliomielite; considerações sobre o diagnóstico de enterovirozes; a atuação como assessora da Divisão de Epidemiologia da Secretaria Nacional de Ações Básicas de Saúde (SNABS); considerações sobre o impacto da vacinação na formação de anticorpos e no diagnóstico dos vírus isolados; breve comentário sobre o papel do Laboratório de Referência da Fiocruz e de laboratórios do exterior na confirmação e padronização dos diagnósticos; sua participação no processo de erradicação da poliomielite e o cotidiano do trabalho; a importância dos laboratórios de referência na padronização dos diagnósticos; referência a Edson Elias da Silva e ao Laboratório de Enterovírus da Fiocruz; considerações sobre o Laboratório de Virologia do IPB como referência para o diagnóstico da pólio, na região Sul do Brasil; a diminuição dos casos de poliomielite e a dedicação a outras viroses (hepatite, sarampo e meningite).

FITA 2 LADO A

Continuação dos comentários sobre a reorganização do Laboratório visando ao isolamento de vírus em vias de erradicação; nova referência a Edson Elias da Silva; comentário sobre a identificação de um poliovírus vacinal no Rio de Janeiro; relato do novo trabalho com o isolamento do vírus da meningite; comentários sobre o trabalho de isolamento do vírus do sarampo; relato sobre a experiência

com doenças erradicadas; considerações sobre a importância da integração entre o laboratório e a prática epidemiológica; comentários sobre o surto de uma doença no município de Nova Iguaçu, no Rio de Janeiro, em 1999; considerações sobre a entrevista; comentários finais sobre o diagnóstico e a erradicação da pólio.

FICHA TÉCNICA

ENTREVISTA: Anna Beatriz de Sá Almeida e Laurinda Rosa Maciel

TRANSCRIÇÃO: Maria Lúcia dos Santos

CONFERÊNCIA DE FIDELIDADE:
Laurinda Rosa Maciel

SUMÁRIO: Daiana Crús Chagas e Laurinda Rosa Maciel

RESENHA BIOGRÁFICA: Laurinda Rosa Maciel

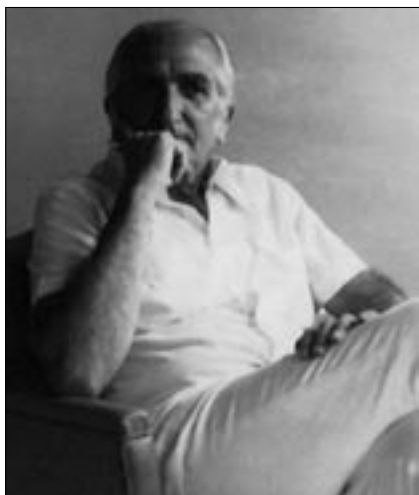
NÚMERO DE FITAS: 2

TEMPO DE GRAVAÇÃO: 1h30min

LOCAL: Porto Alegre, RS

DATA: 7/8/2001

Arcelino Bitar



Arcelino Chicré Miguel Bitar, filho de imigrantes libaneses, é natural do Pará, onde se graduou em medicina na Faculdade de Medicina e Cirurgia, em 1940. Fez internato no Pronto Socorro de Belém e na Santa Casa da Misericórdia do Pará, percebendo logo sua inclinação para a ortopedia.

Após sua formatura, veio para o Rio de Janeiro com o colega e amigo Clóvis Meira e iniciou sua carreira profissional na área de ortopedia do Hospital Pronto Socorro, hoje Souza Aguiar, na equipe de Benjamim Baptista, chefiada por José Paulo de Azevedo Sodré. No ano

seguinte, 1941, seguindo a sugestão de Armando Nogueira, cirurgião da equipe do Hospital Pronto Socorro, ingressou no Hospital Jesus, chamado, à época, de Escola de Ortopedia Pediátrica, para ficar por um período de seis meses e lá se aposentou, em 1986. Trabalhou no Serviço de Cirurgia Infantil e Ortopedia.

Por indicação de Oswaldo Campos, Arcelino Bitar estagiou no *Shiners Hospital for Crippled Children*, na Filadélfia, Estados Unidos, em 1943 e 1944, e no Serviço de Ortopedia do Hospital da Universidade Estadual de Iowa, onde adquiriu o título de *Masters of Science* em Ortopedia, em 1945. Trouxe a experiência de trabalho com grandes médicos americanos para o Hospital Jesus, o que o ajudou a se tornar um dos nomes de referência no tratamento dos seqüelados de pólio com problemas motores e ortopédicos, bem como no tratamento cirúrgico da tuberculose ósteo-articular. Foi no Hospital Jesus que se realizou a primeira operação de Harrington para escoliose e o primeiro alongamento de tibia pelo método Anderson.

Assumi a chefia do Serviço de Ortopedia, em 1974, cargo no qual permaneceu até 1986. Atuou também no Instituto dos Comerciantes, onde criou o Serviço de Ortopedia, no Instituto dos Bancários e no Hospital do Andaraí. Durante muito tempo assessorou os residentes em ortopedia pediátrica.

Ingressou na Sociedade Brasileira de Traumatologia e Ortopedia, em 1946, foi membro de diretorias nacionais e presidiu a regional do Rio de Janeiro. Foi também subdiretor da *Revista Brasileira de Ortopedia*, criada em 1966. Faleceu em janeiro de 2005.

SUMÁRIO

FITA 1 LADO A

A origem familiar de ascendência libanesa; a viagem ao Líbano ainda criança; longas lembranças de sua infância; motivos para optar pela medicina; considerações sobre a graduação realizada na Faculdade de Medicina e Cirurgia do Pará, em 1935; menção a colegas e professores: Clóvis Meira, Carlos Alberto Leite e Dias Júnior, professor de anatomia.

FITA 1 LADO B

Considerações sobre as aulas práticas realizadas na Santa Casa da Misericórdia do Pará; as circunstâncias da vinda para o Rio de Janeiro e o trabalho no Hospital Pronto Socorro, atual Hospital Souza Guaiar; a indicação de Armando

Nogueira para trabalhar no Hospital Jesus; o trabalho com pacientes com seqüelas; considerações sobre a epidemia de 1953, com 276 casos de poliomielite; relato sobre os sintomas da poliomielite; as dificuldades na utilização do pulmão de aço; a fundação do Centro de Internação de Pólio Agudo (CIPA), cuja diretora era Itamara Meilman; considerações sobre o diagnóstico da poliomielite, na década de 1940; comentários sobre a população mais atingida pelo vírus; considerações sobre o tratamento da pólio e os casos cirúrgicos.

FITA 2 LADO A

As circunstâncias de sua vinda para o Rio de Janeiro; comentário sobre a cidade naquela época; sua permanência no Serviço de Ortopedia no Hospital



Bota ortopédica utilizada em crianças com seqüela de pólio

dos Estrangeiros; comentários sobre o estágio no *Shriners Hospital for Crippled Children*, de 1943 a 1944; a experiência do estágio na Universidade Estadual de Iowa, de 1944 a 1945; relato sobre a *March of Dime*; considerações sobre sua tese, intitulada “Equalização do comprimento dos membros inferiores”; comentários sobre a medicina nos Estados Unidos e na Itália; seu retorno ao Brasil e ao Hospital Jesus, em 1945; referência ao início de seu trabalho como ortopedista do Hospital dos Comerciários, em 1948; relato sobre a técnica aprendida nos Estados Unidos e trazida para o Brasil; sua nomeação como chefe do Serviço de Ortopedia do Hospital Jesus, em 1976.

FITA 2 LADO B

O I Simpósio Internacional de Ortopedia Pediátrica, em 1977; os intercâmbios realizados; a descoberta de novos remédios, a penicilina, a estreptomina e a vacina contra a pólio; considerações sobre o desenvolvimento e o uso das vacinas Salk e Sabin e os três tipos de vírus; comentários acerca das diferenças entre as vacinas Salk e Sabin; referência ao artigo da Revista *Life*, de 1955, intitulado “O Novo Preventivo de Pólio”; o espaço da pólio nas revistas médicas.

FICHA TÉCNICA

ENTREVISTA: Anna Beatriz de Sá Almeida e Laurinda Rosa Maciel

TRANSCRIÇÃO: Maria Lúcia dos Santos

CONFERÊNCIA DE FIDELIDADE:
Anna Beatriz de Sá Almeida e
Laurinda Rosa Maciel

SUMÁRIO: Angélica Estanek Lourenço e
Anna Beatriz de Sá Almeida

RESENHA BIOGRÁFICA: Laurinda Rosa Maciel

NÚMERO DE FITAS: 2

TEMPO DE GRAVAÇÃO: 2h

LOCAL: Rio de Janeiro, RJ

DATA: 20/6/2002

Archimedes Theodoro



Archimedes Theodoro nasceu em Caratinga, Minas Gerais. Desde cedo manifestou o desejo de ser médico pediatra, por influência do avô e de um antigo médico de Caratinga, mas também por querer sair do interior e ir para a cidade grande. A alta incidência de tuberculose na cidade de Belo Horizonte, onde morava, no final da década de 1930, deixou sua mãe temerosa com sua saúde, fazendo-o vir para o Rio de Janeiro estudar na Universidade Federal Fluminense (UFF).

Ingressou no curso de Medicina em 1940 e, no final do quarto ano, foi aprovado como acadêmico-residente no Instituto Fernandes Figueira (IFF), ligado ao Departamento Nacional da Criança. Após a graduação, fez prova para médico-residente no mesmo Instituto, reforçando sua ligação com a área de atenção e cuidado materno-infantil. Voltou para Caratinga em 1948, exerceu a pediatria em consultório particular, trabalhou em vários hospitais e foi chefe do Centro de Saúde de Caratinga, como médico concursado da Secretaria de Saúde de Minas Gerais.

Entre os anos de 1966 e 1986, exerceu vários cargos de direção na Secretaria Estadual de Saúde, sobretudo no Departamento Estadual da Criança, no Instituto da Previdência dos Servidores do Estado e no Centro Metropolitano de Saúde. De 1975 a 1978, foi secretário adjunto na Secretaria Estadual de Saúde e, na década de 1980, diretor do Departamento de Assistência Médica e Social do Instituto de Previdência dos Servidores do Estado. Foi presidente do Conselho Regional de Medicina de Minas Gerais entre 1982 e 1984, além de *fellow* da Academia Americana de Pediatria e orador da Sociedade Mineira de Pediatria.

Sua ligação com o Rotary Club do Brasil tem início na década de 1950, quando volta a Caratinga, após a graduação no Rio de Janeiro. Foi presidente do Rotary Club de Belo Horizonte no biênio 1968-1969 e, em 1980, se torna membro do *Board of Directors* do Rotary International, onde permanece até 1982. Foi presidente da Comissão Nacional do Programa PólioPlus do Rotary International e curador da Fundação Rotária do Rotary International, entre 1996 e 1999. Até hoje é membro respeitado do Rotary de Belo Horizonte.

SUMÁRIO

FITA 1 LADO A

Comentários sobre a história pessoal e familiar em Minas Gerais, primeiro em Caratinga, depois em Belo Horizonte; referência à graduação em Medicina, no Rio de Janeiro, na década de 1940; retomada de comentários sobre a vida pessoal; a opção pela UFF; sua experiência como médico residente no IFF, do Departamento Nacional da Criança; referência a César Pernet, Mario Olinto, Hélio de Martini e Luis Torres Barbosa; comentários sobre sua atuação como pediatra; a transferência para o Hospital dos Servidores; o retorno a Caratinga e a vida profissional e pessoal na cidade; menção à sua participação na Semana da Criança e à palestra no Rotary Club, em 1948; a opção de voltar para Caratinga definitivamente; sua entrada para o Rotary Club; as primeiras experiências com casos de poliomielite e o contato com a vacina Salk, em 1956; o pioneirismo no uso da vacina contra a pólio em Caratinga; suas motivações para atuar no combate à poliomielite; comentários sobre a imunização em Caratinga; o interesse dos Governos Federal e Estadual em importar mais vacinas contra a pólio e a posterior chegada da vacina Sabin; o início das Campanhas Nacionais de Vacinação; breve menção à importância da conscientização materna; sua participação como diretor do Departamento Estadual da Criança; as pressões para entrar na carreira política; sua gestão como diretor distrital do Rotary Clube e a ascensão internacional; considerações sobre o funcionamento de um Distrito do Rotary Club.

FITA 1 LADO B

Continuação das considerações sobre o funcionamento de um Distrito do Rotary; reflexões sobre o primeiro caso de poliomielite que acompanhou no Rio de Janeiro; referência a Valdir de Abreu e a Martin da Rocha; os casos de poliomielite nas cidades do Rio de Janeiro e em Caratinga; reflexões sobre surtos epidêmicos e políticas públicas; considerações sobre o trabalho do Grupo Técnico da Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) e da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) na investigação de surtos epidêmicos; comentários sobre o pioneirismo brasileiro nas campanhas nacionais de imunização; as condições de saúde em Minas Gerais; retomada de comentários sobre sua trajetória; menção à presidência no Rotary Club de Belo Horizonte, sua estrutura administrativa e atuação no mundo; o projeto PólioPlus financiado pelo Rotary Club; o programa de imunização contra a pólio nas Filipinas; referência a Paul Harris; comentários sobre a atuação recente no Rotary Club.

FITA 2 LADO A

Comentários sobre os programas humanitários e a participação de empresas como a Fundação Rotária; reflexões sobre aspectos humanitários; considerações sobre o Programa de Vacinação contra a Poliomielite nas Filipinas, entre 1979 e 1983; a parceria entre o Rotary Club e a Organização Mundial da Saúde (OMS); comentários sobre a experiência das Filipinas como embrião do Programa PólioPlus; as deliberações da Assembléia Mundial de Saúde; reflexões sobre os programas de imunização; a relação entre os Dias Nacionais de Vacinação e o Programa de Imuniza-

ção no contexto brasileiro da década de 1980; considerações sobre os bastidores políticos; reflexões sobre as políticas de imunização no Brasil; a questão da obtenção de recursos financeiros; o surto de poliomielite em Pernambuco, nos anos 80; comentários acerca do uso das campanhas de vacinação contra a pólio como bandeira de conscientização; a diferença nas metas de erradicação da OMS e do Rotary Club.

FITA 2 LADO B

Comentários sobre as campanhas de vacinação; referência a Eduardo Maranhão; as experiências atuais de vacinação na Índia e no Paquistão, patrocinadas pelo Rotary Club; retomada dos comentários sobre a Campanha de Vacinação em Pernambuco; referência a José Fernando Verani; considerações sobre o programa Parceiros PólioPlus, o projeto PólioPlus e o PNI, quando diretor do Departamento Estadual da Criança; sua participação no Plano Nacional de Controle da Poliomielite; referência a Carlyle Guerra de Macedo; opinião sobre o valor da medicina preventiva decorrente da experiência do Instituto Fernandes Figueira; comentários sobre a relação entre pediatra e mãe; considerações sobre o uso da vacina Sabin no Brasil, a aceitação da vacina Salk e o incidente Cutter; referência a Arnold Toynbee; opinião sobre o processo de municipalização da saúde e as campanhas de vacinação; considerações acerca das políticas públicas no Brasil; comentários sobre o sucesso das campanhas de vacinação; o caso do vírus vacinal na República Dominicana; o intercâmbio entre África, Índia, Japão e Brasil na área da saúde; o processo de compra da

vacina contra a pólio pelo Rotary Club e pelo Governo brasileiro; a relação entre as agências de saúde nacionais e internacionais e o Ministério da Saúde.

FITA 3 LADO A

Comentários sobre o Ministério da Saúde; os registros dos relatórios do Unicef; referência a Bernard Cântero; menção a Hermann Schatzmayr e a Akira Homma; o reconhecimento do Governo brasileiro ao trabalho do Rotary Club; considerações sobre sua participação no Seminário Nacional de Vacinação em Belo Horizonte; referência a Alcení Guerra, a Luis Carlos Borges da Silveira, a Domicina Monteiro e a Bernard Guenter; o trabalho conjunto do Ministério da Saúde e da Fundação Rotária; comentários sobre o Programa de Controle da Poliomielite; as parcerias entre a OMS, o Rotary Club e o Unicef; considerações sobre a Comissão Nacional do PólioPlus; a participação da empresa Odebrecht; opiniões sobre a experiência de imunização nas Américas; referência a Ciro de Quadros; comentários sobre a questão social e as epidemias; menção às contribuições estrangeiras ao Rotary Club e à erradicação da pólio.

FITA 3 LADO B

Críticas à ação filantrópica do empresário nacional; referência a José Alfredo Pretone; as tentativas da nova gestão do Rotary Club de ampliar parcerias; comentários sobre os investimentos em trabalho estratégico; reflexões sobre a futura erradicação do sarampo; análise das estatísticas oficiais da OMS e da OPAS; a possibilidade de novos programas de erradicação; considerações finais do entrevistado.

FICHA TÉCNICA

ENTREVISTA: Dilene Raimundo do Nascimento
e Laurinda Rosa Maciel

TRANSCRIÇÃO: Maria Lúcia dos Santos

CONFERÊNCIA DE FIDELIDADE: Ives Mauro Junior

SUMÁRIO: Daiana Crús Chagas e
Laurinda Rosa Maciel

RESENHA BIOGRÁFICA: Laurinda Rosa Maciel

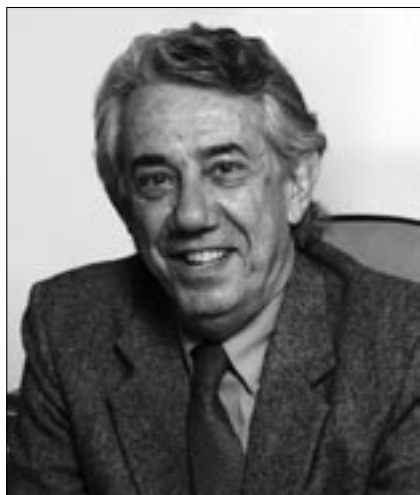
FITAS GRAVADAS: 3

TEMPO DE GRAVAÇÃO: 2h45min

LOCAL: Belo Horizonte, MG

DATA: 10/5/2001

Arlindo Fábio de Sousa



Arlindo Fábio Gômez de Sousa nasceu em maio de 1942, em Bagé, Rio Grande do Sul. Fez os primeiros estudos nessa cidade e desde o curso ginasial teve intensa participação política. O contato com a direção nacional da Juventude Estudantil Católica o trouxe ao Rio de Janeiro e aqui fez a graduação, formando-se em Sociologia pela Pontifícia Universidade Católica (PUC), em 1966. Em julho de 1967, foi admitido na Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP) e acabou enveredando pelo campo da saúde pública,

especializando-se em Administração e Planejamento em Saúde. Foi chefe do Departamento de Ciências Sociais, vice-diretor e diretor da ENSP e vice-presidente da Fiocruz (1985 a 1990).

Integrante do grupo que, desde o final dos anos 70, lutou por uma nova saúde pública no país, participou ativamente de cinco Conferências Nacionais de Saúde, coordenou a Comissão Nacional da Reforma Sanitária, presidiu a Associação Brasileira de Pós-Graduação em Saúde Coletiva (ABRASCO) e foi membro do Conselho Nacional de Saúde. Vivenciou a discussão entre os defensores das propostas campanhista *versus* serviço de rotina, em especial o debate acerca dos dias nacionais de vacinação. Sua experiência mais direta no processo de controle e erradicação da poliomielite no Brasil deu-se quando era vice-diretor da ENSP e um dos coordenadores do acordo com o Programa Ampliado de Imunizações (PAI), da OPAS, na referida escola.

Com grande experiência no campo da comunicação em saúde, sua entrevista também possibilitou a discussão acerca das estratégias e mudanças no uso das imagens veiculadas durante os Dias Nacionais de Vacinação ao longo dos anos, em especial a figura do Zé Gotinha e o material das campanhas (cartazes, filmes publicitários etc). Atuou diretamente na criação do Canal Saúde em 1994 e, desde então, ocupa o cargo de superintendente, atividade que acumula com a Chefia de Gabinete da Fiocruz desde 2002.

SUMÁRIO

FITA 1 LADO A

Considerações sobre a graduação em Sociologia Política na PUC e as atividades como docente; o trabalho no Departamento de Ciências Sociais da ENSP; o panorama das ciências sociais no campo da saúde; referência ao ensino e à organização de cursos de saúde pública; comentários sobre a gestão da ENSP; menção a Ciro de Quadros e ao convite para as escolas de saúde pública integrarem o projeto do PAI; referência à reunião em Washington; o apoio de Eduardo Maranhão e Fernando Laender, do Departamento de Epidemiologia da ENSP; a coordenação do projeto

de formação de pessoal do PAI; referência a Ernani Braga.

FITA 1 LADO B

Continuação dos comentários sobre a formação de pessoal e produção de material para cursos; menção ao apoio de João Baptista Risi Júnior e do Ministério da Saúde; referência ao programa de auto-suficiência em vacinas da Fiocruz; a estratégia dos dias nacionais de imunização e a questão da logística; a integração do PAI com os dias nacionais; comentários sobre as críticas às campanhas e o apoio à rotina; referência à mobilização da população para a vacinação; o contexto da ditadura militar e as campanhas de vacinação contra a poliomielite; a fi-



Cartaz do Dia Nacional de Vacinação contra a Poliomielite. FUNASA, Ministério da Saúde

gura do Zé Gotinha e a propaganda nos meios de comunicação.

FITA 2 LADO A

Continuação dos comentários sobre as propagandas das campanhas de vacinação da pólio nos meios de comunicação; comentários sobre a estratégia da propaganda em saúde; comparação entre a campanha da varíola e a da pólio; considerações sobre a campanha de vacinação da poliomielite como marco no campo da comunicação em saúde; a experiência positiva da vacinação da pólio e a ampliação para as demais doenças do PNI; menção ao trabalho na Secretaria e na Direção da Fiocruz; Bio-Manguinhos e a busca de auto-suficiência na produção de vacinas; a compra de vacinas e visitas a laboratórios no exterior; comentários sobre a busca de tecnologias para a produção de vacinas no Brasil; o incentivo da OPAS e da OMS para a criação do Sistema Regional de Vacinas (SIREVA) e a produção de vacinas no Brasil e no México; menção à questão de recursos; considerações sobre as condições dos laboratórios produtores de vacina na América Latina.

FITA 2 LADO B

Comentários sobre o interesse das grandes multinacionais em se associar à Fundação; considerações sobre o Programa Nacional de Auto-Suficiência em Imunobiológicos (PASNI) e a questão dos recursos; a busca de convênios com outros países e a questão de uma política nacional de auto-suficiência imunobiológica; considerações sobre a política de comunicação na Fiocruz e o Programa do Canal Saúde; a criação do Núcleo de Vídeo; menção a Paulo Buss e a Elói Garcia.

FICHA TÉCNICA

ENTREVISTA: Anna Beatriz de Sá Almeida e Laurinda Rosa Maciel

TRANSCRIÇÃO: Angélica Estanek Lourenço

CONFERÊNCIA DE FIDELIDADE:
Gissele Viana Carvalho

SUMÁRIO: Gissele Viana Carvalho e Anna Beatriz de Sá Almeida

RESENHA BIOGRÁFICA:
Anna Beatriz de Sá Almeida e Laurinda Rosa Maciel

NÚMERO DE FITAS: 2

TEMPO DE GRAVAÇÃO: 2h

LOCAL: Rio de Janeiro, RJ

DATA: 21/11/2001

Ciro de Quadros



Ciro de Quadros nasceu em 1940, em Rio Pardo, no Rio Grande do Sul, onde fez seus estudos primários. Ingressou na Escola Católica de Medicina da Santa Casa da Misericórdia de Porto Alegre, em 1961. Durante a graduação, teve contato com doenças causadas pela pobreza, o que despertou seu interesse pela epidemiologia. Ao se formar, veio para o Rio de Janeiro e foi contratado pela Fundação SESP para trabalhar em Pernambuco e posteriormente no Pará. Voltou para o Rio de Janeiro a fim de fazer especialização na Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP).

Ao terminar o curso, assessorou a Secretaria de Saúde do Estado do Paraná na formação de um núcleo epidemiológico em nível estadual. Nesse período, o diretor mundial da campanha contra a varíola, Donald Henderson, visitou o Brasil e foi conhecer a experiência do Paraná, onde se trabalhava com vigilância e bloqueio, que era uma estratégia diferente na erradicação da doença. Algum tempo depois, foi convidado pelo próprio Donald Henderson para trabalhar na campanha da varíola na Etiópia. Em 1970, Ciro de Quadros partiu para a Etiópia e considera uma grande experiência profissional e de vida os oito anos que lá permaneceu.

Ao sair da Etiópia, foi para Genebra participar da organização mundial do Programa Ampliado de Imunizações (PAI), mas logo lhe foi sugerido que fosse trabalhar na OPAS, em Washington, pois ficaria mais próximo do Brasil. Foi assim que Ciro de Quadros assumiu a tarefa de estruturar o PAI na OPAS e, até dezembro de 2002, foi o diretor da Divisão de Vacinas e Imunizações da OPAS, com a responsabilidade de, entre outras coisas, assessorar os países-membros da entidade na implementação de políticas e estratégias de vacinação.

Liderou os esforços para a erradicação da poliomielite do continente americano por meio de um comitê formado por representantes da OPAS, Unicef, Usaid, Banco Interamericano de Desenvolvimento e Rotary Club Internacional. Desligou-se da OPAS em 2002 e assumiu a direção do Programa Internacional de Vacinas do Instituto Sabin.

SUMÁRIO

FITA 1 LADO A

Comentários acerca da infância em Rio Pardo, no Rio Grande do Sul; a formação escolar científica em Porto Alegre; o estudo na Escola Católica de Medicina da Santa Casa da Misericórdia de Porto Alegre; o interesse pela Saúde Pública e a visita à ENSP no Rio de Janeiro; as recomendações dos professores da ENSP para praticar saúde pública; a possibilidade de trabalho na Fundação SESP; comentários sobre as motivações para trabalhar com Saúde Pública na Escola de Medicina; a contratação pela Fundação SESP; breve menção ao trabalho como chefe da Unidade Sanitária de Altamira, no Pará; referência ao estágio em Pernambuco; considerações sobre o trabalho em Altamira durante o período militar; comentários sobre Altamira: o vice-prefeito, João Pezinho, a atividade de mobilização da comunidade e a formação de associações de moradores; menção aos indígenas na região de Altamira e Santarém; comentários sobre o curso de saúde pública no Rio de Janeiro; comentários sobre o projeto do Centro de Investigação Epidemiológica e o modelo de sistema de vigilância epidemiológica; comentários sobre a infraestrutura de saúde pública da Fundação SESP; comentários sobre a criação da Secretaria Nacional de Ações Básicas de Saúde (SNABS); o trabalho no Centro de Investigação Epidemiológica; a criação de um boletim epidemiológico no Paraná; comentários sobre Arnaldo Buzato; a mudança de ministro e o fim do Centro Epidemiológico; o trabalho na ENSP; comentários sobre a visita de

Donald Henderson ao Paraná; comentários sobre a estratégia de vigilância e bloqueio no combate à varíola, no Paraná; o convite para trabalhar no combate à varíola na Etiópia; comentários sobre o trabalho na Etiópia: a conjuntura histórica e política, a resistência da população à vacinação e à medicina ocidental.

FITA 1 LADO B

Continuação dos comentários sobre o trabalho para erradicar a varíola na Etiópia; considerações sobre os últimos casos de varíola na Etiópia; o último caso de varíola do mundo, na Somália; o convite para ajudar na organização do PAI; comentários sobre a origem do PAI; considerações sobre a organização do PAI e sua política de vacinações; o enfoque da OPAS em vigilância epidemiológica; comentários sobre o início do trabalho de João Baptista Risi Júnior no combate à poliomielite no Brasil; a criação do Programa Nacional de Imunizações (PNI); comentário sobre as divergências entre a Fundação SESP e o Ministério da Saúde; considerações sobre a Campanha de Vacinação contra a Meningite, em 1975; o surgimento das Campanhas Nacionais de Vacinação contra a Poliomielite; comentários sobre Albert Sabin e a relação com João Baptista Risi Júnior; menção a Jacques Noel Manceau; considerações sobre o Instituto Mérieux e seu trabalho com medicina preventiva; considerações sobre a produção de vacina para os programas da OMS e da OPAS; comentário sobre as relações entre o PAI e o PNI; a capacitação de profissionais de saúde para atuar no combate a doenças; o intercâmbio de profissionais entre o PAI e a OPAS; considerações sobre o início do

PAI no Brasil; continuação das reflexões sobre a relação entre PNI e PAI; considerações sobre a relação do PAI com os programas de vacinação de âmbito nacional; comentários sobre a posição da OPAS em relação à febre amarela.

FITA 2 LADO A

Comentários sobre a questão do combate ao *aedes aegypti* e à febre amarela; referência às tentativas de controle do *aedes aegypti*; a questão da centralização e descentralização das políticas de saúde nacionais; o papel dos programas de vacinação nas políticas de saúde; a criação dos Dias Nacionais de Vacinação em Cuba; a implementação do Dia Nacional de Vacinação em outros países e a importância das condições históricas e políticas; a periodicidade recente das campanhas de vacinação em Cuba; o dilema da vacinação em centros de saúde ou as campanhas nacionais; comentários sobre o papel das campanhas para o sistema de saúde e para erradicação de outras doenças; exemplos estatísticos de políticas de controle de doenças; considerações sobre a natureza de imunização das vacinas; referência à mutação dos vírus das vacinas: o caso da República Dominicana; consideração sobre os benefícios da imunização; a alternativa e as implicações de substituir a Sabin pela vacina Salk; sua participação em reuniões científicas de estruturação de campanhas; referência às observações de Albert Sabin sobre a vacina contra a pólio; considerações sobre o caso da República Dominicana; suas pesquisas de seqüenciamento genético dos vírus no Egito entre 1983 e 1993; referência a outras pesquisas na China; sua experiência em pesquisas de

seqüenciamento genético do vírus da pólio nas Américas entre 1991 e 2000; considerações sobre a baixa cobertura da vacina oral no Nordeste do Brasil e na África; relato sobre a virulência nos Estados Unidos; digressão sobre a historicidade do conhecimento científico; consideração sobre as mudanças decorrentes dos casos da República Dominicana e a repercussão na profilaxia da febre amarela; referência ao depoimento de Frederick C. Robbins; considerações sobre as campanhas de erradicação da pólio nas Américas nos anos 70 e 80; sobre a atuação de Donald Henderson nas campanhas; sua ida a Baltimore para encontrar Donald Henderson; longo relato sobre a situação epidemiológica nas Américas; considerações sobre Carlyle Guerra de Macedo; referência a James Grant na direção do Unicef; as propostas do Unicef e da OMS; novo comentário sobre o papel de James Grant; a atuação da OPAS; referência à opinião de Carlyle Guerra de Macedo sobre a erradicação da pólio; seu retorno a Baltimore para contactar Donald Henderson.

FITA 2 LADO B

Referências ao pesquisador mexicano Jesús Kumate e a Bill Phaton, membros do CDC; sua viagem com Albert Sabin a Salvador; seu retorno a Washington; comentários sobre a palestra do diretor da OPAS; as experiências sul-americana e cubana de erradicação da pólio; a constituição dos grupos da OPAS; sua experiência no Grupo Técnico Assessor; referência à reunião de Foz do Iguaçu durante as comemorações do centenário da Fiocruz; a criação do Comitê de Coordenação Interagencial (CCI); refe-

rência à atuação das agências bilaterais; considerações sobre a entrada do Banco Interamericano, do AID e do Rotary Internacional na campanha de erradicação da pólio; relato sobre os recursos investidos pelos países nas campanhas de erradicação da pólio; digressão sobre a contabilidade dos programas nacionais de vacinação; comentário sobre a Aliança Global de Vacinas, a *Global Alliance for Vaccine Immunization* (GAVI); comentários sobre a criação de comitês interagenciais e cursos na África e na Ásia; a polêmica da erradicação da pólio entre as instituições envolvidas; a questão do reforço aos programas nacionais de vacinas; breves considerações sobre: Carl Taylor, Hésio Cordeiro, o presidente da Academia de Medicina da Colômbia e Fernando Laender; comentários sobre o relatório da Comissão Taylor (*The Taylor Commission*); a opção pela erradicação da pólio em detrimento do sarampo; referência à erradicação do sarampo; a atuação da Fundação Gates contra os hemófilos e a hepatite; suas reuniões em Otawa e na Cruz Vermelha; a criação do Fundo Rotatório, em 1979, e sua finalidade; comentário sobre patentes de medicamentos; as críticas do Banco Interamericano e do Banco Mundial ao Fundo Rotatório; a tentativa de destruição do Fundo pela GAVI; comentários sobre a relação do Brasil com o Fundo Rotatório.

FITA 3 LADO A

Comentários sobre a auto-suficiência regional dos produtores públicos de vacinas; breve relato sobre a competição entre o Instituto Butantã e a Fiocruz; considerações sobre a existência de programas

de imunobiológicos desde os anos 70; a comparação com países sul-americanos; referência ao acordo da Smith-Klein com a Fiocruz para a vacina dos hemófilos; digressão sobre a proposta do Sistema Regional de Vacinas (SIREVA); sua experiência na diretoria do PAI; referências ao uruguaio-canadense José Luis di Fábio e à peruana Gina Tambini, coordenadores de divisões do PAI.

FICHA TÉCNICA

ENTREVISTA:

Dilene Raimundo do Nascimento,
Eduardo Maranhão, Laurinda Rosa Maciel,
Nísia Trindade, Jaime Benchimol e
Carlos Fidélis da Ponte

TRANSCRIÇÃO: Marcello Cappucci Frisoni

CONFERÊNCIA DE FIDELIDADE: Ives Mauro Junior

SUMÁRIO: Daiana Crús Chagas e
Dilene Raimundo do Nascimento

RESENHA BIOGRÁFICA:

Dilene Raimundo do Nascimento

NÚMERO DE FITAS: 3

TEMPO DE GRAVAÇÃO: 2h10min

LOCAL: Rio de Janeiro, RJ

DATA: 12/3/2001

Cláudio do Amaral



Cláudio do Amaral Júnior nasceu em Araraquara, São Paulo, em outubro de 1934. Seu pai era contador e, dentre seus clientes, estava o médico italiano Giuseppe Alfiero, escolhido para ser seu padrinho, e que muito o influenciou. Cláudio do Amaral veio para o Rio de Janeiro e se inscreveu na Universidade Federal Fluminense (UFF), em Niterói, concluindo a graduação em medicina no ano de 1967. Seu estágio final de curso foi realizado no Hospital Fratelli Vitae, em Milão, Itália.

Ainda em 1967, iniciou sua vida profissional trabalhando na Campanha de Erradicação da Varíola (CEV), coordenando-a no Maranhão, além de organizar os serviços de saúde do estado. Em 1969, ingressou na Fundação SESP e, no ano seguinte, coordenou a CEV, em vários outros estados, tais como Pernambuco, Rio de Janeiro e Paraná. Foi o último coordenador nacional da Campanha de Erradicação da Varíola e assistiu aos últimos casos da doença no Rio de Janeiro, além de preparar a documentação para a certificação da erradicação em todo o território nacional. O sucesso da Campanha de Erradicação da Varíola, segundo ele, foi fundamental como modelo para a poliomielite.

Cláudio do Amaral também teve importantes experiências de trabalho fora do Brasil. Foi consultor da OMS na Índia, de 1973 a 1976, atuando no controle de doenças transmissíveis, e no período de 1976 a 1980 trabalhou na Etiópia, onde presenciou os últimos casos de varíola no mundo. De volta ao Brasil, em 1981, dirigiu o Departamento de Epidemiologia da Fundação SESP, participando da coordenação nacional da vacinação contra a pólio, o sarampo e a tuberculose. Em 1983, foi diretor-geral do Departamento de Epidemiologia e Controle de Doenças da Secretaria Estadual de Saúde do Rio de Janeiro, no primeiro governo de Leonel Brizola.

Em 1988, foi assessor do ministro da Saúde para o Programa Nacional de Imunizações (PNI) e participou, com a OPAS, da elaboração do projeto de erradicação da pólio no país, utilizando a experiência adquirida com a varíola. Além disso, trabalhou em programas de prevenção da cólera, hepatite e dengue, em vários estados. Atualmente presta assessoria a diversas instituições.

SUMÁRIO

FITA 1 LADO A

Comentários sobre sua origem familiar e infância; longo relato sobre a convivência com o padrinho Giuseppe Alfiero, médico italiano; considerações sobre o hábito de acompanhar as atividades profissionais do padrinho; comentários acerca da sua paixão pelo cinema; sua formação escolar; comentário sobre o primário no Colégio Progresso de Araraquara e as lembranças da Irmã Querubina; longas recordações do colégio interno em Jaú, São Paulo, de padres belgas premonstratenses: a rotina e as regras do colégio, o convívio com os padres e irmãos, as disputas entre os alunos, as dificuldades de aprendizagem; recordações sobre o científico no colégio Liceu Pasteur em São Paulo, com características mais liberais.

FITA 1 LADO B

A opção pela medicina e a ligação afetiva com o padrinho Giuseppe Alfiero e sua esposa; o Curso di Túlio, preparatório para o vestibular de Medicina; a viagem para a Bélgica com estada na abadia de Averbode, à qual eram ligados os padres premonstratenses; a passagem pelo colégio Duque de Caxias e o curso de Tiro de Guerra; as lembranças da segunda esposa do padrinho Alfiero; o contato com pessoas recém-chegadas do Rio de Janeiro; o Teatro Brasileiro de Comédia, o Teatro Opinião e as influências de um mundo cultural diferente; o trabalho como inspetor de alunos no Liceu Pasteur; a vinda para o Rio de Janeiro a fim de cursar medicina.

FITA 2 LADO A

A convivência com os amigos e a mudança para a casa da tia materna em Niterói; o sítio em Itaboraí doado pelo tio e a plantação de laranjas; a aprovação no vestibular para medicina na Universidade do Brasil (atual UFRJ) e na UFF, em 1962; a escolha pela UFF e o início do curso em 1963; o momento político vivido e sua intensa atuação nas atividades do DCE; as escolhas partidárias e o sanitarismo como opção política na saúde pública; a participação nas campanhas para a erradicação da varíola, poliomielite e sarampo; a coordenação da Campanha de Controle da Hepatite B no Amazonas; a discordância da política de centralização da Organização Mundial da Saúde (OMS) e o apoio da Fiocruz; considerações sobre a Fundação SESP; retomada dos comentários sobre a vida estudantil e a atuação política na universidade com a vice-presidência do DCE; o golpe militar de 1964 e sua participação dentro da Ação Popular (AP).

FITA 2 LADO B

A militância política no meio acadêmico; o episódio conhecido como “A revolta das barcas” em Niterói, e sua importância como aprendizado de mobilização de massa; a importância de se erradicar uma doença como prática política; a influência do *Manifesto Comunista*, de Karl Marx, em sua formação política; sua visão do epidemiologista como uma espécie de “policia” da saúde; o movimento estudantil e a luta política contra a ditadura instaurada em 1964 no país; sua eleição para a presidência do DCE no quinto ano do Curso de Medicina e sua radicalização política; a influência

do DCE na escolha de Barreto Neto como reitor da UFF, durante a ditadura militar.

FITA 3 LADO A

A situação política dentro da Universidade e as negociações para a construção da sede do DCE; comentários sobre sua profissão e a importância de erradicar doenças; a estratégia da erradicação a partir de campanhas e a crítica ao modelo de vacinação de casa em casa; referências a Eduardo Costa e Arlindo Fábio de Sousa; considerações sobre a prática de saúde pública; breve comentário sobre a política dita de direita dentro da Fiocruz; referência a João Baptista Risi Júnior e ao material do SNI; comentário sobre a mobilização em massa para as campanhas de vacinação da pólio e do sarampo.

FITA 3 LADO B

A especialização em medicina sanitária e a trajetória da formação de um sanitarista; considerações sobre a vacinação nos postos de saúde; a experiência da varíola como modelo para erradicar a poliomielite; referência à sua participação na erradicação da varíola e da pólio; o processo de erradicação de doenças e o papel da escola; as mobilizações de massa para vacinação; menção à nova estratégia de vigilância epidemiológica do grupo do Rio Grande do Sul, na década de 1970; referência a Nilo Chaves de Brito Bastos e as primeiras vacinações contra a pólio; considerações sobre a ENSP e a Fundação SESP; comentários sobre Itamara Meilman e o Hospital Jesus; referência a Roberto Becker.

FITA 4 LADO A

Comentários sobre as unidades de vigilância epidemiológica montadas para a varíola e utilizadas na poliomielite; a escolha da pólio como doença a ser erradicada e como questão de saúde pública na década de 1970; a chegada da vacina nos anos 60 e o começo do estudo e treinamento de pessoal na Fundação SESP; comentário sobre a ausência de institutos nacionais produtores da vacina contra a pólio; considerações sobre a Fiocruz e a busca de auto-suficiência na produção de imunobiológicos; a estratégia brasileira de erradicação da pólio; o último caso de varíola no Brasil, em 1971, e o processo de erradicação na Ásia e na África; o trabalho na Índia e na Etiópia e os últimos casos de varíola no mundo; a estruturação da campanha da pólio na década de 1980 e o trabalho com Albert Sabin; comentários sobre a relação entre técnicos do Ministério da Saúde e Albert Sabin; menção a João Baptista Risi Júnior, Fernando Gomes e Waldir Arcoverde, ministro da Saúde; as divergências em relação aos dados estatísticos relativos à pólio; considerações acerca das vacinas Salk e Sabin; relato sobre o seu trabalho como assessor da OPAS e da OMS; a estratégia de erradicação da poliomielite no Brasil como modelo para os demais países; a sua volta ao Brasil e a estruturação da campanha de erradicação da pólio no Amazonas.

FITA 4 LADO B

Continuação dos comentários sobre sua volta ao Brasil e o trabalho com a equipe de epidemiologia da Fundação SESP; referência a Orlando Pirajá, Fernando Gomes e João Baptista Risi Júnior;

menção a Mozart de Abreu e Lima e ao grupo contrário à campanha da pólio; as transformações das unidades de vigilância epidemiológica da varíola em unidades polivalentes; a experiência positiva da vacinação combinada (varíola e sarampo) em 1969 e 1970 com Olivier Pereira, de São Paulo; retomada da questão da sua volta ao Brasil em 1980 e a implantação da campanha de vacinação contra a pólio; a opção pela vacina oral; considerações sobre a campanha e seu papel transformador.

FITA 5 LADO A

Continuação das considerações sobre a campanha e seu papel transformador; os Dias Nacionais de Vacinação e o papel da escola; referências a Arnaldo Buzato e à campanha da pólio no Paraná; o trabalho como secretário de Saúde do Estado do Rio de Janeiro no Governo Brizola e sua ida para o Ministério da Saúde; o planejamento da campanha da erradicação da poliomielite na Fundação SESP e o início da campanha nacional; a coordenação da campanha no Amazonas, Pará, Amapá e Rondônia; menção ao trabalho junto com Rosa Pimon, educadora de São Paulo; referência às campanhas de vacinação e ao planejamento em todos os níveis; sua atuação na coordenação das campanhas como diretor nacional de Epidemiologia; a oposição inicial do estado de São Paulo à campanha da pólio e a iniciativa do Amazonas; considerações sobre a erradicação da pólio e o apoio dos estados; comentários sobre a Fundação SESP e o interesse em sua transferência para Brasília; considerações ao trabalho do Sistema Único de Saúde (SUS), ao fim do Instituto Nacio-

nal de Assistência Médica e Previdência Social (INAMPS) e à fusão da Fundação SESP com a Superintendência das Campanhas (SUCAM); retomada da questão da transferência dos programas de epidemiologia da Fundação SESP para o Ministério da Saúde e o posicionamento de João Baptista Risi Júnior e Fernando Gomes.

FITA 5 LADO B

Continuação da abordagem à transferência dos programas de epidemiologia da Fundação SESP para o Ministério da Saúde; a coordenação nacional da vacinação contra a pólio e a estrutura nos estados; referência a Eduardo Maranhão, Fernando Laender e Maria Cristina Pedreira na organização dos cursos de pólio e de vigilância epidemiológica nos estados e no Brasil.

FITA 6 LADO A

Considerações sobre o seu trabalho na Epidemiologia da Fundação SESP; referência a Eduardo Maranhão, Fernando Laender e Maria Cristina Pedreira e o trabalho na Fundação SESP; menção ao trabalho conjunto da Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP) e da Fundação SESP; a transferência dos programas ligados à epidemiologia da Fundação SESP para Brasília e o caso do programa de vacinação contra a raiva; considerações sobre sua ida para o *Centers for Disease Control and Prevention* (CDC), nos Estados Unidos, para obter esclarecimentos sobre a AIDS, e a posterior estruturação da Comissão de Controle da AIDS no Estado do Rio de Janeiro; referência ao seu trabalho na Secretaria de Saúde do Estado do Rio de Janeiro;

menção ao INAMPS e ao fim da Fundação SESP e da SUCAM; referência ao papel da Fundação SESP como instituição pública; menção à multivacinação no Rio de Janeiro; comentários sobre Albert Sabin e a vacinação contra o sarampo no Rio de Janeiro.

FITA 6 LADO B

Continuação dos comentários sobre a vacinação de sarampo no Rio de Janeiro; a comissão de controle da AIDS no Rio de Janeiro e a questão dos bancos de sangue; considerações sobre as ações de saúde nos municípios do Rio de Janeiro; a estruturação e organização do projeto da rubéola em seis capitais brasileiras junto com o Instituto Evandro Chagas do Pará e a Fundação SESP; considerações sobre sua ida para o Ministério da Saúde: o PNI e a vigilância da pólio; considerações sobre o último caso nacional de poliomielite, em 1989, na Paraíba; comentários sobre a campanha de vacinação contra a hepatite B no Brasil.

FITA 7 LADO A

Continuação dos comentários sobre a campanha de vacinação contra a hepatite B e a estruturação da vigilância nacional; considerações sobre o longo trabalho na Comissão Nacional do Controle das Hepatites Virais; referência ao processo de compra da vacina contra a hepatite e o repasse de tecnologia; retomada da questão da fusão entre a SUCAM e a Fundação SESP na criação da Fundação Nacional de Saúde (FUNASA); considerações sobre os processos de compra de vacina e o papel da OPAS; comentários sobre as atividades como presidente da Comissão de Licitação do Ministério

da Saúde; menção ao ministro da Saúde Alcení Guerra; considerações sobre a estruturação do combate à cólera.

FITA 7 LADO B

Continuação das considerações sobre a estruturação do combate à cólera e sua experiência na Índia; referência ao ministro da Saúde Adib Jatene e o convite para trabalhar com a cólera; o trabalho no combate à cólera, em especial a coordenação do projeto no Nordeste e o saneamento básico em nível nacional.

FITA 8 LADO A

Considerações sobre a estratégia de controle da pólio e a participação de Albert Sabin; menção às divergências em relação aos dados estatísticos sobre a pólio; a chegada ao Brasil em 1980 para trabalhar com a poliomielite; referência à importância da estrutura da varíola para a pólio; considerações sobre a estratégia de cobertura vacinal e o papel das escolas; a campanha de vacinação brasileira como modelo para outros países; considerações sobre a estruturação da vacinação contra a poliomielite e o GT- Pólio.

FITA 8 LADO B

Menção ao trabalho com Rosa Pimon, educadora de São Paulo; considerações sobre o trabalho de campo; referência à Campanha de Vacinação e aos Dias Nacionais; a resistência paulista a fazer campanha de vacinação; comentários sobre Mozart de Abreu e Lima e o grupo do Programa de Interiorização das Ações de Saúde e Saneamento (PIASS); menção à importância do símbolo Zé Gotinha na conscientização da vacinação; crítica aos postos de saúde como mo-

delo americano e referência às unidades sanitárias da Índia; referência ao papel mobilizador das campanhas no Brasil; comentários sobre as unidades sanitárias e a importância da dedicação exclusiva à saúde pública.

FITA 9 LADO A

Continuação dos comentários sobre a importância da figura do Zé Gotinha; considerações sobre o rompimento de Albert Sabin com o ministro da Saúde; a volta de Albert Sabin ao Brasil, nos anos 80, a seu convite e de Eduardo Costa, para trabalhar com sarampo; considerações sobre o trabalho com Albert Sabin na erradicação da poliomielite e o último caso no Brasil, em 1989; comentários sobre a epidemiologia no país e a Fundação SESP; considerações sobre a coordenação nacional das campanhas de erradicação; retomada dos comentários sobre a coordenação da poliomielite e a transferência dos programas da Fundação SESP para o Ministério da Saúde; a epidemiologia nacional dentro da SNA-B; considerações sobre a Campanha de Vacinação contra a Poliomielite; comentário sobre a interação entre o grupo da ENSP e da Fundação SESP; referência ao cargo de Secretário de Saúde do Rio de Janeiro.

FITA 9 LADO B

Comentários sobre o trabalho como secretário de Saúde do Rio de Janeiro e o problema com os bancos de sangue; continuação das considerações sobre a questão da campanha de vacinação do sarampo e da pólio no estado do Rio; referência à participação da primeira-dama, Neuza Brizola, e das esposas dos

prefeitos do Estado na campanha de vacinação; reflexão sobre a descentralização dos serviços de saúde; o papel da OPAS na erradicação da pólio nas Américas; considerações sobre o trabalho no Ministério da Saúde e o controle da hepatite.

FITA 10 LADO A

Continuação dos comentários sobre o grupo que trabalhou com a hepatite; considerações sobre a Presidência da Comissão Nacional de Hepatite e a coordenação da campanha da pólio; comentários sobre as atividades no GT-Pólio; breve menção ao repasse de recursos do Rotary para a OPAS; considerações sobre flexibilidade administrativa e vigilância epidemiológica; comentários sobre o processo de certificação da erradicação da poliomielite; referência ao trabalho, em 1990, com a *Japan International Cooperation Agency* (JICA) e o curso sobre pólio em Kumamoto, Japão; menção a uma licitação para a compra de seringas; considerações sobre a ida à China e a produção de medicamentos usando a artemisina; comentários sobre o retorno da epidemiologia para a FUNASA.

FITA 10 LADO B

Continuação dos comentários sobre a transferência da epidemiologia para a FUNASA; comentários sobre a auto-suficiência em vacinas no Brasil; considerações sobre a presidência da Comissão de Licitação e a questão da fabricação e da compra de vacinas; referência a Edmundo Juarez; considerações sobre a atuação na FUNASA e a reestruturação com a Epidemiologia; o CENEPI, os projetos de erradicação do *Aedes Aegypti* e a busca de auto-suficiência na gestão do ministério da Saúde Adib Jatene.

FITA 11 LADO A

Considerações sobre o processo de erradicação de doenças; referência à rede montada para as campanhas de vacinação e o trabalho com a cólera; comentários sobre as instituições brasileiras de saúde pública; considerações sobre as redes pública e privada de saúde no Brasil.

FICHA TÉCNICA

ENTREVISTA: Anna Beatriz de Sá Almeida e
Laurinda Rosa Maciel

TRANSCRIÇÃO: Marcello Cappucci Frisoni

CONFERÊNCIA DE FIDELIDADE:
Anna Beatriz de Sá Almeida e
Laurinda Rosa Maciel

SUMÁRIO: Giselle Viana Carvalho e
Anna Beatriz de Sá Almeida

RESENHA BIOGRÁFICA: Laurinda Rosa Maciel

NÚMERO DE FITAS: 11

TEMPO DE GRAVAÇÃO: 10h

LOCAL: Niterói, RJ

DATA: 1/6/2001, 13/7/2001, 19/7/2001
e 27/9/2001

Cláudio da Silveira



Cláudio Marcos da Silveira nasceu em Porto Alegre, em maio de 1936. Em 1967 se formou em medicina na Fundação de Ciências Médicas de Porto Alegre e fez Residência em Psiquiatria no Hospital São Pedro, em Porto Alegre, mas encantou-se pela epidemiologia e começou a trabalhar com pesquisas em varíola. Em 1969 prestou concurso para médico epidemiologista da Secretaria de Saúde e Meio Ambiente (SSMA) do Estado do Rio Grande do Sul, onde trabalhou até 1975, na Unidade de Controle Epidemiológico, no Programa de Erradicação da Varíola.

Fez pós-graduação em Saúde Pública na Universidade de São Paulo, tornou-se médico sanitário e ali teve os primeiros contatos com a poliomielite, área de sua especialização. Entre 1975 e 1978, dirigiu o Instituto de Pesquisas Biológicas (IPB), ligado à SSMA, e fez parte do grupo que apoiou firmemente a vacinação contra a poliomielite e a vigilância epidemiológica. Nesse período, iniciou sua experiência como consultor da OPAS e OMS em países da América Latina, em Bangladesh e na Somália, pelo Programa de Erradicação da Varíola. Na década de 1980, cursou o Mestrado em Ciências Biológicas, trabalhou no Programa de Controle da Malária na Amazônia e foi secretário municipal de Saúde e Serviço Social de Porto Alegre.

Desenvolveu atividades de apoio ao PAI no Peru e nos Estados Unidos e foi consultor externo junto ao programa de Erradicação da Poliomielite na Índia, em 1999. Entre 2001 e 2002, foi consultor pela OPAS para auxiliar os países da América Latina na elaboração de um Plano de Ação para Contenção (confinamento) Laboratorial do Poliovírus. Em 2003, foi contratado pela OMS para realizar a revisão de dados clínicos e epidemiológicos na América Latina e no Caribe, visando determinar a segurança clínica relativa aos diferentes esforços vacinais da caxumba. Uma de suas mais recentes atividades foi a de consultor da OPAS para avaliação do Programa de Imunizações no México e em Cuba.

SUMÁRIO

FITA 1 LADO A

Comentários sobre origem familiar e escolha profissional; a infância na periferia de Porto Alegre; a graduação em medicina nos anos 60 e o momento político; a experiência de residência em psiquiatria no Hospital Psiquiátrico São Pedro e comentários sobre as formas de tratamento aos internos; a mudança da atuação profissional para a pesquisa e tratamento da varíola; referência a Paulo de Oliveira Chaves; os convênios entre a Secretaria de Saúde Pública e a Fundação SESP; menção à FUNASA; referência a Airton Fischmann, Clóvis Tigre, Marlo Libel, Roberto Becker e José Fiúza Lima; seus trabalhos no programa de erradicação da varíola da SSMA; considerações sobre a estrutura da Secretaria de Saúde e Meio Ambiente em unidades; breve relato sobre a Unidade Sanitária de São José do Murial; reflexões sobre a medicina preventiva às epidemias e as instituições pioneiras; o convênio das universidades com a Secretaria de Saúde do Rio Grande do Sul; reflexões sobre vigilância sanitária; referência a César Vickman, Donald Henderson, Alexander Langmuir e Nelson de Moraes; o planejamento na Secretaria de Saúde Pública; referência a Paulo Chaves; os estudantes adeptos da idéia de vigilância sanitária; opinião sobre a origem da idéia de erradicação da pólio no Rio Grande do Sul; as relações entre OMS e OPAS; as negociações na Reunião de Genebra; menção a Ciro de Quadros e Carlyle Guerra de Macedo; as outras frentes de erradicação de doenças; as relações diplomáticas e a questão da erradicação de doenças; seu trabalho de

vigilância epidemiológica para erradicação da varíola pela Secretaria Estadual de Saúde; reflexões sobre a questão salarial dos médicos; retomada sobre sua atuação na Secretaria Estadual de Saúde; breves considerações sobre os créditos do trabalho de pesquisa e prevenção da varíola; referência a Hermann Schatzmayr e ao vacinador Barreto, contratado para a Campanha; o contato com as comunidades e os municípios gaúchos.

FITA 1 LADO B

Sobre o curso de pós-graduação, a opção pela USP e a meta dos estudos em saúde pública; referência a Nelson de Moraes e Paulo Chaves; os transtornos enfrentados na pós-graduação; referência a Emílio Ribas; os primeiros contatos com a pólio em São Paulo e sua especialização neste tema; o retorno ao Rio Grande do Sul e o trabalho de combate à pólio; menção a Frederick Robbins e Antônio Hernani Carvalho; considerações sobre as pesquisas em vigilância sanitária; breves explanações sobre a história da Saúde Pública no Rio Grande do Sul; o uso da vacina Salk; as pesquisas no Instituto de Pesquisas Biológicas (IPB); menção a Anita Monteiro; breve consideração sobre os casos de poliomielite no Rio Grande do Sul de 1960 a 1984, ano a ano; retomada dos relatos sobre sua atuação nos anos 60; a notificação da pólio; referência a Germano Bonow; o convite para participar da avaliação para certificação da erradicação da varíola nas Américas nos anos 70; sobre a importância de se fazer campanhas; referência a Jair Soares; a saída de Paulo Chaves do grupo de pesquisa; o início do trabalho em Instância Velha; referência a Baldur Shu-

bert; o fornecimento das vacinas pelo Estado; a atenção voltada à vacinação de Porto Alegre e sua intensificação em todo o estado nos anos 70; a participação e a mobilização das comunidades.

FITA 2 LADO A

Comentários sobre a experiência com o trabalho em comunidades e a queda do número de casos de poliomielite no início dos anos 70; critério do isolamento do vírus da pólio; a epidemia de meningite em Caxias do Sul e a censura aos jornais; reflexões sobre as políticas públicas efetivadas em relação à pólio e à meningite; comparação das campanhas de vacinação da poliomielite com uma festa popular; a importância da vigilância epidemiológica; o papel da OMS e a precursora experiência brasileira; os investimentos do Banco Mundial; menção à epidemia de meningite de 1974 em São Paulo e Caxias do Sul; referência a Edmundo Juarez; sua saída da Vigilância Sanitária para o IPB e a atuação naquele Instituto; referência a Jandir Maia Faillace e Jair Soares; a atuação do Laboratório Central (LACEN); referência a Newton Neves da Silva; comentários sobre seu trabalho na Somália, Bangladesh e América Latina; o conceito dos latino-americanos na OPAS; referência a Nilton Art; sua estada nos Estados Unidos; reflexões sobre as querelas entre pesquisadores estrangeiros e brasileiros; comparação da situação social de Bangladesh e Somália; retomada de comentários sobre o IPB; a vigilância sanitária para a lepra, tuberculose, sarampo, pólio e raiva; referência a Paulo de Almeida Machado e Celso Brandão; as campanhas de atenção à meningite; a questão do positivismo

na prática médica; observações sobre a gestão centralizadora de alguns médicos; a questão da qualificação profissional; a busca de apoio na Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio de Janeiro (FAPERJ) e na Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Sul (FAPERGS); a Sociedade de Microbiologia; referência a Fernando Faraco; considerações sobre a gestão do IPB.

FITA 2 LADO B

A mudança da gestão no IPB e o crescimento da virologia e microbiologia na instituição; breve consideração sobre a pós-graduação; longo relato sobre a experiência no Centro de Informação Toxicológica e seu funcionamento; a disseminação de centros toxicológicos por meio da Fiocruz; sua justificativa para estudar fisiologia; comentários sobre a Secretaria Estadual de Saúde e o INPS; referência a Jair Soares; as relações do grupo de pesquisadores da pólio e da vigilância sanitária através da Secretaria Estadual de Saúde; referência a Mário Machado de Lemos; o aproveitamento da estrutura de combate à varíola para o combate à poliomielite; comentários sobre a Vigilância Epidemiológica e a Fundação SESP; referência a Aldo Villas Boas e Paulo Chaves e a atuação com o entrevistado nos Dias Nacionais de Vacinação nos anos 80; referências a Mozart de Abreu e Lima, Roberto Becker e José Fiúza Lima; o Fundo Rotatório; a preocupação com doenças transmissíveis, especialmente o sarampo; comentários sobre a Argentina; a ida de José Fiúza Lima para a SUCAM.

FITA 3 LADO A

Considerações sobre a atuação de José Fiúza Lima na SUCAM; o surto epidêmico de malária; referência a Diana e Donald Soyer; o grupo de pesquisadores para a erradicação da malária; o apoio do grupo Rockefeller; o plano de erradicação da transmissão do poliovírus selvagem nos anos 80; longo comentário sobre os interesses político-partidários dos anos 80 e a questão da saúde; o papel dos agentes comunitários; a relação do Governo do Rio Grande do Sul com o Ministério da Saúde; seu retorno para a Unidade de Vigilância Epidemiológica do Estado; o início de suas atividades na OPAS com o tétano neonatal e a ida para Brasília nos anos 80; retomada do seu papel na Unidade de Vigilância Epidemiológica; comentários sobre seu trabalho com o câncer no Hospital São Pedro; menção a sua atuação como Secretário de Saúde do Estado.

FITA 3 LADO B

Considerações sobre a mudança do Governo do Estado do Rio Grande do Sul, com o Partido dos Trabalhadores, alterando a política de saúde; referência a Roberto Santos e Milton Menezes; sua opinião sobre a aprovação da Resolução da OMS pela eliminação do tétano neonatal nos anos 80; discussões sobre epidemias na América do Sul e políticas públicas; o combate da pólio no Nordeste; o Programa *Polio Eradication Surveillance System* (PESS); a atuação do SINAN; referência a Fausto Magalhães da Silveira e a importância do guarda sanitário.

FITA 4 LADO A

Considerações sobre a utilização de duas amostras de exame de fezes para detecção da pólio; apresentação do “Boletim Semanal da Pólio” e explicação do seu conteúdo; os índices de incidência do poliovírus vacinal em países como República Dominicana, Bolívia e Paraguai; menção ao *Caribbean Epidemiology Centre* (Carec); referência ao Instituto Evandro Chagas, da Fiocruz, e ao Instituto de Nutrição de Centro-América e Panamá; menção ao trabalho dos laboratórios na América do Sul; apresentação dos índices do Chile no “Boletim Semanal da Pólio”; comentário sobre a reunião da Comissão Internacional de Certificação da Poliomielite; considerações sobre o trabalho de vigilância do GT-Pólio e o exemplo do Recife; considerações a respeito do controle de qualidade das fichas utilizadas para as informações sobre a pólio; a questão da municipalização/descentralização dos serviços realizados pelo GT-Pólio; considerações sobre a relevância das informações contidas no “Boletim Semanal da Pólio”; reflexões sobre a centralização dos serviços de vigilância de poliomielite; novas considerações sobre as informações contidas no “Boletim Semanal da Pólio”, especialmente dos países na América Latina; comentários sobre as modificações sofridas pelo vírus e a ineficácia da vacina; considerações sobre a eficácia da vacina antipólio; o trabalho na Índia, financiado pelo governo da Dinamarca; novas considerações sobre os dados contidos no “Boletim Semanal da Pólio”; comentários sobre os casos de poliovírus na Índia e as dificuldades encontradas pelo Programa de Pólio; a Operação Limpeza.

FITA 4 LADO B

Continuação dos comentários sobre a Operação Limpeza e as Campanhas de Vacinação; considerações sobre os últimos casos de pólio no Brasil e o caso não acusado de São Paulo; menção ao caso de pólio detectado em Brasília em 1988; a importância da vigilância epidemiológica com o vírus da pólio; considerações sobre a definição de doença como uma questão de Saúde Pública; comentários sobre as vacinas oral e injetável para a pólio e a BCG; as deficiências da vacina injetável e os riscos de acidentes; a viabilidade de utilização das duas vacinas concomitantemente; a vacina monovalente; continuação das considerações sobre a doença como questão de Saúde Pública; breve menção à estimativa de erradicação mundial para 2005; a perspectiva de erradicação do sarampo desde 1974; a epidemia de sarampo de 1989/1990 nas Américas e o plano para erradicação da doença com as estratégias de vacinação; considerações sobre a lógica de erradicação do sarampo baseada na prevenção e seu histórico de ocorrências; as formas de contágio e a imunização natural; comentário sobre anticorpos maternos e a resistência imunológica de bebês à vacina contra sarampo; a criação de uma barreira imunológica contra o sarampo por meio da dupla vacinação e o papel do Brasil no início da mobilização para a erradicação do sarampo nas Américas.

FITA 5 LADO A

Comentários sobre os níveis de erradicação de doenças em Cuba; o papel de Ciro de Quadros e Carlyle Guerra de Macedo na decisão de erradicar o sarampo no Brasil; sobre a epidemia de

sarampo de 1987, em São Paulo, e a expansão do processo iniciado nesse estado para todo o Brasil com a Campanha de Vacinação de 1992; considerações sobre a conjuntura do sarampo nas Américas quando houve a decisão pela erradicação; comentário sobre o único caso de sarampo no Brasil em 2001 e as providências tomadas para seu controle; a relação entre a rede particular de saúde e a notificação das doenças em vias de erradicação, como o sarampo; sobre o estudo de doenças infectocontagiosas nas faculdades brasileiras; a transferência da Fundação SESP para o Ministério da Saúde; menção à propaganda publicitária realizada sobre a erradicação da poliomielite; considerações sobre a importância do projeto sobre a memória da erradicação da poliomielite; comentário sobre o desmantelamento da biblioteca do IPB; a suspensão da vacinação em 1977, em função da epidemia de meningite; a satisfação do trabalho com Saúde Pública; referência a Jacques Noel Manceau; comentários sobre Albert Sabin e sua atuação no processo de erradicação da poliomielite no Brasil; referência à reunião de Certificação da Erradicação da Poliomielite no Brasil e à presença da senhora Sabin; comentário sobre a pesquisa desenvolvida por Albert Sabin para a seqüela de pólio e as considerações de Jacques Noel Manceau e Maria Eunice Pinto; breve menção à repercussão que esta análise resultou no Ministério da Saúde; as ligações familiares e afetivas de Albert Sabin no Brasil; novos comentários sobre as conseqüências do veto do Ministério da Saúde à pesquisa proposta por Albert Sabin; a relação entre poder público e imprensa.

FITA 5 LADO B

Comentário sobre a visita de Albert Sabin ao Brasil para retratar-se com o ministro da Saúde Waldir Arcoverde; menção à imposição, por Adolpho Bloch, da presença de Albert Sabin na divulgação da Campanha de Vacinação contra Pólio; considerações sobre a personalidade de Albert Sabin e sua atuação na campanha pela erradicação da pólio; as impressões pessoais acerca de Albert Sabin; comentário sobre Heloísa Sabin e uma possível entrevista com a mesma; a possibilidade de se estabelecer contato com Jacques Noel Manceau e Maria Eunice Pinto.

FICHA TÉCNICA

ENTREVISTA: Anna Beatriz de Sá Almeida e Laurinda Rosa Maciel

TRANSCRIÇÃO: Marcello Cappucci Frisoni

CONFERÊNCIA DE FIDELIDADE:

Gissele Viana Carvalho

SUMÁRIO: Daiana Crús Chagas e Laurinda Rosa Maciel

RESENHA BIOGRÁFICA: Laurinda Rosa Maciel

NÚMERO DE FITAS: 5

TEMPO DE GRAVAÇÃO: 4h50min

LOCAL: Porto Alegre, RS

DATA: 3/8/2001

Cristina Rocha



Cristina Maria Vieira da Rocha, durante sua formação em Pedagogia, já trabalhava na área da saúde, levada por seu pai, que iniciou carreira como guarda sanitário no interior de Alagoas. Após a graduação, fez o Curso de Especialização em Saúde Pública na Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo.

Ao término da especialização, voltou para a Secretaria de Estado da Saúde de Alagoas e prestou grande contribuição à estruturação da área de educação em saúde neste órgão. Em 1976, ingressou na Fundação Serviços Especiais de Saú-

de Pública (FSESP) que, como ela mesma diz, “foi realmente uma escola”, não só para a prática da educação em saúde, mas para o trabalho em equipe.

No final de 1979, ingressou no Ministério da Saúde e foi trabalhar na Divisão Nacional de Educação em Saúde. No início de 1980, estava posta a questão da poliomielite que resultou nos Dias Nacionais de Vacinação e a Divisão de Educação em Saúde foi chamada a trabalhar com outros órgãos da Secretaria de Ações Básicas de Saúde (SNABS). Participou da organização dos primeiros Dias Nacionais de Vacinação, tanto na questão de comunicação quanto na estruturação das campanhas nos estados.

Em que pese o grande esforço para a realização dos Dias Nacionais de Vacinação, Cristina Rocha avalia que os dividendos foram muitos: estruturação da vigilância epidemiológica, reforço do Programa Nacional de Imunização (PNI), valorização do trabalho em equipe, participação da comunidade e, sem dúvida, erradicação da poliomielite.

Destaca, ao longo do seu depoimento, que a presença da educação em saúde não é uma questão de retórica, mas um dos elementos fundamentais à execução de um projeto em que se requer a participação da sociedade civil. Foi diretora da Divisão de Vigilância da Secretaria de Saúde do Estado de Alagoas e atualmente é gerente técnica da Fundação de Desenvolvimento de Extensão e Pesquisa (FUNDEPES), da Universidade Federal de Alagoas.

SUMÁRIO

FITA 1 LADO A

Comentários sobre o início da vida profissional do pai em Alagoas e o trabalho na Secretaria de Saúde; a participação nas campanhas de vacinação; o trabalho na Fundação SESP; o concurso, em 1979, para sanitarista do Ministério da Saúde e o trabalho na Divisão Nacional de Educação e Saúde; menção a Hortência Holanda e Rosa Pimon e o papel das educadoras sanitárias; referências a João Baptista Risi Júnior e Roberto Becker; a discussão para vacinação nos estados; referência ao PNI; considerações sobre

o trabalho em dupla com os epidemiologistas nas campanhas de vacinação; o Projeto Piloto da campanha da pólio.

FITA 1 LADO B

Considerações sobre a logística, estruturação e estratégia para os Dias Nacionais de Vacinação; avaliação das campanhas de vacinação; referência ao grupo do Ministério da Saúde contrário à campanha de vacinação; comentários sobre a rede de serviço de vacinação e a questão da rotina e estratégia de imunização; retomada da referência ao trabalho em dupla na estrutura da campanha nos estados; a resistência à adesão das campa-



Cartaz do Dia Nacional de Vacinação contra a Poliomielite. FUNASA, Ministério da Saúde

nhas nos estados de Alagoas, Bahia, São Paulo e Ceará; considerações sobre o uso da mídia e a mobilização para os Dias Nacionais de Vacinação; a questão da rotina e a diminuição da cobertura.

FITA 2 LADO A

Comentários sobre o trabalho com Aristel Gomes Bordini e Darlan Rosa, na SNABS; novas considerações sobre a divulgação da campanha e a mobilização popular na vacinação; longo comentário sobre o desenvolvimento da marca Zé Gotinha; considerações sobre as oficinas de trabalho de educação em saúde; o processo de decisão e gerenciamento da erradicação da pólio; o fortalecimento do PNI com os Dias Nacionais de Vacinação; referência aos seminários interinstitucionais; considerações sobre o GT-Pólio e a SNABS; menção ao papel da vigilância ativa; a produção de manuais e o “Boletim Semanal da Pólio”; considerações sobre o concurso da criança com o esquema vacinal completo; referência ao trabalho no PNI em 1991 e a capacitação de recursos humanos; considerações sobre Isabel Stefano e Ivanildo Franzosi; menção ao 2º Manual de Procedimentos.

FITA 2 LADO B

Continuação dos comentários sobre o investimento na qualidade do programa e o trabalho de Isabel Stefano no PNI; breve menção à Certificação da Erradicação da Poliomielite; referência ao curso de especialização em educação e o trabalho de campo.

FICHA TÉCNICA

ENTREVISTA: Anna Beatriz de Sá Almeida e Dilene Raimundo do Nascimento

TRANSCRIÇÃO: Maria Lúcia dos Santos

CONFERÊNCIA DE FIDELIDADE:

Dilene Raimundo do Nascimento

SUMÁRIO: Gissele Viana Carvalho e

Dilene Raimundo do Nascimento

RESENHA BIOGRÁFICA:

Dilene Raimundo do Nascimento

NÚMERO DE FITAS: 2

TEMPO DE GRAVAÇÃO: 1h35min

LOCAL: Maceió, AL

DATA: 24/5/2002

Edson Elias da Silva



Edson Elias da Silva é filho de comerciantes e nasceu em Belo Horizonte, Minas Gerais, onde estudou até a universidade. Em 1979, formou-se em Farmácia e Bioquímica pela Universidade Federal de Ouro Preto. Durante a graduação foi monitor de bioquímica e começou a se interessar pela área da biologia molecular e virologia. Veio para o Rio de Janeiro estagiar no Departamento de Virologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e ingressou no Mestrado em Ciências da mesma universidade em 1980.

Neste mesmo ano, começou a trabalhar na Fiocruz, sendo chefe do Laboratório de Vacinas Virais do Instituto Nacional de Controle de Qualidade em Saúde (INCQS), no período de 1980 a 1985. Em 1985, foi trabalhar no Laboratório de Enterovírus do Departamento de Virologia do Instituto Oswaldo Cruz (IOC), onde teve destacada atuação em todo o processo de erradicação da poliomielite no Brasil e nas Américas. Em 1991, concluiu o Doutorado em Ciências Biológicas (Biofísica) na UFRJ, com a tese intitulada “Epidemiologia molecular dos poliovírus selvagens isolados no Brasil”. No período de 1992 a 1996, foi pesquisador associado como recém-doutor no *Centers for Disease Control and Prevention* (CDC) de Atlanta, nos Estados Unidos, tendo realizado seu pós-doutorado nessa instituição.

Trabalha ainda hoje na vigilância e no controle da circulação do vírus da pólio, sendo o responsável pelo Centro de Referência Nacional de Enterovírus do Ministério da Saúde, e também pelo Laboratório de Enterovírus do Departamento de Virologia do IOC/Fiocruz. Desde 1988, é o responsável pelo treinamento de profissionais dos Laboratórios Centrais de Saúde Pública e dos laboratórios da Rede da OPAS em técnicas moleculares e de diagnóstico de enterovírus. Também atua como consultor de Laboratórios da OPAS e da OMS, dentro do Programa de Erradicação Global da Poliomielite. Tem destacada participação no programa de pós-graduação do IOC/Fiocruz e possui inúmeras publicações na área.

SUMÁRIO

FITA 1 LADO A

Considerações sobre seu interesse pela área da saúde, ainda na infância; a formação em Farmácia, a opção pela Faculdade de Farmácia e Bioquímica de Ouro Preto e a influência dos professores; o contato com profissionais da Fiocruz e a escolha pela Virologia; o estágio e o mestrado na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); o trabalho no Instituto Nacional de Controle de Qualidade em Saúde (INCQS), no controle de vacinas contra a poliomielite, e menção a pessoas que trabalharam com a doença nessa época; comentários sobre as pressões sofridas na reprovação de lotes de vacinas; reflexões sobre a posição do INCQS dentro da estrutura da Fiocruz no início da década de 1980; a opção pelo Departamento de Virologia do Instituto Oswaldo Cruz (IOC); o trabalho com Hermann Schatzmayr; observações sobre o caráter do trabalho desenvolvido no IOC; opinião sobre a escolha do Laboratório de Enterovírus como laboratório de referência no diagnóstico da poliomielite; antecedentes do laboratório ainda no prédio da Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP); a indicação para a chefia do laboratório e menção à sua equipe de trabalho; a relação deste laboratório com os outros centros de referência; detalhes sobre a rotina de trabalho; a importância atual do Centro de Referência para a América Latina e suas funções; referência ao trabalho de Mítico Fujita e Elizabeth Marques; sobre sua tese de doutorado na UFRJ.

FITA 1 LADO B

A relevância do laboratório na vigilância epidemiológica da poliomielite; a importância da rapidez das informações para o combate à pólio; a questão envolvendo a introdução do Dia Nordestino de Vacinação; avaliação das razões pelas quais a Campanha no Brasil serviu de molde para a Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS); críticas às coberturas contra a poliomielite em 1984; menção às pessoas que fizeram parte do GT-Pólio e reflexões sobre a rotina deste trabalho; a área acadêmica e sua atividade como coordenador de cursos; a relação com o *Centers for Disease Control and Prevention* (CDC), de Atlanta; comentários sobre o pós-doutorado; sobre a possível clonagem do vírus da varíola; reflexões sobre as diferenças entre o CDC e a Fiocruz; a questão do reconhecimento de um pesquisador no Brasil e no exterior; sua vivência como professor; a área de enterovírus.

FICHA TÉCNICA

ENTREVISTA: Anna Beatriz de Sá Almeida e Laurinda Rosa Maciel

TRANSCRIÇÃO: Angélica Estanek Lourenço

CONFERÊNCIA DE FIDELIDADE:
Anna Beatriz de Sá Almeida

SUMÁRIO: Ives Mauro Junior e Laurinda Rosa Maciel

RESENHA BIOGRÁFICA: Laurinda Rosa Maciel

NÚMERO DE FITAS: 1

TEMPO DE GRAVAÇÃO: 1h

LOCAL: Rio de Janeiro, RJ

DATA: 30/10/2001

Eduardo Maranhão



Eduardo Severiano Ponce Maranhão nasceu em dezembro de 1945, no Rio de Janeiro. Em 1967, ingressou na Faculdade de Ciências Médicas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, e formou-se em 1972. Ainda na graduação, fez estágios em diferentes locais, como o Hospital Marcílio Dias, o Serviço de Cirurgia Experimental e o Campus Avançado da UERJ em Parintins, na região amazônica.

Após a graduação, foi médico residente no Hospital das Clínicas da UERJ e realizou um curso na área de epidemiologia no Instituto de Medicina Social da mesma universidade. Em 1975, começou a trabalhar como médico na Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP), e no Hospital de Cardiologia de Laranjeiras. Neste mesmo ano, iniciou sua carreira de professor de Epidemiologia no Curso Básico de Saúde Pública. Este curso era ligado ao Departamento de Administração e Planejamento em Saúde, onde permaneceu até 1986, quando foi para o Departamento de Epidemiologia e Métodos Quantitativos em Saúde, no qual continua exercendo suas atividades até hoje.

Em 1986, foi coordenador e colaborador do primeiro Curso Internacional de Erradicação da Poliomielite, organizado pela OPAS, e no ano seguinte coordenou o primeiro Curso Nacional de Erradicação da Poliomielite. Foi professor de cursos de treinamento e vigilância epidemiológica em Moçambique e na Argentina.

Teve importante atuação nos processos de controle e erradicação da poliomielite em vários estados brasileiros. Além das atividades como pesquisador e professor da ENSP, nos últimos anos, faz parte da equipe de trabalho que supervisiona o programa de erradicação do sarampo, o controle da rubéola e a eliminação do tétano neonatal em várias unidades da Federação, além de prestar consultoria para a avaliação do Programa Ampliado de Imunização (PAI) na América Latina.

SUMÁRIO

FITA 1 LADO A

A origem familiar e o início da vida escolar; o vestibular para medicina e a opção pela UERJ; comentários sobre os professores e o Instituto de Medicina Social (IMS); referência à carreira de médico clínico e o trabalho na área de Saúde Pública; a residência em medicina integral no Campus Avançado da UERJ em Parintins, Amazonas; referência ao Curso de Epidemiologia; o concurso para médico da Marinha e o mestrado em Medicina Social na UERJ; comentários sobre o estudo durante o período da ditadura militar no país.

FITA 1 LADO B

Continuação das considerações sobre o mestrado na UERJ e a temática da dissertação sobre os conceitos de saúde e doença; o estágio no Instituto de Cardiologia de Laranjeiras; a desistência de concluir o mestrado; o estágio no Departamento de Administração e Planejamento da ENSP e a contratação em 1976 pela Fiocruz; menção a Eduardo Costa e Fernando Laender; o estágio na Epidemiologia e o trabalho na Unidade Germano Sinval Faria, na ENSP; o grupo que trabalhava no Departamento de Epidemiologia da ENSP; a atividade docente e o Curso Avançado de Planejamento em Saúde na Fiocruz; referência a Paulo Buss, Elsa Paim e Mitiko Fujita.

FITA 2 LADO A

Comentários sobre a experiência na organização dos cursos na ENSP; considerações sobre a Fundação SESP; o trabalho no Departamento de Planeja-

mento com o programa de imunização; a discussão na ENSP sobre o PAI e a proposta de capacitação de pessoal e pesquisas operacionais; a resistência dentro da ENSP ao programa de imunização; o convênio com a OPAS; considerações sobre o PNI e o PAI e a relação com a ENSP; a estruturação do Sistema Nacional de Vigilância Epidemiológica dentro da Fundação SESP.

FITA 2 LADO B

Considerações sobre o grupo do PAI na ENSP e as críticas recebidas; comentários sobre o curso prático do PAI e o Curso Básico de Vigilância Epidemiológica (CBVE); a questão da rede de frio; os cursos de treinamento e capacitação em vigilância epidemiológica para os estados e a produção de material articulado com a Secretaria Nacional de Ações Básicas em Saúde (SNABS); o Curso de Vigilância Epidemiológica das doenças cobertas pelo PAI aplicado aos países das Américas; a ampliação do controle dos imunopreveníveis para doenças transmissíveis; considerações sobre a vivência nos encontros nacionais.

FITA 3 LADO A

Comentários sobre o Programa de Controle da Poliomielite na década de 1970 e o plano de padronização da vacinação e do sistema de informação; referência à utilização dos pulmões de aço no Hospital Jesus, no Rio de Janeiro; menção a Itamara Meilman; o diagnóstico da pólio e a discussão em torno das vacinas Salk e Sabin; Albert Sabin e a divergência com o Ministério da Saúde sobre a controvérsia dos dados estatísticos da pólio; a estratégia da campanha da pólio e os

Dias Nacionais de Vacinação; comentários sobre a participação de Albert Sabin; considerações sobre a primeira campanha de vacinação do país, em 1980, e o grupo que participou desta decisão política.

FITA 3 LADO B

Referência à reunião de Alma-Ata e a proposta de criação dos serviços básicos de saúde; as oposições às campanhas de vacinação; a importância dos postos de saúde para as campanhas de vacinação; a opção pela erradicação da pólio e não do sarampo e o papel dos organismos internacionais; a rede de frio e o apoio logístico à campanha; o treinamento de recursos humanos para as campanhas;

considerações sobre a divulgação da campanha nos Congressos de Pediatria; o Fundo Rotatório e a compra de vacinas.

FITA 4 LADO A

O Programa de Auto-Suficiência na década de 1980 e o processo de produção da vacina antipólio na Fiocruz; menção a Akira Homma, Hermann Schatzmayr e o grupo da virologia; o planejamento inicial das campanhas no período de 1980 a 1984 e a decisão da erradicação da pólio em 1986; o grupo do PAI na ENSP; o processo de erradicação da pólio no Brasil e nas Américas; a discussão com organismos internacionais; a experiência como coordenador de encontros e cursos; referência a Ciro de Quadros,



Primeira Campanha Nacional de Vacinação contra a Poliomielite na Unidade Sanitária Germano Sinval de Faria. ENSP, Fiocruz, 1980

Fernando Laender e José Fernando Verani; considerações sobre a vigilância epidemiológica; referência à reunião de epidemiologistas e a discussão de que doença seria erradicada.

FITA 4 LADO B

Continuação dos comentários sobre a erradicação da pólio e a participação do PAI; referência ao Encontro Nordeste de Erradicação da Pólio, em 1989, no Ceará, e os encontros nacionais; a reunião sobre a Operação Limpeza e a consolidação do processo de erradicação; referência à mudança no conceito de “caso de pólio” e a importância da divulgação de técnicas e inovações científicas; as reuniões do Grupo Técnico Assessor (TAG) da OPAS e o PAI; os informes técnicos das reuniões da OPAS; a experiência do PAI em outros países; considerações sobre o contexto político da Nicarágua na época dos sandinistas e a saúde; as assessorias prestadas no Equador, Peru e Argentina e a comparação entre seus programas de imunização; o trabalho junto à OPAS.

FITA 5 LADO A

A experiência de trabalho na África, sobretudo em Angola; treinamento e capacitação de pessoal na América Latina e América Central; a organização dos Dias Nacionais de Vacinação no México e a Operação Sinaloa; o trabalho como consultor da OMS e Unicef; novas considerações sobre a experiência de trabalho na Nicarágua e a situação política desse país; o processo de erradicação da pólio nas Américas e a certificação em 1994; a avaliação do processo de erradicação

da pólio nas Américas e na Europa e os problemas na África e Ásia.

FITA 5 LADO B

O projeto de erradicação da pólio e a certificação na Ásia e na África prevista para 2005; considerações sobre o surto de paralisia flácida na República Dominicana com poliovírus vacinal em 2001; a discussão sobre a manutenção ou não da vacinação; a situação atual dos indicadores da pólio no Brasil e a vigilância epidemiológica; considerações sobre o Programa de Sarampo da OPAS e a proposta de erradicação nas Américas.

FICHA TÉCNICA

ENTREVISTA: Anna Beatriz de Sá Almeida e Laurinda Rosa Maciel

TRANSCRIÇÃO: Marcello Cappucci Frisoni

CONFERÊNCIA DE FIDELIDADE:
Gissele Viana Carvalho

SUMÁRIO: Gissele Viana Carvalho e Laurinda Rosa Maciel

RESENHA BIOGRÁFICA: Laurinda Rosa Maciel

NÚMERO DE FITAS: 5

TEMPO DE GRAVAÇÃO: 4h50min

LOCAL: Rio de Janeiro, RJ

DATA: 16 e 17/4/2001

Elizabeth Marques



Elizabeth Marques nasceu em junho de 1954, em São Paulo, e sempre viveu na capital. Estudou nos colégios São Paulo da Cruz e Albino César e, em 1979, graduou-se em Ciências Biológicas, pelo Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo.

Iniciou a carreira profissional em 1977, na CETESB (Companhia de Tecnologia de Saneamento Ambiental), em São Paulo, na Divisão de Desenvolvimento Humano para a Gestão Ambiental,

com atuação na área de Saúde Pública, Microbiologia e Virologia Ambiental. Suas atividades estiveram ligadas ao controle e proteção da poluição ambiental, principalmente no que se refere ao desenvolvimento de estudos de vigilância epidemiológica de microorganismos patogênicos no meio ambiente e avaliação da eficácia dos processos de tratamento de água, esgotos e lodos de esgotos na remoção desses microorganismos.

Defendeu sua dissertação de mestrado em 1987, na Universidade de São Paulo, e sua preocupação foi a circulação dos enterovírus na rede de esgoto da capital de São Paulo. Sua tese de doutoramento, intitulada “Utilização de análises virológicas de águas de esgoto no acompanhamento de programas de vacinação contra a poliomielite para avaliar a circulação de poliovírus selvagem no meio ambiente”, foi apresentada na mesma universidade em 1990, aprofundando sua experiência em virologia e microbiologia, além de consolidar uma carreira já bastante profícua na área, com a publicação de inúmeros artigos sobre esta temática.

A presença do poliovírus no ambiente foi o tema principal de sua entrevista, sendo tal aspecto muito importante na erradicação da doença e na avaliação dos Dias Nacionais de Vacinação. O estudo e a análise das amostras ambientais são decisivos para a avaliação da eficácia da vacinação, e a contribuição dos profissionais com este perfil foi fundamental para o processo.

SUMÁRIO

FITA 1 LADO A

Comentários sobre os pais, irmãos, alfabetização e formação escolar na Zona Norte de São Paulo; a escolha por ciências biológicas no curso colegial; o ingresso em Ciências Biológicas na USP; considerações sobre o currículo do curso; breve comentário sobre o desempenho escolar e a escolha de uma universidade pública de renome; as diferentes áreas do curso de Ciências Biológicas e o interesse por genética; o estágio no Departamento de Histologia da USP e o interesse por células; comentário sobre o professor Flávio Fava de Moraes; o estágio no Laboratório de Microbiologia Ambiental, da CETESB; a experiência como professora de escolas e cursos supletivos; continuação dos comentários sobre o estágio na CETESB e o crescente interesse por microbiologia; o cargo de analista do Laboratório de Bacteriologia na CETESB; a transferência para o Laboratório de Virologia e o estudo da virologia ambiental; a especialização no primeiro curso de virologia ambiental do Brasil, na USP; breve comentário sobre o projeto de pesquisa com plantas medicinais; sua especialização na USP; considerações sobre os profissionais que trabalham com virologia ambiental; comentário sobre a presença de profissionais estrangeiros na USP; referência à experiência com os enterovírus e os primeiros contatos com o vírus da pólio; referência aos exames para medir a contaminação da água por coliformes fecais; comentários sobre o tratamento da água e os agentes patogênicos; menção ao

trabalho publicado sobre salmonelas e a cólera; comentários sobre grupos virais e métodos de detecção dos mesmos.

FITA 1 LADO B

Continuação dos comentários sobre grupos virais e métodos de detecção; o problema da transmissão de vírus por via oral e fecal; referências à amostragem de esgoto e o ciclo do vírus; a questão da poluição da rede de esgoto e a urbanização; considerações sobre o desenvolvimento da virologia e da bacteriologia; comentários sobre o trabalho do virologista e seus cuidados; o meio de cultura de vírus; comentários sobre o método de plaqueamento e as unidades formadoras de placas de vírus; referência à classificação de enterovírus; recapitulação sobre o ciclo dos vírus no esgoto; comentários sobre a pós-graduação no Instituto de Ciências Biomédicas e o estudo do enterovírus; novas considerações sobre a graduação em Biologia, no Instituto de Biociências; seu estudo sobre os poliovírus tipo 1, 2 e 3 e o método para detectá-los; menção aos Dias Nacionais de Vacinação contra a pólio em 1980; o prolongamento do período das campanhas; longos comentários sobre as primeiras campanhas de vacinação; seu estágio no Instituto Nacional de Meio Ambiente e Saúde Pública, na Holanda; comentários sobre o “método de Elisa”; suas experiências como consultora pela OPAS e pela OMS na área ambiental e o curso na Bolívia; menção à pós-graduação; referência à diretora do Centro de Vigilância Sanitária e às reuniões com equipes do Ministério da Saúde.

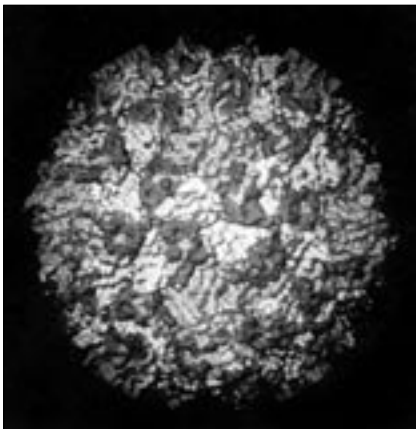
FITA 2 LADO A

Comentário sobre o processo de certificação da erradicação do vírus selvagem da poliomielite; menção à reunião na Colômbia com a equipe do Ministério da Saúde; comentário sobre o uso de sua tese na erradicação da poliomielite na América Latina; a averiguação dos índices de vigilância epidemiológica ambiental; a detecção do poliovírus vacinal circulante; as transformações tecnológicas no campo da virologia, em especial a biologia molecular; as viagens para o *Centers for Disease Control and Prevention* (CDC), em Atlanta, e o trabalho com Olen Kew sobre a técnica de PCR; referência ao trabalho de adaptação, implementação e aplicação desta técnica no Brasil; menção à técnica de hibridização em *dot blot* e ao seu doutoramento; comentários sobre o trabalho de consultoria em virologia ambiental em vários estados do Brasil e na América Latina, principalmente na Colômbia; comentários sobre o último caso de pólio no Bra-

sil, em Souza, na Paraíba, e o último na América Latina; as reuniões em Genebra para consultoria da Rede de Laboratórios de Pólio; novas considerações sobre a repercussão da tecnologia desenvolvida para o combate à pólio; a relação entre o trabalho como consultora e como funcionária da CETESB; a mudança de enfoque no trabalho da CETESB para além da área ambiental; comentário sobre o convênio com a *Japan International Cooperation Agency* (JICA); os cursos para controle de poluição e as parcerias desenvolvidas pela CETESB.

FITA 2 LADO B

Continuação dos comentários sobre os cursos, o convênio com a JICA e a sua viagem para estudos no Japão; as atividades de docente nos cursos de pós-graduação na USP, na Faculdade Santa Cecília e na Unicamp; considerações sobre o Curso de Gestão Ambiental; os trabalhos apresentados em eventos científicos; a organização do Congresso



Modelo tridimensional do vírus da poliomielite

de Microbiologia em 1996; o trabalho científico desenvolvido em uma agência ambiental; comentário sobre a pesquisa de mestrandas na universidade; considerações sobre a previsão para a erradicação mundial da pólio e o caso da Holanda; os países com casos de pólio e a situação daqueles com o Certificado de Erradicação; as motivações pessoais para trabalhar com a pólio e as seqüelas deixadas por ela; observações sobre a relevância do projeto de pesquisa “A história da poliomielite e de sua erradicação no Brasil” e a importância dos projetos de preservação da memória desenvolvidos no Brasil.

FICHA TÉCNICA

ENTREVISTA: Laurinda Rosa Maciel

TRANSCRIÇÃO: Maria Lúcia dos Santos

CONFERÊNCIA DE FIDELIDADE: Ives Mauro Junior

SUMÁRIO: Daiana Crús Chagas

RESENHA BIOGRÁFICA: Laurinda Rosa Maciel

NÚMERO DE FITAS: 2

TEMPO DE GRAVAÇÃO: 1h50min

LOCAL: São Paulo, SP

DATA: 2/5/2002

Fábio Moherdau



Fábio Moherdau nasceu em 22 de outubro de 1955, na cidade de São Paulo, descendente de imigrantes sírios. Graduou-se em Medicina em 1982, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Considera-se um humanista no mais amplo sentido da palavra e, coerentemente, voltou seu interesse para a medicina preventiva. Assim, ao término de sua graduação, ingressou no Curso de Especialização em Saúde Pública da Universidade de São Paulo,

e deu continuidade ao seu aperfeiçoamento na Residência de Medicina Social do Hospital do Servidor Público Estadual.

Iniciou sua carreira profissional em 1984, como sanitarista da Secretaria da Saúde do Estado de São Paulo, lotado em um centro de saúde. Em seguida, foi trabalhar na Regional de Saúde de São Paulo, na área de vigilância epidemiológica. Quando o Centro de Vigilância Epidemiológica do Estado de São Paulo foi criado, ficou responsável pelo controle de doenças imunopreveníveis, entre elas a poliomielite. Assim, na ocasião da proposta de erradicação da poliomielite, em 1985, ele era o responsável no estado de São Paulo.

Em 1987, assessorou o Ministério da Saúde no Programa de Erradicação da Poliomielite, integrando o GT-Pólio. Este trabalho permitiu-lhe ter clareza da grande diferença entre os estados brasileiros, levando-o a um posicionamento crítico em relação às campanhas de imunização. A partir de 1988, tornou-se assessor da Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS) e trabalhou com a erradicação da poliomielite no Peru, em Honduras e na Nicarágua.

Sentia-se um cidadão do mundo, mas o “sangue brasileiro” falou mais alto e, em fins de 1992, retornou ao Brasil e logo foi trabalhar no Programa Nacional de Doenças Sexualmente Transmissíveis (PNDST/AIDS), em Brasília, e, com frequência, é convidado a prestar assessoria a países da América Latina nesse assunto.

SUMÁRIO

FITA 1 LADO A

Considerações sobre a família; os avós imigrantes da Síria; considerações sobre a infância em São Paulo; a formação escolar em colégios tradicionais de São Paulo; o início do curso de Biologia na PUC de São Paulo; a transferência para a medicina; o enfoque na medicina preventiva; o direcionamento da Faculdade de Medicina da PUC para os aspectos sociais; professores que estimularam a escolha pela medicina social; a residência em Medicina Social no Hospital do Servidor Público Estadual; o Curso de Especialização em Saúde Pública da USP; o trabalho na Secretaria de Saúde do Estado de São Paulo; a atuação com as comunidades nos Centros de Saúde; o início do trabalho com vigilância epidemiológica na Regional de Saúde de São Paulo; o controle do surto de doenças imunopreveníveis nas comunidades; o Centro de Vigilância Epidemiológica do Estado de São Paulo e o primeiro Curso de Vigilância Epidemiológica do Brasil; o trabalho no controle das doenças imunopreveníveis; a proposta de erradicação da poliomielite; a chefia do grupo de São Paulo responsável pela erradicação da pólio; inserção no Grupo de Trabalho de Erradicação da Poliomielite (GT-Pólio); o contato com casos de pólio em São Paulo; referência a João Yunes; observações sobre o trabalho com a OPAS na América Latina; a consultoria no Peru e as dificuldades de trabalho; considerações sobre o destaque internacional dos profissionais brasileiros que atuaram na campanha de erradicação da pólio; a assessoria ao Ministério da Saúde nas

Secretarias Estaduais de Saúde durante a campanha de combate à poliomielite; as condições de trabalho nos estados do Norte e Nordeste do Brasil; a decisão do Ministério da Saúde de erradicar a poliomielite no Brasil e as dificuldades de se implementar a vacinação nos estados; considerações sobre a dificuldade de priorizar o combate à pólio em regiões assoladas por outras doenças; o questionamento pessoal acerca da necessidade de se destinarem tantos recursos para uma doença cada vez mais escassa; observações sobre as motivações que levaram à campanha de erradicação da pólio; o exemplo da varíola em escala mundial e a captação dos recursos utilizados na campanha da varíola para a pólio; a utilização política da proposta de erradicação efetiva de uma doença; a questão do “campanhismo” no Brasil; questionamento acerca da necessidade de grandes campanhas de âmbito nacional; a estruturação do Centro de Vigilância Epidemiológica de São Paulo.

FITA 1 LADO B

A preocupação com outras doenças no centro de vigilância paulista; a perspectiva de controle e eliminação do sarampo; a presença de Albert Sabin; o desenho de um projeto de eliminação do sarampo em São Paulo; a erradicação do sarampo no Brasil; o trabalho na América Latina e o afastamento do sarampo; a ida para Brasília; o primeiro projeto para o controle da AIDS com recursos do Banco Mundial; considerações sobre a importância de Ciro de Quadros no Ministério da Saúde; a passagem de consultor da OPAS nos estados do Brasil, para consultor na América Latina;

comentários sobre outros profissionais que também atuaram pela OPAS fora do Brasil; o trabalho no Peru e as dificuldades de locomoção; a necessidade de relacionamento com os guerrilheiros do grupo Tupac Amaru em Lima, no Peru, e o trabalho de vacinação em áreas ocupadas por eles; as dificuldades de chegar às regiões dominadas pelo grupo guerrilheiro Sendero Luminoso; a transferência para Honduras por decisão de Ciro de Quadros; a prioridade para a América Central; o nascimento da filha; as atividades como organizador da vigilância epidemiológica em Honduras; o modelo de campanhas de vacinação para erradicação da poliomielite; a articulação com os demais cooperadores que atuavam em Honduras; a melhoria da estrutura de vigilância epidemiológica em Honduras e a transferência para a Nicarágua; o contexto histórico da Nicarágua pós-sandinismo; as dificuldades pessoais e físicas de trabalho no país; a transferência da família para o Brasil; a desistência e a volta para o Brasil; o contexto histórico brasileiro; o Governo Fernando Collor de Mello e o *impeachment*; a ideologia de “cidadão do mundo” e a vontade de trabalhar no Brasil; a atuação da OPAS na formação de “cidadãos do mundo”; Ciro de Quadros e sua projeção na América Latina; as condições para o trabalho na América Latina proporcionadas pela OPAS; o trabalho com estratégia de controle de epidemias; considerações sobre trabalhar na selva da Nicarágua e as condições de realizar um combate de doenças; o trabalho com DST/AIDS desenvolvido por Lair Guerra e por Helvécio Bueno; o convite para integrar a equipe de trabalho com AIDS; o acidente de

Lair Guerra e as mudanças no direcionamento do trabalho; o enfoque na AIDS; a retomada dos investimentos nas demais DSTs; o trabalho de Paulo Teixeira; a implementação do programa de combate e controle da AIDS em São Paulo; a utilização do modelo paulista no Brasil; o retorno de Paulo Teixeira ao Ministério para trabalhar com as demais DSTs.

FITA 2 LADO A

Considerações acerca das suas atividades pelos países da América Latina; a consultoria na estrutura de programas para controle de DST e AIDS; comentários sobre a experiência de trabalhar em outros países; o afastamento do trabalho com a pólio; a permanente preocupação com os trabalhos desenvolvidos em prol da erradicação da pólio no mundo.

FICHA TÉCNICA

ENTREVISTA: Dilene Raimundo do Nascimento e Laurinda Rosa Maciel

TRANSCRIÇÃO: Marcello Cappucci Frisoni

CONFERÊNCIA DE FIDELIDADE:
Giselle Viana Carvalho

SUMÁRIO: Daiana Crús Chagas e Laurinda Rosa Maciel

RESENHA BIOGRÁFICA:
Dilene Raimundo Nascimento

NÚMERO DE FITAS: 2

TEMPO DE GRAVAÇÃO: 1h10min

LOCAL: Brasília, DF

DATA: 20/6/2001

Fernando Laender



Fernando Laender nasceu em 1946, na cidade de Teófilo Ottoni, Minas Gerais. Concluiu a graduação em Medicina na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) em 1972. Logo após sua graduação, veio para o Rio de Janeiro e fez residência no Hospital Pedro Ernesto. Teve contato com o professor Nelson de Moraes, diretor do Instituto de Medicina Social (IMS) da UERJ, e conheceu uma vertente mais social da saúde, já que estudou antropologia, epidemiologia e ciências sociais. Em 1975, começou a trabalhar no Centro de Saú-

de Germano Sinval Faria, da Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP), por intermédio de Eduardo Costa, que era seu colega no IMS.

Além de fazer ambulatório, consulta externa e atendimento à população, havia um posto de vacinação no centro de saúde, e vem daí seu contato com as doenças imunopreveníveis. No início da década de 1980, ingressou no Departamento de Epidemiologia e Métodos Quantitativos em Saúde da ENSP, participando de cursos patrocinados pelo Programa Ampliado de Imunizações (PAI) da OPAS. Neste período, foi para Washington trabalhar na OPAS, com controle de doenças imunopreveníveis, e lá permaneceu durante cinco anos.

Trabalhou ativamente na implantação do Programa Nacional de Imunização (PNI) junto às Secretarias Estaduais e Municipais de Saúde, fazendo um elo destas com a Secretaria Nacional de Ações Básicas em Saúde (SNABS), dirigida na época por João Baptista Risi Júnior. Em 1986, ao se lançar o compromisso de erradicação da poliomielite, o Brasil já havia avançado bastante no controle da doença, principalmente com a realização dos Dias Nacionais de Vacinação em todo o território nacional. Fernando Laender considerou este fator fundamental para o sucesso da campanha de erradicação da poliomielite.

Trabalhou em alguns países da África a convite da Organização Mundial de Saúde (OMS), e em vários outros na América Central, como El Salvador, Guatemala e Nicarágua. Foi assessor do PAI no Haiti e atualmente continua prestando assessoria à OPAS e trabalhando na Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz).

SUMÁRIO

FITA 1 LADO A

Considerações sobre sua cidade de origem, Teófilo Ottoni; a opção pelo curso de medicina; referência à residência de medicina social na UERJ e o interesse pela área desde a graduação; a ida para a Fiocruz e o trabalho desenvolvido na Unidade de Treinamento Germano Sinval Faria, na ENSP; as primeiras experiências na área de doenças imunopreveníveis; o convite da OPAS para ir a Washington; a volta ao Brasil e a divulgação do material para formação de pessoal em saúde pública; os antecedentes da decisão da erradicação da poliomielite nas Américas; considerações sobre a poliomielite tornando-se problema de saúde pública no Brasil; sua participação nas campanhas de erradicação da poliomielite nas Américas; opinião sobre a contribuição das Américas nesse processo; retomada do assunto da volta ao Brasil; comentários sobre a assessoria técnica prestada na África e na América Central; comentários sobre a relação entre o PAI e o pessoal de laboratório.

FITA 1 LADO B

As dificuldades e facilidades do trabalho no país; a relação do PNI com o Ministério da Saúde; considerações sobre a questão de recursos para a erradicação da poliomielite; considerações sobre a oposição campanha *versus* rotina; comentários sobre o acompanhamento do último caso de poliomielite no Brasil e nas Américas; a importância da continuidade das campanhas contra a poliomielite, no Brasil; as características da epidemia de pólio no Haiti e na República Domi-

nicana, em 2000; referência aos casos ocorridos na década de 1990 no Egito e em países da ex-União das Repúblicas Socialistas Soviéticas; considerações sobre as estratégias para o momento após a erradicação global da poliomielite; comentário sobre a ida para o Haiti e a epidemia de sarampo; considerações finais sobre a entrevista.

FICHA TÉCNICA

ENTREVISTA: Anna Beatriz de Sá Almeida e Laurinda Rosa Maciel

TRANSCRIÇÃO: Rosa M J Dutra

CONFERÊNCIA DE FIDELIDADE: Ives Mauro Junior

SUMÁRIO: Ives Mauro Junior e Laurinda Rosa Maciel

RESENHA BIOGRÁFICA: Laurinda Rosa Maciel

NÚMERO DE FITAS: 1

TEMPO DE GRAVAÇÃO: 1h

LOCAL: Rio de Janeiro, RJ

DATA: 7/1/2002

Guido Palmeira



Guido Antônio Espírito Santo Palmeira nasceu no Rio de Janeiro, em março de 1954. Seu interesse pela área biomédica teve influência de uma tia bióloga que trabalhou no Instituto Oswaldo Cruz (IOC). As idas e vindas ao IOC e o contato com as atividades de laboratório o fizeram optar por Biologia num primeiro momento. No entanto, acabou se decidindo por Medicina e concluiu o curso em 1979, pela Fundação Educacional Serra dos Órgãos, em Teresópolis, Rio de Janeiro.

Iniciou sua carreira na saúde pública ao vir para a Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP) fazer a Residência em Medicina Preventiva e Social, concluída em 1981. No ano seguinte esteve no Rio Grande do Norte, participando de um convênio da Fiocruz com a Secretaria Estadual de Saúde daquele estado, para supervisionar as atividades de saúde pública. Participou, junto com Peter Patriarca e outros, na década de 1980, da pesquisa realizada em função dos surtos epidêmicos de pólio no Nordeste, que resultou na modificação da formulação da vacina Sabin.

Em 1983, tornou-se especialista em Epidemiologia, também pela ENSP, e ingressou no Departamento de Epidemiologia e Métodos Quantitativos em Saúde, passando a fazer parte da equipe do Programa Ampliado de Imunizações (PAI). Com isso, foi docente nas áreas de epidemiologia e vigilância epidemiológica para alunos de Moçambique e de vários estados do Brasil, além de coordenar cursos de especialização do Programa de Ensino a Distância (EAD) da ENSP/Fiocruz na área de Vigilância Epidemiológica e de Saúde Pública.

Atuou ativamente na organização das campanhas de vacinação no país, e este aspecto é bastante explorado em sua entrevista. Tornou-se mestre em Saúde Pública, pela ENSP, em 1994, e atualmente prossegue como pesquisador do Departamento de Epidemiologia e Métodos Quantitativos em Saúde e coordenador pedagógico do Programa EAD da ENSP/Fiocruz.

SUMÁRIO

FITA 1 LADO A

A origem familiar e a infância na Urca; a influência da tia bióloga e o vestibular para Biologia; a opção por Medicina; a vida acadêmica em Teresópolis de 1974 a 1979 e o direcionamento para a área de Saúde Pública; referência à residência na ENSP em Medicina Preventiva em 1980; o trabalho em Mossoró, Rio Grande do Norte, como vice-diretor de uma regional de saúde em 1981 e 1982; considerações sobre o período de internato em Pernambuco no Projeto Vitória de saúde comunitária e no Projeto Rondon, no Ceará, em 1979; comentários sobre a estruturação da Campanha de Vacinação da Poliomielite; o retorno para o Rio de Janeiro e o curso de especialização; o trabalho no PAI e o Curso Básico de Vigilância Epidemiológica (CBVE); menção às viagens com José Wellington e à Associação de Saúde Pública (AESP).

FITA 1 LADO B

Continuação dos comentários sobre a AESP e a tentativa de articular uma associação nacional de sanitaristas; considerações sobre a discussão em torno da campanha de vacinação da pólio; sua oposição à campanha e o apoio à vacinação de rotina; a justificativa da campanha como estratégia específica para erradicação da poliomielite; menção ao uso da campanha da pólio para aumentar a cobertura de vacinação da tríplice no Rio Grande do Norte; referência às reuniões em Brasília para discussão da campanha da pólio; sua descrença na erradicação da poliomielite e sua visão mais global

da questão da saúde; comentários sobre o surto de casos de pólio no Nordeste e o estudo de Peter Patriarca; considerações sobre o seu trabalho de campo neste estudo; menção ao afastamento do PAI e seu direcionamento para a docência; referência aos cursos de mestrado, doutorado e o ensino a distância, o Programa EAD da ENSP/Fiocruz.

FITA 2 LADO A

Continuação dos comentários sobre o ensino a distância e os cursos nos estados; menção à ida para Moçambique em 1988, pelo Unicef, para realizar o levantamento da rede de frio; considerações sobre a precariedade do país em estado de guerra; considerações sobre a OMS e a questão da AIDS e da malária na África.

FICHA TÉCNICA

ENTREVISTA: Anna Beatriz de Sá Almeida e Laurinda Rosa Maciel

TRANSCRIÇÃO: Maria Lúcia dos Santos

CONFERÊNCIA DE FIDELIDADE: Ives Mauro Junior

SUMÁRIO: Gissele Viana Carvalho e Laurinda Rosa Maciel

RESENHA BIOGRÁFICA: Laurinda Rosa Maciel

NÚMERO DE FITAS: 2

TEMPO DE GRAVAÇÃO: 1h10min

LOCAL: Rio de Janeiro, RJ

DATA: 26/10/2001

Helvécio Bueno



Helvécio Bueno nasceu em maio de 1953, em São Gotardo, interior de Minas Gerais. Quando tinha seis anos de idade, sua família mudou-se para Belo Horizonte, onde estudou no Colégio Municipal até a preparação para o vestibular. Desde criança era fascinado pela área científica, e na adolescência, com seu primeiro salário, comprou um microscópio. Assim, a medicina foi uma opção natural e de verdadeira vocação.

Graduou-se em Medicina em 1978, na Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade de Brasília, que oferecia uma formação com enfoque social, e fez

Residência em Psiquiatria Clínica, no Hospital das Forças Armadas de Brasília. Durante dois anos atuou no atendimento clínico psiquiátrico.

Entre 1980 e 1986, fez especialização em Psicoterapia Infantil, foi médico sanitário em Taguatinga, Distrito Federal, atuou na descentralização do Programa de Controle das Doenças Sexualmente Transmissíveis, dirigiu o Centro de Saúde de Taguatinga e foi vice-diretor do Hospital Regional da mesma cidade. Fez o I Curso Internacional sobre Erradicação da Poliomielite, na Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP). Em 1984, fez especialização em Saúde Pública, no Centro Universitário de Brasília.

Entre 1986 e 1989, atuou como técnico e coordenador do Grupo Técnico para Erradicação da Pólio (GT-Pólio), sendo o responsável pela implementação da erradicação da poliomielite em nível nacional. Posteriormente, trabalhou como assessor na Secretaria de Saúde do Distrito Federal e atuou como consultor de curto prazo da OPAS, desenvolvendo atividades de apoio ao PAI e à Vigilância Epidemiológica das Doenças Imunopreveníveis, principalmente para a erradicação da poliomielite no Peru.

A partir de 1992, dedicou-se ao trabalho com DST/AIDS, e foi chefe da Unidade de Controle de Doenças Sexualmente Transmissíveis, do Ministério da Saúde. É médico sanitário e docente na Secretaria de Estado de Saúde Pública do Distrito Federal, membro de várias sociedades profissionais, tais como a Associação Médica Brasileira e a Associação Brasileira de Saúde Coletiva (ABRASCO), além de ser autor de várias publicações na área de doenças sexualmente transmissíveis e epidemiologia.

SUMÁRIO

FITA 1 LADO A

Considerações acerca da infância em São Gotardo, interior de Minas Gerais; a transferência da família para Lagoa Santa e, em seguida, para Belo Horizonte; sua formação escolar; considerações acerca do trabalho do pai como gerente de armazéns; considerações acerca do método empregado pela mãe na alfabetização de crianças; a formação profissional da mãe como bibliotecária e escritora de livros infantis; influência da família na escolha da profissão de médico; o primeiro trabalho, aos 11 anos, num escritório de engenharia; o estímulo dos irmãos mais velhos para estudar ciências; a formação de uma visão mais social do trabalho médico; influência da atuação estudantil dos irmãos mais velhos nesta formação; conjuntura política nacional no final da década de 1960; a escolha pela UnB; a deterioração da perspectiva de medicina social dentro da Universidade no início da década de 1970; o interesse por pediatria e as dificuldades encontradas; o trabalho no Hospital de Sobradinho; a escolha pela psiquiatria e o trabalho com a psiquiatria infantil; o abandono da psiquiatria e o início do trabalho com Saúde Pública; considerações acerca da formação dos sanitaristas e de sua falta de especialização na área; a atuação como sanitarista no serviço público; considerações sobre o trabalho no Centro de Saúde de Taguatinga: a relação com a população, a falta de remédios e as condições de trabalho; o atendimento clínico no Centro de Saúde de referência em doenças sexualmente transmissíveis; a gestão como diretor do Centro de Saú-

de; a nova administração do Hospital de Taguatinga e o cargo de vice-diretor; os problemas na administração e sua transferência para o Departamento de Saúde Pública; o trabalho com Milton Menezes no GT-Pólio; a participação e a relevância do Curso Internacional de Erradicação da Poliomielite na ENSP.

FITA 1 LADO B

Considerações sobre os demais profissionais que realizaram o curso na ENSP; a instrumentalização do trabalho com os profissionais do curso em Petrópolis; a aplicação das técnicas aprendidas com o curso no Ministério da Saúde; o trabalho de notificação dos casos de paralisia para investigação dos casos de poliomielite; a equipe de profissionais de Brasília; o trabalho de irradiação e aplicação das técnicas de combate e investigação da poliomielite; considerações sobre o trabalho desenvolvido pela equipe; o trabalho com Ciro de Quadros; a divulgação da campanha e a produção de manuais aplicados no combate à poliomielite; a criação do personagem Zé Gotinha e revistas em quadrinho sobre a vacina; considerações sobre o aprendizado do trabalho na prática cotidiana; a assessoria de profissionais especializados; Hermann Schatzmayr e a coordenação do trabalho no laboratório; a troca de informações com os demais estados do país; os cursos de capacitação para a atuação no combate à poliomielite pelos estados e municípios; consideração sobre as mudanças na estrutura do Ministério da Saúde e os reflexos no GT-Pólio; o trabalho como coordenador do grupo; a mudança de nome para Grupo de Trabalho para Erradicação da Pólio; a saída de profissio-

nais com a mudança do grupo; a falta de estrutura do novo grupo; a organização do novo grupo; o estágio de profissionais dos estados no Ministério da Saúde; considerações sobre a nova forma de trabalho que se estabeleceu; a supervisão cruzada nos estados; o recrutamento de novos profissionais para a equipe; o contato com Lúcia Helena Oliveira no PNI; a indicação de Maria Cristina Pedreira; a captação de profissionais junto à SU-CAM; as reuniões com o *Technical Advisory Group* (TAG); o acompanhamento da situação nos demais países; as reuniões nacionais para integração da campanha; a participação dos coordenadores de vacinação; a abrangência dos cursos e sua participação como coordenador; o trabalho de campo nos hospitais; a observação dos prontuários; considerações sobre a importância das atividades de Robin Biellik no Brasil.

FITA 2 LADO A

A pesquisa da vacina oral antipólio junto a Peter Patriarca, da OMS; o trabalho na investigação científica da vacina oral; a notificação do último caso de poliomielite no Brasil, em março de 1989; a certificação da erradicação da poliomielite em 1994; a saída de João Baptista Risi Júnior da SNABS; a mudança no Ministério da Saúde; o questionamento das atribuições do grupo; a pressão para que o grupo assumisse outras responsabilidades; a nomeação de Cláudio do Amaral para coordenador do GT-Pólio; o pedido de demissão e a ressonância no grupo; a vinculação contratual no Ministério da Saúde; a permanência do grupo no cuidado com a poliomielite; o papel de Ciro de Quadros e de Robin

Biellik na permanência da estrutura e da atribuição do grupo; as questões políticas e de interesses pessoais que envolvem a saúde pública no Brasil; considerações acerca da experiência de trabalhar com a poliomielite; a relevância social de combater a pólio; a participação do Rotary Club do Brasil no combate à doença; a criação, na instituição, de dias nacionais de luta pela erradicação; a participação de outros colaboradores, como a Fiocruz e universidades; considerações sobre a importância do embasamento acadêmico e do apoio técnico destes colaboradores para o trabalho desenvolvido no Ministério da Saúde; considerações sobre o compromisso e o envolvimento dos técnicos, médicos e colaboradores no Programa para Erradicação da Poliomielite; o trabalho estatístico de Joaquim Valente; o curso de inquérito de cobertura vacinal em Olinda; a criação dos Dias Nacionais de Vacinação; a questão da pólio e da vacina oral como facilitadoras do processo de imunização; as Campanhas de Vacinação e sua manutenção; a “Operação Varredura” contra o vírus da pólio; a manutenção das Campanhas de Vacinação contra a Poliomielite após a erradicação; o trabalho como consultor da OPAS no Peru na questão da pólio: a vacinação casa a casa; as condições de trabalho e as peculiaridades da saúde pública.

FITA 2 LADO B

Continuação das observações sobre o trabalho no Peru: a discriminação contra os indígenas, a vacinação nas populações mais carentes, aspectos da cultura e a experiência do trabalho; o último caso de pólio das Américas; o trabalho na Fun-

dação Nacional de Saúde (FUNASA): a coordenação e criação do Programa de Agentes Comunitários de Saúde, o Programa Nacional de Parceiras e a manutenção do Programa de Agentes Comunitários; a administração do ministro da Saúde Adib Jatene; os contatos com Lair Guerra; as pressões familiares e as dificuldades junto à Secretaria de Saúde de Brasília para permanecer no cargo no Peru; o convite de Lair Guerra para trabalhar no Brasil; o convênio com o Banco Mundial para trabalhar DST no Brasil; a criação do grupo DST/AIDS; a coordenação do grupo; o trabalho com Fábio Moherdau; o concurso para oficial de saúde do Unicef; o trabalho com mortalidade infantil pelo Unicef; a importância e a organização de “salas de situação” nos municípios de Pernambuco, Paraíba e Alagoas; o fim do contrato com o Unicef e o retorno para o trabalho na Secretaria de Saúde; o novo convite de Lair Guerra e o trabalho como coordenador de DST/AIDS; o Centro de Recepção e Triagem da Secretaria de Saúde de São Paulo; a questão dos medicamentos anti-retrovirais; o grupo de consenso e a discussão sobre as normas de tratamento dos medicamentos contra AIDS para o Brasil; o curso de logística na John Snow; a discussão pela normatização da distribuição de medicamentos aos pacientes nos municípios e os conflitos com a CEME; a avaliação do impacto dos medicamentos anti-retrovirais nos pacientes.

FITA 3 LADO A

Considerações sobre a falta de pessoal no Ministério da Saúde; a frequente incidência de profissionais emprestados;

a cooperação com as ONGs; a atuação das ONGs como força de reivindicação; considerações sobre o acesso ao remédio nas instituições públicas; o direito da população de ter acesso ao medicamento; a garantia do direito aos remédios para AIDS e o papel das ONGs nessa conquista; a distribuição de medicamentos no Brasil; o exemplo do Rio Grande do Norte e de São Paulo no controle dos almoxarifados; a experiência de trabalho com doenças de relevante impacto social; o combate à transmissão da AIDS de mãe para filho; o acidente de Lair Guerra e sua substituição; a falta de motivação após a saída de Lair; as intempéries do trabalho em direção e coordenação; a vontade de realizar o mestrado e lecionar; os acertos para o mestrado na Inglaterra; o convite de Álvaro Machado para trabalhar na montagem da equipe da Secretaria de Políticas Públicas; a desistência do mestrado e o cargo de diretor do Departamento de Avaliação das Políticas de Saúde; o trabalho no cargo e a incorporação das decisões pelo ministro Albuquerque; a coordenação dos conteúdos da *home page* do Ministério da Saúde; a coordenação da Rede Nacional de Informações em Saúde (RNIS); considerações sobre o trabalho com a RNIS a nível nacional; a coordenação da rede pelo Ministério da Saúde; o fórum com as instituições que lidam com informação em saúde; o acesso às informações em saúde como meio de avaliar o trabalho desenvolvido pelo Ministério; a organização e avaliação das políticas do Ministério; o Projeto de Acreditação Hospitalar; menção a João Yunes e à reformulação do Departamento de Avaliação.

FITA 3 LADO B

A saída de João Yunes da Secretaria de Políticas Públicas; as dificuldades em desenvolver o trabalho proposto e a saída da Secretaria de Políticas Públicas; o projeto do Cartão Nacional de Saúde; a mudança de ministro e o novo projeto; a volta para a Secretaria de Saúde do Distrito Federal; considerações sobre o trabalho que vem sendo desenvolvido como fruto da experiência no Ministério da Saúde; o trabalho com a “Sala de Situação”; a perspectiva de construção de uma Faculdade de Medicina na Secretaria de Saúde de Brasília; a aprovação em concurso como docente na área de epidemiologia; o convite para o mestrado na área de informação e epidemiologia na UnB; a metodologia de aprendizado baseada em problemas e suas aplicações pelo Brasil; a reformulação dos conceitos tradicionais de educação e sua aplicação na formulação da Faculdade de Medicina por meio dessa nova metodologia; a organização dos módulos da Faculdade; o início da pesquisa no mestrado; a orientação de Maurício Gomes Pereira; o trabalho no Banco Central na época da Universidade; o trabalho no corpo de médicos do Banco Central, após a saída do GT-Pólio; a transferência para a sede do Banco Central em São Paulo; a demissão com o convite para ir ao Peru; considerações sobre as experiências de trabalho com a pólio e sobre as pessoas com quem teve oportunidade de conviver.

FICHA TÉCNICA

ENTREVISTA: Dilene Raimundo do Nascimento e Laurinda Rosa Maciel

TRANSCRIÇÃO: Marcello Cappucci Frisoni

CONFERÊNCIA DE FIDELIDADE:

Gissele Viana Carvalho

SUMÁRIO: Daiana Crús Chagas e

Dilene Raimundo do Nascimento

RESENHA BIOGRÁFICA: Laurinda Rosa Maciel

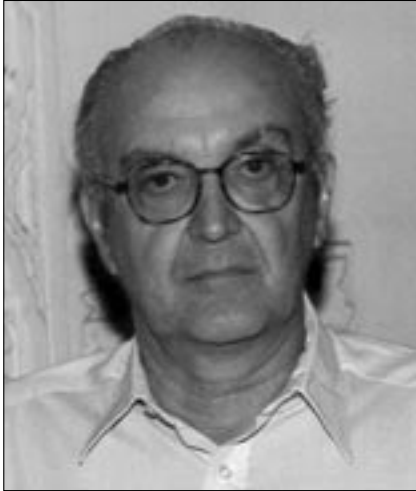
NÚMERO DE FITAS: 3

TEMPO DE GRAVAÇÃO: 2h50min

LOCAL: Brasília, DF

DATA: 19/6/2001

Hermann Schatzmayr



Hermann Gonçalves Schatzmayr nasceu no Rio de Janeiro, em 11 de maio de 1936. Formou-se médico veterinário pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, em 1957, e, desde a sua graduação, se dedica à pesquisa em virologia, influenciado inicialmente pelo seu professor Augusto Xavier Filho. Ao término da graduação, fez um ano de especialização em Microbiologia no curso do professor Paulo de Góis, na UFRJ.

O fato de seu pai ser austríaco levou-o para a Universidade de Viena, em 1960, com uma bolsa de estudos de um ano,

onde trabalhou principalmente com poliomielite. Ao voltar, foi convidado por Joaquim Tavares da Rosa para trabalhar como bolsista no recém-criado Laboratório de Poliomielite, na ENSP, dirigido por Laura Quiroga. Esse laboratório foi montado com a finalidade de estudar a pólio e identificar o vírus circulante, e de diluir e fazer o controle de qualidade da vacina Sabin, recentemente introduzida no país.

O laboratório foi fechado em meio aos turbulentos anos 60 e Hermann Schatzmayr teve a oportunidade de, alguns anos mais tarde, retomar o seu trabalho com a poliomielite no Laboratório de Virologia do Departamento de Ciências Biológicas da ENSP. Sua tese de doutorado também foi sobre poliomielite; com o título “Inibidores para o vírus da poliomielite em soros de bovinos”, foi defendida na *Universitat Giessen*, Alemanha, em 1966.

Em 1977, o Laboratório de Virologia foi transferido para o Instituto Oswaldo Cruz, retomando seu lugar de laboratório central para enterovírus do Ministério da Saúde. O laboratório de enterovírus teve destacado papel em todo o processo de erradicação da poliomielite no Brasil e nas Américas, sendo, em 1985, considerado referência para a OPAS/OMS no diagnóstico de poliovírus.

Hermann Schatzmayr fez sua carreira de virologista na Fundação Oswaldo Cruz, é pesquisador de renome internacional, membro do Comitê de Experts da OMS que discute a erradicação dos exemplares existentes do vírus da varíola, tendo inúmeros trabalhos publicados em importantes revistas nacionais e internacionais.

SUMÁRIO

FITA 1 LADO A

A graduação em Medicina Veterinária na UFRRJ; o interesse pela microbiologia e a influência do professor Augusto Xavier; o curso de especialização em Microbiologia na UFRJ; o trabalho na Universidade de Viena em 1960 e a produção da vacina da poliomielite; a volta para o Brasil e o trabalho na Fiocruz; o interesse conjugado da OPAS e do Ministério da Saúde na montagem do laboratório de pólio na Fiocruz; a equipe de virologista; referência à alta incidên-

cia de pólio e às epidemias; o Hospital Jesus e a utilização do pulmão de aço; menção a Itamara Meilman; a mudança na direção da Fiocruz em 1964 e o declínio do laboratório; a contribuição na montagem do laboratório Noel Nutels para diagnóstico de pólio; a bolsa de doutorado na Alemanha em 1965; a volta ao Brasil, a ida para a ENSP e a montagem do laboratório de pólio; a coordenação do Programa de Vírus no IOC e a implantação de laboratórios; o surto de pólio e a contribuição do grupo em aumentar o poliovírus tipo 3 na formulação da vacina.



Comissão Internacional para Certificação da Erradicação da Poliomielite nas Américas. Washington, Estados Unidos, 1994. Legenda da foto: Dr. Isao Arita, Dra. Dorothy Horstmann, Dr. Jan Kostrzewski, Dra. Maureen Law, Dra. Elsa Moreno, Dr. Fernando C. Olinto, Dr. V. Ramalingaswami, Dr. Frederick C. Robbins, Sir Kenneth L. Standart, Dr. Carlyle Guerra de Macedo e Dr. Ciro de Quadros

FITA 1 LADO B

Comentários sobre a tese de livre-doutorado sobre virologia da água da baía de Santos; a pesquisa na água da praia e a identificação do vírus da pólio em esgoto; a busca de nova tecnologia laboratorial e o apoio e financiamento de ONG, e do Rotary Club com bolsas; referência ao Centro Nacional de Poliomielite dirigido por Edson da Silva; comentário sobre o Programa de Erradicação da Pólio da OPAS; considerações sobre os laboratórios do Brasil e a busca de padronização; João Baptista Risi Júnior e a implantação dos Dias Nacionais de Vacinação; referência aos casos de pólio em 1989; o IOC e a chefia de uma coordenação especial para organizar a Bio-Manguinhos e o projeto de ampliação da produção de vacinas; menção a Akira Homma; a produção de manuais e revistas sobre as novas técnicas de pesquisa em pólio.

FITA 2 LADO A

Continuação dos comentários sobre os laboratórios brasileiros; referência à gestão de Francisco Rocha Lagoa e à destruição do laboratório de virologia e de microbiologia; o grupo de esquerda na Fiocruz e as cassações durante a ditadura militar; o impacto do golpe de 1964 e a situação política dentro da Fiocruz; a gestão de Vinícius da Fonseca e a renovação da infra-estrutura da Fundação e a criação de Far-Manguinhos e Bio-Manguinhos; menção a José Rodrigues Coura, Carlos Médicis Morel, Sérgio Arouca, Mítiko Fujita e Edson Elias da Silva; o Centro de Referência de Poliomielite e a gestão como presidente da Fiocruz; a participação na comissão técnica da Biossegurança.

FITA 2 LADO B

Comentários sobre a questão da Biossegurança na Fiocruz e a implantação do plano de saúde – Fio-Saúde; comparação entre o processo de erradicação da varíola e da pólio; o novo método de diagnóstico rápido da pólio (PCR); a diferenciação do vírus selvagem e vacinal e a modificação na vacina; o caso do Haiti; a discussão em torno da destruição do vírus da pólio após a erradicação no mundo; considerações sobre a reimplantação da dengue nas Américas e a situação do Rio de Janeiro; crítica em relação à liderança política de combate à dengue.

FICHA TÉCNICA

ENTREVISTA: Anna Beatriz de Sá Almeida e Dilene Raimundo do Nascimento

TRANSCRIÇÃO: Rosa M J Dutra

CONFERÊNCIA DE FIDELIDADE: Ives Mauro Junior

SUMÁRIO: Gissele Viana Carvalho e Dilene Raimundo do Nascimento

RESENHA BIOGRÁFICA:

Dilene Raimundo do Nascimento

NÚMERO DE FITAS: 2

TEMPO DE GRAVAÇÃO: 1h50min

LOCAL: Rio de Janeiro, RJ

DATA: 14/3/2002

Isabel Stefano



Isabel Cristina Stefano Pellizzari nasceu em 16 de junho de 1959, na cidade de Itápolis, São Paulo. A contragosto de seu pai, que queria vê-la médica, graduou-se em enfermagem, em 1980, em Bauru. Logo foi para São Paulo cursar a especialização em administração hospitalar, mas, no meio do curso, optou por uma especialização em Saúde Pública, ambas no Centro São Camilo. Retomou o curso de administração hospitalar somente alguns anos depois.

Aprovada em concurso na Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo, em 1981, foi trabalhar no Centro de Saúde Parque Santa Madalena, na Zona Leste de São Paulo. Posteriormente, trabalhou nos Distritos Sanitários de Vila Prudente e de Belenzinho e, neste último, desenvolveu um excelente trabalho de promoção e prevenção à saúde com a população pobre do bairro.

Em 1986, com a extinção dos Distritos Sanitários, Alexandre Vranjack convidou-a para organizar a Divisão de Imunizações do recém-criado Centro de Vigilância Epidemiológica. Aí, em 1987, elaborou-se o Plano de Eliminação do Sarampo no Estado de São Paulo e, pela primeira vez, usou-se o Ped-o-jet em vacinação. Isabel Stefano foi quem produziu o *Manual de Manuseio do Aparelho de Pressão Ped-o-jet*.

Em função de sua atuação dinâmica e altamente positiva, foi convidada, neste mesmo ano, para trabalhar na Divisão de Imunizações, em Brasília, e, em 1989, assumiu a coordenação do Programa Nacional de Imunizações (PNI). Tornou-se presidente da Fundação Nacional de Saúde (FUNASA), em 1991, e implementou mudanças administrativas, criando o Centro Nacional de Epidemiologia (CENEPI) e, no mesmo nível, a Coordenação Nacional de Programas de Imunizações, à qual se subordinavam a Divisão de Imunizações e a Divisão de Insumos. Seu período em Brasília foi de muito trabalho e muitos percalços.

Em 1992, voltou para São Paulo, seu estado de origem, onde trabalha em capacitação de pessoal e gestão dos programas de doenças crônicas não transmissíveis, na Regional de Saúde de Marília.

SUMÁRIO

FITA 1 LADO A

Lembranças sobre sua infância na cidade de Itápolis, em São Paulo; a opção pela Enfermagem, cursada na Faculdade do Sagrado Coração de Jesus (USC), Bauru, São Paulo, em 1980; breve relato sobre a história de sua família; os motivos que a levaram a escolher Saúde Pública; o trabalho no Centro de Saúde Parque Santa Madalena, em São Paulo, concurso realizado em 1981; comentários sobre as discussões em torno das campanhas de vacinação com David Capistrano, em 1981; as circunstâncias de sua ida para o PNI, em 1986; os cursos de educação continuada realizados pela OPAS; a experiência de ser enfermeira distrital de Saúde Pública, no Belenzinho, entre 1984 e 1985; comentários sobre as condições de moradia; a equipe de trabalho.

FITA 1 LADO B

A assistência aos moradores no Belenzinho: dificuldades e estratégias de trabalho; comentários acerca do trabalho de Nelson Bedim, diretor da DRSI, e seu apoio às Campanhas de Imunizações; as circunstâncias do curso que a capacitou a produzir a vacina BCG, realizado na Universidade de Saúde Pública; a reforma administrativa da Secretaria de Saúde do Estado de São Paulo, em 1986; a extinção dos Distritos Sanitários; sua atuação durante este período; a criação do Centro de Vigilância Epidemiológica, na Divisão de Imunização, em 1986; a experiência como coordenadora de Recursos Humanos da Secretaria de Saúde do Estado de São Paulo, em 1987; considerações sobre a elaboração

do primeiro *Manual de Procedimentos de Imunização com aparelho Ped-o-jet*; o trabalho do Comitê de Imunização do Estado de São Paulo, em 1987; as pesquisas realizadas no Hospital Emilio Ribas; as circunstâncias de sua nomeação como coordenadora do PNI do Ministério da Saúde, em 1990.

FITA 2 LADO A

As dificuldades encontradas no Ministério da Saúde; seu trabalho de levantamento de dados e de organização de campanhas de vacinação nos estados; a preocupação com o aperfeiçoamento técnico para realizar tanto a rotina quanto as campanhas; dificuldades devido à inexperiência do pessoal; a pesquisa realizada pela Fiocruz sobre oportunidades perdidas de vacinação, em 1989; as circunstâncias da Campanha de Vacinação contra a Poliomielite no Estado da Paraíba; dificuldades diante da greve estadual e da falta de pessoal técnico; a experiência da campanha de vacinação em Souza, Paraíba, última cidade a erradicar o vírus da poliomielite no Brasil.

FITA 2 LADO B

Sua decisão de falar aos jornais acerca da falta das vacinas DTP e sarampo para a realização de campanhas de imunizações; a saída de Ivanildo Franzosi do cargo de coordenador do Programa Nacional de Imunizações (PNI), em 1989; a parceria com o Unicef, com Roger Simpriton e com a Fiocruz; descrição dos resultados da pesquisa acerca das oportunidades perdidas de vacinação; levantamento das carências de cada estado; sua nomeação para a Coordenadoria do PNI e as mudanças implantadas; a publicidade da

Campanha Nacional de Vacinação, cujo personagem principal era o Zé Gotinha; os problemas de recursos para suprir as carências dos estados em material para a vacinação e treinamento de pessoal; as soluções encontradas na parceria com outras organizações, tais como o Unicef e a OPAS; a importância da participação do ministro da Saúde, Alcení Guerra, na campanha de vacinação na Bahia, em 1990; a apresentação do projeto baseado no levantamento das carências de cada estado; o compromisso do ministro da Saúde em apoiar tal projeto; o início do projeto.

FITA 3 LADO A

A criação dos coordenadores de estados, para apoiar a capacitação de pessoal; alguns resultados alcançados; a importância da reelaboração do Manual de Procedimentos de Vacinação de 1986; a criação do Comitê Técnico Assessor, com o objetivo de apoiar as campanhas, dando respaldo científico; comentários sobre a discussão acerca da competência do PNI como projeto temporário e não unidade permanente; sua atuação como presidente da FUNASA, em 1991; a criação do Centro Nacional de Epidemiologia (CENEPI).



Adesivo símbolo da Campanha de Multivacinação, PNI/FUNASA/MS

FITA 3 LADO B

A trajetória do Programa de Imunização da Poliomielite, surgido em 1973; o início das Campanhas Nacionais de Vacinação, em 1980; as circunstâncias das Campanhas Nacionais de Multivacinação; o início do combate ao sarampo no Brasil, em 1990; as circunstâncias de sua nomeação como presidente da FUNASA, em 1991; trabalhos realizados durante este período; definição da importância de seu trabalho em função do peso técnico e não partidário; a função do CENEPI e sua atuação junto ao PNI; motivos para a criação da coordenação do Programa de Auto-Suficiência em Imunobiológicos; a visita do professor Albert Sabin e sua proposta de mudar a forma de administração da vacina de sarampo, em 1991.

FITA 4 LADO A

Continuação do relato da visita do professor Albert Sabin; as críticas do médico sobre aparelhos Ped-o-jet; a publicidade usada na campanha de vacinação contra o sarampo, feita pelo mesmo profissional da campanha do presidente Fernando Collor de Mello; o retorno ao Centro de Vigilância Epidemiológica, em São Paulo, em 1995.

FICHA TÉCNICA

ENTREVISTA: Dilene Raimundo do Nascimento e Carlos Fidélis da Ponte

TRANSCRIÇÃO: Rosa M J Dutra

CONFERÊNCIA DE FIDELIDADE: Ives Mauro Junior e Dilene Raimundo do Nascimento

SUMÁRIO: Dilene Raimundo do Nascimento e Anna Beatriz de Sá Almeida

RESENHA BIOGRÁFICA:

Dilene Raimundo do Nascimento

NÚMERO DE FITAS: 4

TEMPO DE GRAVAÇÃO: 3h10min

LOCAL: Marília, SP

DATA: 14/6/2002

Ivanildo Franzosi



Ivanildo Tajra Franzosi nasceu na cidade de Santos, São Paulo, em outubro de 1951. Os primeiros estudos foram feitos em São Paulo, nos colégios Liceu Coração de Jesus e Arquidiocesano. Ao concluir a graduação em ciências biológicas, em 1975, veio para o Rio de Janeiro e fez o Curso de Especialização em Saúde Pública na Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP), Fiocruz.

Iniciou sua trajetória profissional dirigindo a Divisão Nacional de Laboratórios de Saúde Pública do Ministério da Saúde, de 1977 a 1979. Atuou direta-

mente no campo da vacinação, tendo organizado e coordenado o desenvolvimento da Rede de Frio do Programa Nacional de Imunizações (PNI), em 1980 e 1981. Na década de 1980, foi coordenador do PNI, com a responsabilidade não só de gerenciar as Campanhas Nacionais de Vacinação em todo o território nacional, mas também de propor e supervisionar a compra de imunobiológicos para o programa, treinar pessoal, elaborar manual de normas de vacinação e, ainda, de elaborar um plano nacional de auto-suficiência na produção de imunobiológicos.

Durante 1990 e 1992 foi oficial de projetos do Programa Ampliado de Imunizações (PAI), prestando assistência técnica aos estados do Nordeste na organização dos Dias Nacionais de Multivacinação, além de monitorar a cobertura vacinal nas Secretarias Estaduais de Saúde do Nordeste. Entre 1992 e 1995, foi oficial de projetos de saúde do Unicef, em Brasília, e prestava apoio técnico ao Ministério da Saúde nas áreas de vacinação e vigilância epidemiológica, principalmente no que se refere à erradicação da poliomielite.

Em agosto de 1995, foi convidado para ser membro da Comissão Nacional de Erradicação da Dengue, no Conselho Nacional de Saúde, e no final desse mesmo ano, foi nomeado assessor da Casa Civil da Presidência da República, atividade na qual ainda hoje se encontra, atuando na Subchefia de Análise e Acompanhamento de Políticas Governamentais.

SUMÁRIO

FITA 1 LADO A

A origem familiar e o período escolar; a influência do tio médico e o vestibular para biologia e medicina; a opção por biologia; os problemas financeiros da família e o trabalho como taxista; o término da faculdade em 1975 e o emprego como professor no Colégio Rio Branco em São Paulo e em cursinhos; a ida para Parnaíba, Piauí, em 1976, para ensinar biologia e ciências; o envolvimento com o Sindicato de Cortadores de Palha de Carnaúba e com o Ministério da Saúde; divergências com as autoridades locais e a prisão por ofensa ao Governador do Estado, Dirceu Arcoverde; a volta para São Paulo e a indicação para trabalhar em Brasília, no Ministério da Saúde; o trabalho na Divisão Nacional de Laboratório e a implantação de uma rede nacional de laboratórios de saúde pública no país, tendo como modelo o Instituto Adolfo Lutz; referências ao ministro da

Saúde Paulo de Almeida Machado; a mudança no grupo do Ministério com a entrada da Fundação SESP e da Epidemiologia; menção a Jorge Bermudez, a João Baptista Risi Júnior, ao ministro da Saúde Waldir Arcoverde, a Fernando Gomes e a Edmundo Juarez.

FITA 1 LADO B

Comentários sobre a mudança no Ministério da Saúde e a entrada da equipe da Fundação SESP, responsável pela epidemiologia; considerações sobre o trabalho do grupo de educação e saúde; referência ao Curso de Saúde Pública na ENSP em 1979 e ao curso do PAI; o trabalho com a rede de frio, sua montagem e a questão das câmaras frigoríficas; considerações sobre a sua participação na criação da central nacional de armazenagem e distribuição de vacina; menção a Artur Couto e Victor Gomes; referência à OPAS; o ensaio da primeira campanha de vacinação da pólio em Florianópolis e Maceió.



Criança recebendo a vacina Sabin

FITA 2 LADO A

Continuação dos comentários sobre a experiência do ensaio da campanha da pólio em Maceió e Florianópolis; considerações sobre a mobilização e conscientização popular para a campanha de vacinação; a organização da campanha da pólio em Mato Grosso; considerações sobre o dia de vacinação, o remanejamento de vacinas e a cobertura; o surto de poliomielite no Nordeste em 1986 e os Dias Nordestinos de Vacinação; menção a João Baptista Risi Júnior, Fernando Gomes e Cristina Maria Vieira da Rocha; a coordenação do PNI; a experiência da multivacinação em João Pessoa, em 1980.

FITA 2 LADO B

Comentários sobre o trabalho como coordenador do Programa Nacional de Imunização (1981-1990); a corrente contrária à campanha e considerações sobre a estratégia de erradicação da pólio com o trabalho de rotina e campanha; a aplicação da vitamina A junto com a vacina da pólio no Nordeste a pedido do Unicef; a questão da compra de vacina e o papel da Fiocruz; referência a Akira Homma, João Baptista Risi Júnior e Roberto Becker; considerações sobre a estrutura de erradicação da pólio e as mudanças na vigilância epidemiológica e nas atividades de laboratório; o Zé Gotinha como marco da imunização; o concurso para escolha do nome do símbolo da vacina; as campanhas publicitárias da pólio.

FITA 3 LADO A

A relação do PNI com o GT-Pólio; o trabalho de busca ativa de casos de pólio

em Cancun, México; as reuniões dos coordenadores de imunização nas Américas e a estrutura da erradicação da pólio no continente; menção a Ciro de Quadros; a campanha da pólio depois de 1990 e a progressiva descentralização; as mudanças no Ministério e a extinção da Fundação SESP junto com a SUCAM; considerações sobre a sua saída do PNI e o trabalho no Unicef; referências ao papel do Rotary Club nas campanhas; a assistência ao Nordeste nos Dias Nacionais de Vacinação; menção à coordenação da campanha de 1994; retomada da experiência no Mato Grosso do Sul.

FITA 3 LADO B

Continuação dos comentários sobre a experiência da campanha da pólio no Mato Grosso do Sul; lembranças da distribuição da vacina e a pane no avião; considerações sobre o livro dos 25 anos do PNI e a homenagem à equipe da pólio.

FICHA TÉCNICA

ENTREVISTA: Anna Beatriz de Sá Almeida e Laurinda Rosa Maciel

TRANSCRIÇÃO: Angélica Estanek Lourenço

CONFERÊNCIA DE FIDELIDADE:
Gissele Viana Carvalho

SUMÁRIO: Gissele Viana Carvalho

RESENHA BIOGRÁFICA: Laurinda Rosa Maciel

NÚMERO DE FITAS: 3

TEMPO DE GRAVAÇÃO: 2h40min

LOCAL: Rio de Janeiro, RJ

DATA: 11/12/2001

João Baptista Risi Júnior



João Baptista Risi Júnior nasceu no Rio de Janeiro e graduou-se em medicina pela Universidade Federal Fluminense, em 1967. Influenciado por seu pai, que era médico sanitarista, e por seu professor Olivier Pereira, acabou se engajando na campanha de erradicação da varíola e, ao se formar, coordenou a Campanha de Erradicação da Varíola nos estados da Guanabara e do Rio de Janeiro. Como coordenador, permaneceu até 1971, e foi durante sua gestão que se decretou a eliminação da transmissão de varíola nesses estados.

Neste mesmo ano de 1971, especializou-se em *Epidemiological Surveillance*, pelo *Center of Disease Control*, e, no ano seguinte, tornou-se epidemiologista da Divisão Nacional de Epidemiologia e Estatística de Saúde. Durante sua permanência nessa Divisão, participou do Plano Nacional de Controle da Poliomielite, em 1971, e da formulação e execução do Programa Nacional de Imunizações (PNI), criado em 1973. Em 1974, Risi Júnior assumiu a chefia do Setor de Epidemiologia da Fundação Serviços de Saúde Pública (FSESP), implementando, entre outras ações, o Sistema Nacional de Vigilância Epidemiológica.

Assumiu o cargo de Secretário Nacional de Ações Básicas de Saúde, no Ministério da Saúde, na gestão de Waldir Arcoverde, em 1979. Nesse cargo, participou da decisão dos Dias Nacionais de Vacinação. Na sua opinião, foi uma proposta audaciosa pela sua complexidade, mas comprovou o acerto pelo declínio da incidência da poliomielite no país. Essa estratégia, implementada sob sua liderança, derivou da proposta de erradicação da poliomielite nas Américas, em 1985, capitaneada pela OPAS, que resultou na certificação da erradicação da transmissão do poliovírus selvagem nos países das Américas, em 1994.

Atualmente, Risi Júnior exerce o cargo de epidemiologista da Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS), coordenando o Projeto “Informação e Comunicação em Saúde”.

SUMÁRIO

FITA 1 LADO A

Comentários sobre a influência do pai na escolha da Saúde Pública; sua participação na campanha de erradicação da varíola; a influência de Olivier Pereira em sua formação; as primeiras experiências de vacinação contra a varíola na década de 1960; comparação entre os modelos da varíola e da pólio; a organização do programa contra varíola por Oswaldo José da Silva, da Fundação Rockefeller; considerações sobre a campanha da varíola e sua extinção, em 1973; o diferencial introduzido pela campanha da varíola: a vigilância epidemiológica; informações sobre a difusão do conceito de Vigilância Epidemiológica nos Estados Unidos; o desenvolvimento desse conceito no Brasil por iniciativa de Oswaldo José da Silva; histórico da poliomielite e as primeiras pesquisas; a epidemia de 1916 nos Estados Unidos; as conseqüências da doença de Franklin Delano Roosevelt; a criação da Fundação Nacional contra a Paralisia Infantil; o estudo de Jonas Salk para desenvolvimento de vacina.

FITA 1 LADO B

O voluntariado na campanha de vacinação; o incidente Cutter; a participação do CDC na investigação do caso; as pesquisas de Hilary Koprowski e de Albert Sabin; atual epidemiologia da doença; primeiros registros da doença no Brasil; a interiorização da doença; as primeiras unidades de tratamento no Brasil; a mudança de perfil da doença no Brasil; a questão da notificação obrigatória; menção à polêmica com Sabin; retomada

do assunto sobre a difusão do conceito de Vigilância Epidemiológica no Brasil; a participação de Nelson de Moraes; a criação do Boletim Epidemiológico da Fundação SESP; a relação da notificação obrigatória da poliomielite com a vigilância epidemiológica; a organização do Sistema de Vigilância Epidemiológica da Poliomielite em 1975; informações sobre o funcionamento do sistema; a organização da Rede de Laboratórios; reflexões sobre o Plano Nacional de Controle da Poliomielite, de 1971; sobre a escolha da vacina Sabin no Brasil; as primeiras experiências com a vacina Sabin no Brasil; a sua opinião sobre o fracasso do Plano.

FITA 2 LADO A

Continuação das considerações sobre o Plano Nacional de Controle da Poliomielite de 1971 e sua estratégia de ação; o impacto da campanha; os motivos para a descontinuidade do Plano, em 1975; características da gestão do ministro da Saúde Paulo de Almeida Machado; o acirramento da polêmica rotina *versus* campanha; características da gestão anterior, do ministro da Saúde Mário Machado de Lemos; a criação do PNI, em 1973; os objetivos da criação da CEME em 1971; o papel do PNI no período de 1974 a 1979; o crescimento da Vigilância Epidemiológica nesse período; a indicação de Mozart de Abreu e Lima para secretário-geral; características da gestão do ministro da Saúde Waldir Arcoverde; os determinantes para a decisão pelos Dias Nacionais de Vacinação; relatos de várias epidemias no Brasil.

FITA 2 LADO B

Conjuntura para a mudança de estratégia de vacinação; a experiência da equipe de epidemiólogos da Secretaria de Saúde do Rio Grande do Sul; a epidemia de poliomielite no Paraná e em Santa Catarina; a proposição dos Dias Nacionais de Vacinação como estratégia de combate à poliomielite; considerações sobre os recursos para a compra das vacinas; a participação da CEME; os detalhes da decisão pelos Dias Nacionais de Vacinação e as críticas à proposta; considerações sobre a polêmica envolvendo Albert Sabin; a crítica dos médicos sanitaristas envolvidos com a Reforma Sanitária; o engajamento de outras instituições na Campanha.

FITA 3 LADO A

Considerações sobre a proposta de vacinar tanto nos centros urbanos como nas áreas rurais; a questão sobre a interiorização da doença; detalhes sobre o mecanismo da vacina Sabin; o sucesso do primeiro ano de Campanha; o engajamento da Secretaria de Saúde de São Paulo sob a administração de Adib Jatene; o fim da polêmica rotina *versus* campanha; a oposição inicial da OPAS e da OMS; a criação do PAI; considerações sobre o fim da resistência dos sanitaristas do ministério da saúde; os prazos iniciais da Campanha; os casos de poliomielite no Nordeste e a participação de Peter Patriarca; a nova formulação da vacina; recapitulação da história do controle e erradicação da poliomielite no Brasil e seus marcos fundamentais; a localização dos documentos da Fundação SESP.

FITA 3 LADO B

Considerações finais sobre a fase de erradicação; agradecimentos finais.

FICHA TÉCNICA

ENTREVISTA: Anna Beatriz de Sá Almeida,
Dilene Raimundo do Nascimento,
Eduardo Maranhão e Laurinda Rosa Maciel

TRANSCRIÇÃO: Marcello Cappucci Frisoni

CONFERÊNCIA DE FIDELIDADE:
Gissele Viana Carvalho

SUMÁRIO: Anna Beatriz de Sá Almeida

RESENHA BIOGRÁFICA:
Dilene Raimundo do Nascimento

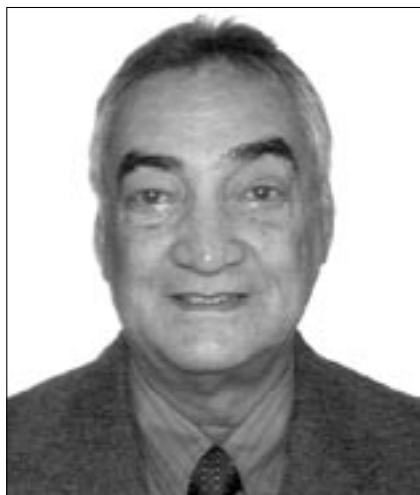
NÚMERO DE FITAS: 3

TEMPO DE GRAVAÇÃO: 2h35min

LOCAL: Rio de Janeiro, RJ

DATA: 21/11/2000

João Lima Filho



João Lima Filho nasceu em Sertânia, Pernambuco, em 20 de julho de 1935. Graduou-se em Medicina, em 1962, na Universidade Federal de Pernambuco. Durante longo período, exerceu medicina nas unidades sanitárias da Fundação Serviços Especiais de Saúde Pública (FSESP). Começou em Cabrobó, em 1963, passou pelas cidades de Floresta e Buíque e, em 1968, assumiu a chefia do Posto de Higiene Municipal de Arcoverde e a direção da Regional de Saúde da VI Dires, onde ficou até 1972, mudando-se então para Recife.

Nesse período, fez especialização em Saúde Pública e em Epidemiologia, ambas na Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP), no Rio de Janeiro. Trabalhou na direção de diversos serviços de saúde pública no Estado de Pernambuco, inclusive no Programa de Interiorização das Ações de Saúde e Saneamento (PIASS), até tornar-se chefe de gabinete da Superintendência de Campanhas de Saúde Pública (SUCAM) do Ministério da Saúde, em 1980.

Nos anos seguintes, dirigiu a Divisão Técnica da Secretaria Nacional de Ações Básicas em Saúde (SNABS) e chefiou o Setor de Vigilância da Divisão Nacional de Epidemiologia do Ministério da Saúde, trabalhando com a vigilância do sarampo, da meningite e da poliomielite. Em 1986, participou do Grupo de Trabalho de Erradicação da Poliomielite (GT-Pólio), ligado à Divisão Nacional de Epidemiologia, permanecendo em Brasília de 1980 a 1986.

Nesse mesmo ano, retornou para Recife e assumiu a Coordenação da Erradicação da Poliomielite na Secretaria Estadual de Saúde de Pernambuco, assim como a Assessoria Estadual do Programa Nacional de Imunizações (PNI). Ao mesmo tempo, foi gerente da Divisão de Doenças Transmissíveis da Diretoria de Epidemiologia da Secretaria Estadual de Saúde de Pernambuco. Essas funções o levavam a viagens constantes pelo interior do estado para acompanhar e supervisionar o controle das doenças transmissíveis, inclusive a campanha de erradicação da pólio, nos municípios de Pernambuco.

SUMÁRIO

FITA 1 LADO A

A ida de sua família para Arcoverde, em Sergipe; o ingresso no curso científico do Colégio Americano Baptista, na cidade vizinha, Pesqueira; a graduação em medicina na Universidade Federal de Pernambuco, em 1962; motivos para optar pela medicina; a influência de seu tio; a experiência como chefe de diversas Unidades Sanitárias da Fundação SESP, em Cabrobó; breve relato sobre as primeiras atividades profissionais; a pós-graduação em Pediatria Geral no Instituto Materno Infantil de Pernambuco (IMIP); motivos que o levaram a procurar uma vaga na Fundação SESP; sua demissão; a nomeação como diretor regional da Se-

cretaria de Saúde do Estado de Pernambuco; os primeiros contatos com a pólio; a realização de um seminário cujo tema central era a implantação da vigilância da pólio; seu contato com João Baptista Risi Júnior, durante este seminário, em 1975; como eram realizadas as investigações; o uso do *kit* para diagnóstico; o treinamento de pessoal; motivos para a escolha da erradicação da pólio naquele momento; a realização das investigações de pólio.

FITA 1 LADO B

As circunstâncias da pós-graduação em Saúde Pública na ENSP, em 1973; a prática do curso realizada no Rio Grande do Sul; a criação do Curso de Auxiliar de Epidemiologia em Sergipe; sua nomea-



Criança com seqüela de poliomielite sendo examinada

ção como chefe de Gabinete do Superintendente da SUCAM, em 1980; o trabalho com a epidemiologia; a realização do curso de epidemiologia; os indicadores de São Paulo sobre a pólio; sua experiência no Plano Nacional de Controle da Poliomielite, em 1971; as dificuldades para obter informações corretas; seu trabalho como membro da equipe técnica do PIASS; o começo da campanha nacional de vacinação da pólio.

FITA 2 LADO A

A realização dos Dias Nacionais de Vacinação; a divergência entre o Ministério da Saúde e Albert Sabin; dificuldades em conseguir as doses da vacina monovalente; o trabalho de Anita Monteiro no combate à pólio; explicações acerca do fenômeno de Trueda na poliomielite; a organização do primeiro Dia Nacional de Vacinação, em 16 de junho de 1980; as discussões nas reuniões nacionais; os problemas na entrega das vacinas aos postos; relato acerca do surto de pólio no Ceará, durante seu trabalho como coordenador do Programa de Vigilância da Pólio.

FITA 2 LADO B

As primeiras investigações do surto de pólio no Ceará; a falta de cobertura no estado; seu trabalho como diretor da Divisão Técnica de Divulgação da SNABS, concomitante com o de chefe de gabinete do superintendente da SUCAM, em 1980; seu trabalho como chefe do Setor de Vigilância da Divisão Nacional de Epidemiologia (DNE); o aparecimento dos primeiros casos de AIDS; a criação do PNI e sua relação com a Divisão de

Epidemiologia; o aparecimento do vírus mutante da pólio 1 e sua participação no estudo desenvolvido por Peter Patriarca, publicado no *The Lancet*, em 1988.

FITA 3 LADO A

A participação de Fernando Laender na pesquisa de Peter Patriarca; o fornecimento da vacina por Bio-Manguinhos, da Fiocruz; o combate à pólio no Nordeste, na década de 1980; o incentivo da OPAS para o desenvolvimento da vacina contra a pólio com nova formulação; sua colaboração na erradicação da pólio; a participação de Majorie Pollack nas reuniões; sua participação na equipe do GT-Pólio, composta também por Márcia Moreira e Fernando Laender; as dificuldades de se obterem dados precisos sobre a pólio devido aos problemas de diagnóstico da doença; o trabalho da Comissão de Revisão de Casos; os casos inconclusivos; os relatórios estaduais.

FITA 3 LADO B

O PNI, durante o período em que trabalhou como assessor do mesmo; as circunstâncias da criação deste programa; avaliação das coberturas da vacinação contra a pólio, as campanhas e as rotinas; a perspectiva para a erradicação mundial da pólio para 2010; a suspensão da vacinação contra a pólio.

FICHA TÉCNICA

ENTREVISTA: Anna Beatriz de Sá Almeida e
Dilene Raimundo do Nascimento

TRANSCRIÇÃO: Maria Lúcia dos Santos

CONFERÊNCIA DE FIDELIDADE: Ives Mauro Junior

SUMÁRIO: Dilene Raimundo do Nascimento

RESENHA BIOGRÁFICA:

Dilene Raimundo do Nascimento

FITAS: 3

TEMPO DE GRAVAÇÃO: 2h50min

LOCAL: Recife, PE

DATA: 23/5/2002

José Fernando Verani



José Fernando de Souza Verani nasceu em março de 1951, em Nova Friburgo, Rio de Janeiro. Em 1970, iniciou a graduação em Ciências Sociais na Universidade Federal do Rio de Janeiro, concluída em 1974. Entre março e julho de 1971, fez um curso de sociologia urbana em Cincinnati, Estados Unidos. Após a graduação, ingressou no mestrado em Medicina Social na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e começou a trabalhar como consultor da Organização Mundial da Saúde (OMS), no programa de erradicação da varíola em Bangladesh e Somália.

Em 1979, fez o Curso de Epidemiologia Aplicada e Bioestatística, do *Centers for Disease Control and Prevention* (CDC), em Atlanta, Estados Unidos, e logo após começou a trabalhar no Departamento de Epidemiologia e Métodos Quantitativos em Saúde, da Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP), nas atividades de ensino e formação de recursos humanos promovidas pelo Programa Ampliado de Imunizações (PAI) da Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS). Atuou como técnico no programa de imunização e vigilância epidemiológica na Nigéria e Angola entre 1978 e 1981.

Fernando Verani foi um dos fundadores da Escola Politécnica de Saúde da Fiocruz e seu diretor entre 1985 e 1987. Foi também assessor regional para a América Latina e África do Programa de Imunizações Polioplus, da Fundação Rotary International, entre 1987 e 1990.

Durante a década de 1980, atuou como consultor da OMS, do Unicef e da OPAS em diferentes países da África e da América Latina. Defendeu o mestrado em Saúde Pública na ENSP, em 1992, e no ano seguinte passou a ser membro da *Task Force on Immunization in Africa*, que assessora o escritório regional da OMS para a África nas políticas e estratégias para o programa de imunizações e erradicação da poliomielite.

Ao longo de sua vida profissional, tem participado de vários congressos e conferências e publicado diversos trabalhos, principalmente na área de imunização e epidemiologia. É pesquisador titular do Departamento de Epidemiologia e Métodos Quantitativos em Saúde da ENSP.

SUMÁRIO

FITA 1 LADO A

Lembranças sobre sua infância em Nova Friburgo, Rio de Janeiro; a graduação em Ciências Sociais, na UFRJ, de 1970 a 1974; o curso de Sociologia Urbana na Universidade de Cincinnati, em Ohio, Estados Unidos, em 1971; o mestrado em Medicina Social no Instituto de Medicina Social (IMS) da UERJ, de 1975 a 1977; as circunstâncias de sua ida para Bangladesh como consultor da OMS na erradicação da varíola, em 1975; o período de aprendizado para trabalhar com o vírus; considerações sobre a crença dos hindus na deusa Shitala Maya e a resistência à vacinação; comentários sobre o choque entre duas culturas tão diferentes.

FITA 1 LADO B

Considerações sobre a vigilância epidemiológica da varíola na Índia; comentários acerca das estratégias de erradicação: vigilância epidemiológica, vacinação de contatos e vacinação de bloqueio; novas considerações sobre o choque cultural e a importância da adequação das estratégias; referência aos modelos de vacinação da varíola e da poliomielite; o desenvolvimento do campo da epidemiologia com a erradicação da varíola; referência à erradicação da malária e da febre amarela; explicações sobre o papel da agulha bifurcada no combate à varíola; referência a Peter Patriarca e ao grupo do PAI na ENSP, em especial Eduardo Maranhão; considerações sobre o trabalho com varíola em Angola, pela OMS, de 1978 a 1981; a criação do PAI, em 1977.

FITA 2 LADO A

Considerações sobre o início do trabalho com a poliomielite; as dificuldades encontradas no financiamento do PAI; o apoio do Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) e do Banco Mundial; os últimos casos de varíola ocorridos em Londres, após a certificação da erradicação; considerações sobre a quantidade de laboratórios e a questão da vigilância; referência às dificuldades do PAI frente às constantes mudanças nos governos; considerações acerca da supervisão da campanha de vacinação contra a poliomielite no Paquistão, em 2000; circunstâncias de sua saída do PAI, em 1981; seu ingresso na ENSP, em 1981; considerações sobre a equipe de trabalho; comentários sobre a falta de reconhecimento dos profissionais da epidemiologia.

FITA 2 LADO B

Considerações sobre a importância da Escola Politécnica de Saúde da Fiocruz, em 1985, e sua participação na criação da mesma; referência ao contato da Escola com a Secretaria Nacional de Ações Básicas (SNABS); comentários sobre as reuniões anuais do Grupo Técnico Assessor do PAI; referência ao papel da epidemiologia na prevenção de surtos de vírus mutantes da pólio; considerações sobre a importância da erradicação da pólio e do sarampo; sua participação nas campanhas de vacinação em Angola, em 1978; considerações sobre a realização das campanhas de imunização no Brasil; sua experiência nestas campanhas; considerações sobre o papel da publicidade.

FITA 3 LADO A

Considerações sobre o Programa de Imunização do Sarampo e o posicionamento da OMS; referência às formas de administração da vacina da pólio e do sarampo e a necessidade de pessoal especializado; considerações sobre o processo de erradicação do sarampo na África: a preocupação com as campanhas e a rotina; a importância de programas atentos à história de cada país; referência às formas de organizar o combate ao vírus; considerações sobre as expectativas de erradicação da pólio em diferentes países; novas considerações sobre a criação da Escola Politécnica de Saúde: as exigências da Secretaria de Educação, sua nomeação como primeiro diretor; considerações sobre a criação do Núcleo de Estudos de Saúde de Populações Indígenas (NESPI); comentários sobre a defesa da sua dissertação em 1991 sobre vigilância epidemiológica na erradicação da varíola e da poliomielite.

FITA 3 LADO B

Continuação dos comentários sobre a defesa da tese; referência à criação da Ordem da Agulha Bifurcada pela OMS, em reconhecimento aos profissionais que atuaram na erradicação da varíola.

FICHA TÉCNICA

ENTREVISTA: Anna Beatriz de Sá Almeida e Laurinda Rosa Maciel

TRANSCRIÇÃO: Marcello Cappucci Frisoni

CONFERÊNCIA DE FIDELIDADE: Ives Mauro Junior

SUMÁRIO: Laurinda Rosa Maciel

RESENHA BIOGRÁFICA: Laurinda Rosa Maciel

NÚMERO DE FITAS: 3

TEMPO DE GRAVAÇÃO: 2h40min

LOCAL: Rio de Janeiro, RJ

DATA: 3/9/2001

Maria Cristina Pedreira



Maria Cristina Pedreira nasceu em março de 1954, em Porto Alegre. Filha e neta de engenheiros, sentiu falta das ciências exatas nas aulas da graduação em medicina, iniciada em 1973, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Concluiu o curso em 1978 e fez residência e especialização em pediatria, no Hospital Ernesto Dornelles e na Sociedade Brasileira de Pediatria.

Em 1982, prestou concurso para a Secretaria de Saúde do Estado e trabalhou na cidade de Cachoeirinha, região metropolitana de Porto Alegre, como médica

pediatra, além de atuar também na rede hospitalar particular da capital. Em 1984, fez concurso para médica sanitária e foi a responsável técnica, até 1989, pelos Dias Nacionais de Vacinação (DNV).

A partir de 1989 e até agosto de 1994, período crucial para a erradicação da transmissão do poliovírus selvagem no país, foi técnica do GT-Pólio do Ministério da Saúde. Neste mesmo ano, assume a chefia da Coordenação Nacional de Doenças Imunopreveníveis da Fundação Nacional de Saúde (FUNASA) do Ministério da Saúde.

Devido à sua grande experiência em planejamento e organização dos Dias Nacionais de Vacinação, em Porto Alegre, foi chamada para assessorar a OMS no planejamento da imunização, em Moçambique e Angola, em 1996. Neste mesmo ano, começou o mestrado em Epidemiologia na Universidade Federal de Minas Gerais, cujo tema aliou a prática médica na pediatria à experiência com a poliomielite, pesquisando a Síndrome de Guilan Barré, concluída em 1999.

Paralelamente ao mestrado, realizou cursos de atualização, dentre eles, os de Controle de Doenças Imunopreveníveis e de Avaliação de Vacinas, ambos na ENSP/Fiocruz, entre 1998 e 1999. Foi também técnica do Plano de Erradicação do Sarampo, o chamado GT-Sarampo, coordenado pela FUNASA entre 1998 e 2000. Desde 2000, é epidemiologista da OPAS, trabalhando com o Programa Ampliado de Imunizações (PAI), na República Dominicana.

SUMÁRIO

FITA 1 LADO A

A origem familiar; lembranças da infância e adolescência em Porto Alegre; a vocação para a matemática e a opção pela medicina; a graduação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e a especialização em pediatria; considerações sobre a atuação na rede privada de hospitais e o concurso público em 1982; o trabalho no Posto de Saúde de Cachoeirinha, Grande Porto Alegre; comentários sobre a Pós-graduação na Escola de Saúde Pública em 1983; referência ao concurso para médica sanitarista em 1984 e sua atuação nos Dias Nacionais de Vacinação; considerações sobre a es-

truturação da campanha de vacinação da pólio; referências a Lúcia Helena Oliveira e ao convite para trabalhar no Programa de Erradicação da Poliomielite em Brasília; menção a Helvécio Bueno e José Fiúza Lima; considerações sobre as atividades no GT-Pólio e na SNABS; considerações do Programa de Erradicação da Poliomielite como prioridade política e sua relação com o Centro Nacional de Epidemiologia (CENEPI).

FITA 1 LADO B

Novas considerações sobre o trabalho no Programa de Erradicação da Poliomielite; aspectos do processo de criação e das atividades da Coordenação Nacional de Doenças Imunopreveníveis; referência à



Criança recebendo a vacina Sabin

assessoria técnica prestada aos estados; comentários sobre os indicadores de vigilância epidemiológica, as notificações dos casos e o gerenciamento das informações; referência à experiência no Piauí e em Rondônia; comentários sobre o risco de reintrodução do vírus e o papel da vigilância epidemiológica; referência ao caso da mutação do vírus vacinal na República Dominicana, em 2000.

FITA 2 LADO A

Continuação dos comentários sobre o caso da mutação do vírus vacinal na República Dominicana; referência à notificação dos casos e às reuniões com os Secretários de Saúde dos estados; novas considerações sobre vigilância epidemiológica; referência ao papel da OPAS e aos últimos casos de notificação da pólio; a experiência da reunião de avaliação do processo de erradicação nas Américas, no México, em 1990, e o apoio recebido de Robin Biellik e de Lúcia Helena Oliveira; a criação de um sistema de notificação nos estados; referência à saída de Helvécio Bueno e à entrada de José Fíúza Lima na coordenação do GT-Pólio; referência à equipe do GT-Pólio.

FITA 2 LADO B

O processo de erradicação da pólio; comentários sobre a Operação Limpeza no Nordeste, em 1989; considerações sobre a certificação de erradicação no Brasil e nas Américas; o trabalho paralelo de vacinação e erradicação no mundo; comentários sobre as estratégias para interromper a vacinação; referência à solicitação da OPAS de redução dos laboratórios e padronização do diagnóstico; a importância de prosseguir com os Dias

Nacionais de Vacinação; considerações sobre a erradicação do sarampo e o problema da meningite; novas referências a Robin Biellik; comentários sobre o planejamento dos Dias Nacionais de Vacinação em Angola e Moçambique, junto com José Fernando Verani, em 1996.

FITA 3 LADO A

O retorno para Brasília e o trabalho com zoonoses, rubéola e sarampo; menção a Elizabeth David dos Santos; considerações sobre o mestrado em Epidemiologia, na UFMG, sobre a Síndrome de Guilan Barré; comentários sobre a seleção da OPAS para trabalhar com o PAI na República Dominicana, em 2000; referência à sua relação com os colegas de trabalho e a formação de laços de amizade; considerações finais acerca da proposta de erradicação da pólio no mundo até 2005.

FICHA TÉCNICA

ENTREVISTA: Anna Beatriz de Sá Almeida e Laurinda Rosa Maciel

TRANSCRIÇÃO: Marcello Cappucci Frisoni

CONFERÊNCIA DE FIDELIDADE:

Gissele Viana Carvalho

SUMÁRIO: Gissele Viana Carvalho

RESENHA BIOGRÁFICA: Laurinda Rosa Maciel

NÚMERO DE FITAS: 3

TEMPO DE GRAVAÇÃO: 2h20min

LOCAL: Porto Alegre, RS

DATA: 2/8/2001

Maria da Luz Fernandes Leal



Maria da Luz Fernandes Leal nasceu em Trás-os-Montes, Portugal, em outubro de 1957. Chegou ao Brasil e foi morar em São Paulo. Por gostar das aulas de Química e também dos temas ligados à saúde, prestou vestibular para Farmácia. Apaixonou-se pelo Rio de Janeiro à primeira vista e concluiu a graduação na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em 1979, e no ano seguinte o Curso de Farmacêutico-Bioquímico, com especialização em Análises Clínicas, na mesma Universidade.

Desde a graduação desenvolveu interesses no campo da virologia, quando trabalhou como monitora no Departamento de Virologia do Instituto de Microbiologia da UFRJ com Maria Genoveva von Hubinder. Esta experiência marcou o início da sua relação mais direta com os estudos de poliovírus.

Ingressou na Fiocruz, ainda em 1980, por intermédio de Hermann Schatzmayr. No ano seguinte, influenciada por Akira Homma, aceitou uma bolsa de estudos no Japão para treinamento em controle de qualidade da vacina oral contra a poliomielite. Este treinamento fazia parte do acordo de cooperação técnica entre os dois países, visando o aprendizado do conjunto das etapas de produção da vacina. Na volta ao Brasil, foi contratada por Bio-Manguinhos e ficou responsável pela implantação do controle de qualidade da vacina importada contra a poliomielite, a ser utilizada nas campanhas de vacinação.

Em 1984, tornou-se a responsável técnica pela produção da vacina, a partir de concentrado viral monovalente importado. Em sua entrevista, Maria da Luz atribui ao fator custo-benefício desfavorável e a outras dificuldades a opção de Bio-Manguinhos de produzir a vacina contra a pólio a partir do processamento dos concentrados virais importados. Em 1989, passou a ser chefe do Departamento de Produção, responsável pela fabricação das vacinas contra a pólio e a meningite A e C, entre outras atividades.

Em 1984, tornou-se a responsável técnica pela produção da vacina, a partir de concentrado viral monovalente importado. Em sua entrevista, Maria da Luz atribui ao fator custo-benefício desfavorável e a outras dificuldades a opção de Bio-Manguinhos de produzir a vacina contra a pólio a partir do processamento dos concentrados virais importados. Em 1989, passou a ser chefe do Departamento de Produção, responsável pela fabricação das vacinas contra a pólio e a meningite A e C, entre outras atividades.

Em 1994 foi substituta do diretor de Bio-Manguinhos e, em 1997, tornou-se diretora do Instituto até a implantação do novo modelo de gestão. Desde 1999, com a eleição de Akira Homma como diretor de Bio-Manguinhos, foi nomeada vice-diretora da unidade.

SUMÁRIO

FITA 1 LADO A

A origem familiar e a infância em Portugal; a vinda para o Brasil e os estudos em São Paulo; a aprovação no vestibular para Farmácia na UFRJ e a mudança para o Rio de Janeiro com a mãe; considerações sobre a trajetória na faculdade e o direcionamento para a virologia e microbiologia; os estágios no Laboratório de Maria Genoveva von Hubinder e no Hospital Getúlio Vargas; referências a Hermann Schatzmayr e Akira Homma; a produção de vacina contra o sarampo e a poliomielite na Fiocruz e a transferência de tecnologia do Japão; comentários sobre o ingresso na Fiocruz e o treinamento em controle da vacina contra a pólio em Tóquio, Japão; considerações sobre o trabalho de controle da vacina contra a pólio importada para uso nas campanhas e a criação do INCQS; referência à segunda viagem ao Japão, em 1984; considerações sobre a formulação da vacina no Brasil com a importação do concentrado viral do Laboratório Smith-Kline; abordagem do processo de imunização e o surto de pólio no Nordeste; referência a Fernando Laender e a Eduardo Maranhão; considerações sobre a reformulação da vacina de poliomielite no Brasil e a adoção pela OMS para os países de clima tropical; comentários sobre a produção de vacinas em Bio-Manguinhos.

FITA 1 LADO B

Continuação dos comentários sobre o trabalho em Bio-Manguinhos e o processo de produção de vacinas; referências ao Programa de Erradicação da Pólio proposto pelo Unicef e pela OMS e o

aumento da procura de vacina; o reflexo deste aumento no Brasil; referência à relação do INCQS com a Bio-Manguinhos; o Programa de Auto-Suficiência em Imunobiológicos (PASNI) e a articulação entre as instituições produtoras; considerações sobre o remanejamento da linha de produção de vacinas e a estratégia de autonomia do país; referência a momentos de crise na produção da vacina contra a pólio; a questão da associação de vacinas e a produção da vacina DTP e a tetravalente; considerações sobre o processo de erradicação da pólio e as controvérsias sobre o fim da vacinação; comentários sobre a paixão pelo trabalho com a pólio e com a febre amarela.

FICHA TÉCNICA:

ENTREVISTA: Anna Beatriz de Sá Almeida e Laurinda Rosa Maciel

TRANSCRIÇÃO: Rosa M J Dutra

CONFERÊNCIA DE FIDELIDADE: Ives Mauro Junior

SUMÁRIO: Giselle Viana Carvalho e Anna Beatriz de Sá Almeida

RESENHA BIOGRÁFICA: Laurinda Rosa Maciel e Anna Beatriz de Sá Almeida

NÚMERO DE FITAS: 1

TEMPO DE GRAVAÇÃO: 1h

LOCAL: Rio de Janeiro, RJ

DATA: 18/1/2002

Maria de Lourdes de Sousa Maia



Maria de Lourdes de Sousa Maia nasceu em João Pessoa, na Paraíba, em 8 de maio de 1950. Graduiu-se médica, para atender a um desejo de seu pai, pela Universidade Federal da Paraíba, em 1976, e desde cedo seu interesse voltou-se para a medicina social.

Na Paraíba, durante sua graduação, trabalhou com a equipe do arcebispo José Maria Pires, que atendia comunidades carentes. Conquistou uma bolsa de estudos para o Rio de Janeiro e, dadas as suas dificuldades financeiras para a viagem, a passagem de ônibus teve de ser doada pela empresa Itapemirim.

No Rio de Janeiro, fez residência médica no Hospital São Sebastião, de janeiro de 1977 a julho de 1978, e sua dedicação era tão grande que ganhou o apelido de “rata de enfermagem”. Ao mesmo tempo, no primeiro semestre de 1978, cursou a especialização em Medicina Tropical no Instituto de Medicina Tropical de São Paulo, da USP. Posteriormente, no segundo semestre desse mesmo ano, fez o Curso Básico de Saúde Pública, na Escola Nacional de Saúde Pública da Fiocruz. No ano seguinte, fez a especialização em Saúde Pública, na mesma escola.

Sua trajetória profissional esteve ligada à poliomielite no nível estadual, participando da organização e avaliação dos Dias Nacionais de Vacinação no estado do Rio de Janeiro, no início de 1980, e, posteriormente, como coordenadora do Programa Estadual de Imunizações. Fez severas críticas à estratégia das campanhas por achar que prejudicava a proposta da atenção básica à saúde, posição esta que já reavaliou, destacando a importância e o papel das campanhas no controle das doenças imunopreveníveis.

A partir de 1995, assumiu a coordenação do Programa Nacional de Imunizações, do Ministério da Saúde, onde permaneceu até recentemente, assumindo a Coordenação de Pneumologia Sanitária. Maria de Lourdes Maia ressalta como fundamental a busca de qualidade de vida e de saúde para todos.

SUMÁRIO

FITA 1 LADO A

Considerações sobre a infância no Nordeste; a perda dos pais e a vontade do pai de ter uma filha médica; considerações sobre as dificuldades de estudar e de trabalhar para cuidar da família; comentários sobre a aprovação no vestibular para medicina; comentários sobre o interesse em medicina social; comentários sobre a monitoria no Hospital Universitário de doenças infectocontagiosas na Paraíba e o contato com casos graves de poliomielite; breve comentário sobre pulmões de aço no Rio de Janeiro; considerações sobre a cadeira de Saúde Pública na faculdade; comentários sobre o trabalho com a equipe do arcebispo José Maria Pires e o contato com a Saúde Pública durante a graduação; considerações sobre Saúde Pública e as atitudes consideradas subversivas; o trabalho junto às comunidades atendidas pelo programa da Igreja; a relação entre as atividades desenvolvidas junto à Igreja e a especialização em Saúde Pública; a bolsa de estudos no Rio de Janeiro; a passagem de ônibus conseguida junto à empresa Itapemirim; comentário sobre o primeiro contato com a Fiocruz e a primeira decepção no Rio de Janeiro; o fim do estágio no Hospital do Andaraí e a transferência para o Hospital São Sebastião; considerações sobre o trabalho realizado no Hospital São Sebastião e o apelido de “rata de enfermagem”; o curso de especialização em Saúde Pública, na ENSP; considerações sobre a poliomielite no Rio de Janeiro; o papel do Hospital Jesus; comentários sobre a especialização em Medicina Tropical na USP; considerações sobre a Saúde Pública vivenciada

na ENSP; comparação entre o Internato no Hospital do Andaraí e a Residência Médica no Hospital São Sebastião; comentários sobre a turma do curso básico de especialização na ENSP; breve comentário sobre a cultura nordestina e a experiência como noviça; o casamento e a doença do esposo; comentários sobre a especialização em homeopatia; a opção pela Saúde Pública; comentários sobre a experiência com Recursos Humanos; o convite para a Coordenadoria do Desenvolvimento de Recursos Humanos na Secretaria de Saúde do Estado do Rio de Janeiro; as atividades como coordenadora do Programa de Imunizações do Estado; considerações sobre o primeiro Dia Nacional de Vacinação.

FITA 1 LADO B

Continuação das considerações sobre o primeiro Dia Nacional de Vacinação; a abrangência da Campanha de Vacinação contra a Poliomielite; a organização do Ministério de Saúde; comentários sobre a delimitação da população a ser vacinada e os postos de vacinação; o trabalho voluntário e a articulação da sociedade para as campanhas de vacinação; comparação da atuação da sociedade na campanha de combate à meningite no Nordeste e na campanha de combate à pólio no Rio de Janeiro; comentários sobre a escassez de recursos destinados ao Rio de Janeiro em função da grande participação do voluntariado; os recursos de *marketing* utilizados nas campanhas; o exemplo da Síndrome de Rubéola Congênita; considerações sobre a coordenação da Campanha contra a Poliomielite na Região Metropolitana do Rio de Janeiro; considerações sobre o

aprendizado no decorrer da Campanha; considerações sobre a setorização das áreas envolvidas na Campanha e a questão do estoque de vacinas; comentários sobre a conservação da vacina e a rede de frio; as Coordenadorias do Estado do Rio de Janeiro e a distribuição e conservação das vacinas; comentários sobre o atendimento de soro antiofídico no estado; comentário sobre as atividades na coordenação do Programa Estadual de Imunização; relato sobre o trabalho de integração entre os postos de saúde do estado e o início da municipalização dos mesmos; comentário sobre a mudança para o programa de Ações Integradas da Saúde e o relato de suas atividades; o trabalho como diretora do Departamento de Educação Continuada, posteriormente Coordenação de Desenvolvimento de Recursos Humanos.

FITA 2 LADO A

Continuação dos comentários sobre a capacitação de Recursos Humanos; comentário sobre o trabalho como coordenadora da Residência Médica Geral e Comunitária do Estado; referência a Paulo Buss; comentário sobre a psiquiatria na década de 1980; continuação das considerações sobre o trabalho desenvolvido na área de Recursos Humanos, implementando o projeto dos Centros Integrados do Ensino de Saúde Pública; comentário sobre a candidatura a deputada estadual em função do trabalho desenvolvido junto aos CIEPs; considerações sobre a falta de continuidade do projeto dos CIEPs; considerações sobre cidadania e integração social relacionadas à questão educacional; considerações sobre a possibilidade de trabalhar com imunizações nas escolas; considerações sobre a candidatura a deputada estadual; comentário sobre o retorno para a Secretaria de Saúde e as questões políticas que



Adesivo símbolo do processo de erradicação da poliomielite no Brasil (1996-1990), Ministério da Saúde

envolveram seu afastamento; considerações sobre o convite para trabalhar no Ministério da Saúde em Brasília; menção a Cláudio do Amaral; considerações sobre a estrutura do Ministério e a situação do PNI; o cargo de coordenadora do PNI; considerações sobre as motivações pessoais que regem seu trabalho e o apoio da família; comentário sobre a reciclagem em Araraquara, com Edmundo Juarez; relato sobre o trabalho como gerente de projeto do PNI; considerações sobre a relação do PNI com os estados e com os municípios; referência aos coordenadores do PNI em âmbito estadual e municipal; comentário sobre a falta de verbas para realização de campanhas nos municípios; considerações sobre as dificuldades de se manter a estrutura criada para o PNI; considerações sobre rotina *versus* campanhas de vacinação

FITA 2 LADO B

Continuação das considerações sobre rotina *versus* campanha de vacinação; considerações sobre as campanhas de vacinação em âmbito municipal e o despreparo dos secretários de Saúde; considerações sobre a incorporação da multivacinação nas campanhas; o trabalho de integração entre os coordenadores de imunização nos estados e municípios e a gerência central do PNI; comentário sobre as falhas na imunização pelos estados e o papel dos profissionais de saúde; considerações sobre o agendamento de uma outra entrevista; considerações sobre o trabalho de manutenção da cobertura vacinal em todo o país, mesmo para a poliomielite; agradecimentos e considerações finais.

FICHA TÉCNICA

ENTREVISTA: Anna Beatriz de Sá Almeida e Carlos Fidélis da Ponte

TRANSCRIÇÃO: Maria Lúcia dos Santos

CONFERÊNCIA DE FIDELIDADE: Ives Mauro Junior

SUMÁRIO: Daiana Crús Chagas e Anna Beatriz de Sá Almeida

RESENHA BIOGRÁFICA:

Dilene Raimundo do Nascimento

NÚMERO DE FITAS: 2

TEMPO DE GRAVAÇÃO: 1h45min

LOCAL: Brasília, DF

DATA: 8/5/2002

Maria Lúcia Carnellosso



Maria Lúcia Carnellosso nasceu em Santa Maria, Rio Grande do Sul, em 1954. Estudou na Faculdade de Enfermagem Nossa Senhora Medianeira, da Universidade Federal de Santa Maria, em 1977, e fez especialização em saúde pública na mesma faculdade. Sua experiência com a poliomielite vem desde os tempos em que, ainda em Santa Maria, colaborou no planejamento dos primeiros Dias Nacionais de Vacinação, entre 1980 e 1982.

Em meados dos anos 80, mudou-se para Goiás, tornando-se professora na Universidade Católica de Goiás e ocupando importantes cargos na gestão dos serviços de saúde. Chefiou a Divisão de Imunizações da Secretaria de Saúde de Goiás (1986-1989) e foi também, ao longo deste período, a coordenadora estadual das Campanhas Nacionais de Vacinação contra a Poliomielite, tendo participado diretamente do processo de criação da marca de erradicação da poliomielite, representada pelo Zé Gotinha. Ao longo da sua trajetória, sempre esteve voltada ao trabalho de educação em saúde, de contato direto com a comunidade, no qual a conscientização fosse a base das ações em saúde.

No período de 1991 a 1994, foi coordenadora nacional do Programa Nacional de Imunizações (PNI). Desde 1997, exerce a coordenação da Superintendência de Ações Básicas de Saúde da Secretaria de Estado da Saúde de Goiás, que a partir de 2003 passou a ser denominada Superintendência de Políticas de Atenção Integral à Saúde.

SUMÁRIO

FITA 1 LADO A

Comentários sobre a escolha pela Faculdade de Enfermagem; considerações sobre as opções profissionais; os conceitos acerca da enfermagem; comentários sobre a atuação do avô como “médico”; a formação na Faculdade de Enfermagem Nossa Senhora Medianeira, em Santa Maria; referência à professora de saúde pública e o trabalho nas unidades de saúde; considerações sobre o Curso de Habilitação em Saúde Pública na Escola de Saúde Pública de Porto Alegre: o currículo em geral, a cadeira de Administração Hospitalar e o trabalho no Hospital de Caridade; considerações sobre a disciplina e a rotina de trabalho no hospital; comentários sobre o contato com doentes agonizantes; comentários sobre pacientes em estágio avançado de tuberculose; considerações sobre a especialização e o início das atividades docentes; o trabalho de capacitação dos alunos para as campanhas de vacinação contra a pólio; considerações sobre a cidade de Santa Maria como centro universitário na região; menção à Regional de Saúde em Santa Maria; considerações sobre o trabalho nas campanhas de vacinação contra a poliomielite em Santa Maria; lembranças de pessoas acometidas pela pólio e referência ao índice de incidência da doença em Santa Maria; considerações sobre a implantação das consultas de enfermagem nas unidades de saúde.

FITA 1 LADO B

Comentários sobre a organização e o trabalho na primeira campanha de vacinação contra a pólio; considerações

sobre a mobilização da sociedade: universidades, igrejas, voluntários, profissionais da comunicação, Lyons Club, entre outros; observações a respeito da eficácia da vacina oral; comentários acerca da estrutura da campanha: distribuição de vacinas, rede de frio, papel do voluntariado; referência à interação dos estudantes e dos profissionais com a comunidade; considerações sobre a expectativa em torno de uma campanha de âmbito nacional; a participação dos militares em Santa Maria; referência à sua mudança para Goiás: a adaptação, as dificuldades e o recomeço profissional; o início do trabalho na área de Vigilância Epidemiológica e Imunizações da Secretaria de Saúde de Goiás; comentários sobre o trabalho de vacinação na região do Bico do Papagaio: a viagem, as condições de trabalho e o comparecimento da população; referência à sua promoção para coordenadora da Divisão de Imunizações; considerações sobre as atividades na coordenação: aproximação com o Ministério da Saúde, capacitação de profissionais e melhoria dos índices de coberturas vacinais; comentário sobre o trabalho de mobilização nas campanhas de vacinação de outros estados, a convite do Ministério da Saúde.

FITA 2 LADO A

Continuação dos comentários sobre o trabalho em campanhas no Nordeste; considerações sobre a satisfação de trabalhar nas campanhas de vacinação; referência à experiência no Maranhão; considerações sobre a assessoria do Ministério da Saúde junto aos estados; menção a Roney Ribeiro; comentário sobre as melhorias implementadas no serviço de

vacinação; o intercâmbio com os profissionais do PNI: Ivanildo Franzosi, Isabel Stefano e Ivan Maciel; comentário sobre o trabalho em regiões de difícil acesso em Goiás; considerações sobre a questão da conservação e da falta de vacinas nas campanhas; novas considerações sobre o trabalho em regiões de difícil acesso; a questão dos investimentos do Ministério da Saúde e do estado de Goiás em imunização; considerações sobre o trabalho desenvolvido em Santa Maria e o trabalho em Goiás; comentários sobre a atuação da sociedade civil nas campanhas de vacinação contra a pólio em Goiás; sua participação no processo de criação do símbolo Zé Gotinha; referência ao trabalho com a equipe do PNI e da comunicação: Aristel Bordini, Iraides Carneiro, Darlan Rosa; referência ao objetivo de rever o tom agressivo das primeiras

campanhas; considerações sobre a organização do concurso nos estados e o papel das escolas; o papel mobilizador do Zé Gotinha e a importância de manter o símbolo nas campanhas de vacinação; considerações sobre a incorporação do símbolo Zé Gotinha em todas as campanhas de vacinação; comentários sobre o início do trabalho como coordenadora do PNI.

FITA 2 LADO B

Continuação dos comentários sobre o início do trabalho como coordenadora do PNI; referência a Cristina Maria Vieira da Rocha e o convite de Isabel Stefano para substituí-la na coordenação do PNI; considerações sobre a equipe e as condições de trabalho no PNI; a importância do apoio da equipe do programa, de Ivanildo Franzosi, de Isabel Stefano



Cartaz do Dia Nacional de Vacinação contra a Poliomielite. FUNASA, Ministério da Saúde

e dos coordenadores estaduais, visando a continuidade do trabalho; comentário sobre a atuação nos níveis estadual e nacional; considerações sobre o estilo de trabalho de Isabel Stefano; referência ao papel do PNI e do Programa de Auto-Suficiência em Imunobiológicos (PASNI) na organização das campanhas; considerações sobre a crise do Ministério da Saúde e da Fundação Nacional de Saúde e as consequências ao PNI; referência à decisão de prosseguir com a Campanha de Imunização contra o Sarampo; considerações sobre o ministro Adib Jatene e sua equipe no questionamento acerca da Campanha do Sarampo; menção ao posicionamento do assessor do presidente dos Estados Unidos à proposta da campanha apresentada durante reunião técnica do PAI; considerações sobre o apoio do ministro Adib Jatene à Campanha do Sarampo e a participação da Xuxa e do Barão Vermelho; considerações sobre o apoio do ministro Adib Jatene à reestruturação do PNI: o sistema de informação, o centro de referência para imunobiológicos especiais e o comitê técnico; menção a Gabriel Ozelka.

FITA 3 LADO A

Continuação das considerações sobre a sua gestão no PNI; referência ao apoio da OPAS e do Unicef; considerações sobre a relação do PNI com o GT-Pólio e o GT-Sarampo nas campanhas; comentários sobre a multivacinação e a necessidade de reestruturação das campanhas; considerações sobre a vacinação contra a pólio na rotina e nas campanhas; a importância da multivacinação em áreas com baixa cobertura vacinal; o papel do PNI na definição das demandas de

imunobiológicos e do PASNI na aquisição dos mesmos; referência ao papel da Sociedade Brasileira de Pediatria e dos médicos pediatras nas campanhas: o exemplo da vacina contra a rubéola; considerações sobre sua participação no processo de erradicação da poliomielite; comentário sobre a assessoria na campanha de combate à pólio na República Dominicana, a convite da OPAS; continuação das considerações sobre a participação no processo de erradicação da poliomielite no Brasil; comentários sobre a entrevista.

FICHA TÉCNICA

ENTREVISTA: Anna Beatriz de Sá Almeida, Dilene Raimundo do Nascimento e Carlos Fidélis da Ponte

TRANSCRIÇÃO: Rosa M J Dutra

CONFERÊNCIA DE FIDELIDADE:
Anna Beatriz de Sá Almeida

SUMÁRIO: Daiana Crús Chagas e Anna Beatriz de Sá Almeida

RESENHA BIOGRÁFICA:
Dilene Raimundo do Nascimento

NÚMERO DE FITAS: 3

TEMPO DE GRAVAÇÃO: 2h30min

LOCAL: Goiânia, GO

DATA: 6/5/2002

Mitiko Fujita



Mitiko Fujita nasceu em maio de 1942, em Marília, São Paulo. Desde jovem tinha curiosidade e interesse pelo mundo da ciência e em 1964 iniciou um estágio no Laboratório de Culturas Celulares, do Instituto Adolfo Lutz. Em 1967, prestou vestibular para Ciências Biológicas na Universidade de São Paulo. Dois anos depois, fez um estágio no Laboratório de Vírus do Instituto Evandro Chagas, em Belém do Pará, ligado à Fundação SESP. Em 1972, concluiu a graduação e prestou concurso para bióloga da Secretaria Estadual de Saúde de São Paulo, iniciando uma carreira profissional fortemente solidificada com vários cursos.

Em 1975, foi aprovada em concurso para bióloga em Microbiologia e Imunologia, também da Secretaria de Saúde de São Paulo, permanecendo até 1977, quando passou a atuar como pesquisadora científica. Neste mesmo ano, começa a dar aulas no Instituto de Ciências Biomédicas da USP, no Departamento de Microbiologia e Imunologia. No início da década de 1980, a convite de Hermann Schatzmayr, veio para a Fundação Oswaldo Cruz, a fim de trabalhar no Laboratório de Enterovírus, no Departamento de Virologia do Instituto Oswaldo Cruz (IOC) como responsável pela supervisão técnica e diagnósticos de poliomielite e enterovirose. Em 1983, começou a dar aulas na pós-graduação do IOC, para turmas de mestrado e doutorado.

Entre 1984 e 1987 fez três estágios de especialização no Instituto Pasteur, sobre aspectos diferenciados dos poliovírus e sua constituição. Em 1990, estudou sobre as enterovirose em água e esgoto e o desenvolvimento de metodologia para sua detecção, na *National Institute of Health*, em Tóquio.

Fez parte da comissão técnica da Secretaria Nacional de Ações Básicas em Saúde para avaliação epidemiológica dos casos de poliomielite ocorridos em todo o território brasileiro de 1985 a 1989. Foi assessora direta dos integrantes do Grupo de Trabalho de Erradicação da Pólio (GT-Pólio) do Ministério da Saúde e colaborou com o Centro Nacional de Epidemiologia (CENEPI) na elaboração do documento redigido com vistas à obtenção do certificado de erradicação da transmissão do poliovírus selvagem no Brasil.

SUMÁRIO

FITA 1 LADO A

Sua origem familiar; lembranças da infância no bairro da Penha, São Paulo; a opção pelo Curso de Laboratório no Instituto Adolfo Lutz, realizado pela OPAS, em 1964 e 1965; referência ao estágio no laboratório do Instituto Adolfo Lutz, sob orientação de Clélia Martins; as atividades como bolsista e a posterior contratação, em 1965, para trabalhar com o controle epidemiológico de transmissão de arbovírus; considerações sobre a graduação em Ciências Biológicas, na USP; a conclusão do bacharelado em 1971 e da licenciatura em 1972; referência às disciplinas e lembranças dos professores; comentários sobre o estágio no Laboratório de Vírus do Instituto Evandro Chagas, em 1969; considerações acerca da técnica de *Miúra* utilizada na pesquisa com arbovírus.

FITA 1 LADO B

O concurso para biologista no Instituto Adolfo Lutz; referência à mudança para a área dos vírus entéricos e o início do trabalho com a poliomielite, sob a coordenação de José Paulo Gonzaga de Lacerda; considerações sobre o trabalho com a pólio; comentários sobre as campanhas de vacinação no estado de São Paulo; sua atuação como chefe da Seção de Enterovírus, em 1977, e referência a membros da equipe: Elza Vieira e Benvenuto Martins; comentários sobre o treinamento em diagnóstico de enterovirose no Instituto Adolfo Lutz, sob a sua supervisão; comentários sobre a tese de Waldeman e a importância da imunização em prematuros e gestantes; a

experiência como professora no curso de pós-graduação em Sistemas Celulares, na USP, de 1977 a 1979; as circunstâncias de sua ida para o IOC, em 1981; menção a Akira Homma.

FITA 2 LADO A

Considerações sobre as reuniões da primeira Campanha Nacional de Vacinação contra a Poliomielite, em 1980; a mudança para o Rio de Janeiro, com o ingresso no IOC como supervisora técnica dos diagnósticos de poliomielite, em 1981; suas primeiras experiências e a equipe de trabalho; as responsabilidades da supervisão de apoiar outros laboratórios e desenvolver tecnologia avançada para diagnóstico e diferenciação; considerações sobre a produção de insumos para diagnóstico, com recursos do Ministério da Saúde; a experiência de treinar profissionais de outros estados e países no Centro de Referência; referência ao estágio no Centro Pan-Americano de Febre Aftosa, da OPAS, em Duque de Caxias, Rio de Janeiro, em 1982 e 1983; considerações sobre o estágio no Instituto Pasteur, em Paris, em 1984 e 1985.

FITA 2 LADO B

Considerações sobre as técnicas aprendidas durante os estágios; explicação sobre a técnica de *finger-print* e a técnica *monoclonal*: condições de trabalho, custos e dificuldades da aplicação no Brasil; o retorno ao Instituto Pasteur e o aprendizado do sequenciamento do genoma dos poliovírus, em 1987; referência às dificuldades na compra de equipamento para implantar essa técnica no Brasil; considerações sobre o trabalho como assessora técnica da Divisão Nacional de

Laboratórios do Ministério da Saúde, na década de 1980; os *workshops* e cursos organizados pela OPAS, com a participação da Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP); a experiência de lecionar no Curso Internacional de Erradicação da Poliomielite, em 1986.

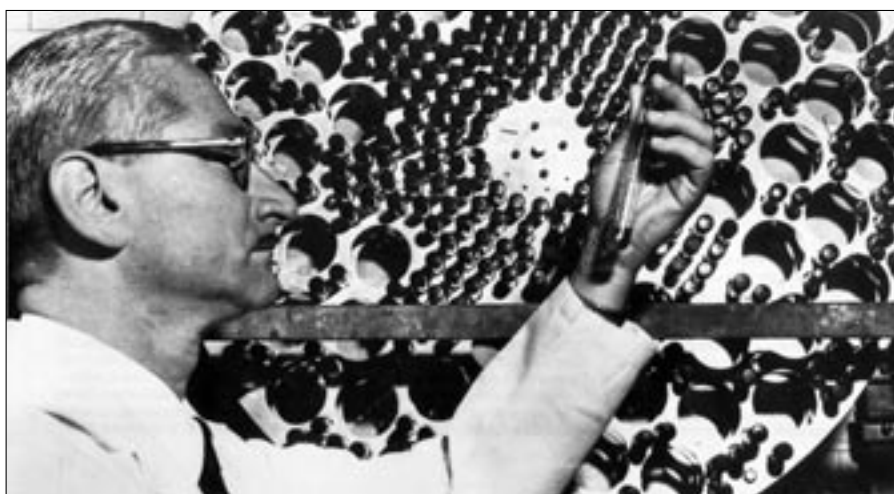
FITA 3 LADO A

Comentários sobre o surto de poliomielite no Nordeste, em 1980; problemas na dosagem, supostamente devido às condições ambientais e à alimentação naquela região; a rede de conhecimento criada em função dos problemas na campanha de vacinação nacional; o intercâmbio entre os profissionais dos Centros de Referência do país; considerações sobre as reuniões da Divisão Nacional de Laboratórios para avaliar e planejar o combate à pólio; referência a profissionais do

GT-Pólio e da SNABS; menção a João Baptista Risi Júnior; considerações sobre a sua colaboração na elaboração do certificado de erradicação da transmissão do vírus da poliomielite, em 1989.

FITA 3 LADO B

Consideração sobre suas atividades e dificuldades encontradas na Divisão de Epidemiologia; referência ao funcionamento e às deliberações das reuniões da Divisão Nacional de Laboratório; a experiência como professora de virologia, com ênfase na poliomielite, nos cursos de mestrado e doutorado da Fiocruz; o convite de Maria Genoveva von Hubinder, do Instituto de Microbiologia da UFRJ, para ministrar aulas sobre enterovírus, em especial o trabalho em laboratório; comentários sobre as atividades no Laboratório Noel Nutels.



Albert Sabin observando tubos de ensaio

FITA 4 LADO A

Continuação dos comentários sobre as atividades realizadas no Laboratório Noel Nutels; considerações sobre um segundo estágio no Instituto Pasteur, em Paris, em 1987, e a dificuldade de se trabalhar com anticorpos monoclonais; considerações sobre o apoio recebido do Instituto Pasteur para a pesquisa sobre a pólio no Brasil; referência às técnicas de diagnóstico do vírus; a importância do trabalho realizado em virologia, durante a certificação da erradicação da pólio, entre 1991 a 1994; referência à rotina de trabalho na virologia ambiental; breve comentário sobre a coleta de amostras nas estações de tratamento de água e esgoto no estado; breve explanação sobre as possibilidades de mutação dos vírus; comentários sobre a presença do vírus vacinal e selvagem da pólio e do vírus da hepatite A nas amostras de água analisadas; o papel da vigilância epidemiológica na continuidade do trabalho de erradicação da pólio.

FITA 4 LADO B

A importância da conscientização da população, ainda hoje, para a vacinação; referência aos cuidados para conter epidemias; comentários finais sobre a sua escolha profissional e as mudanças na sua vida.

FICHA TÉCNICA

ENTREVISTA: Anna Beatriz de Sá Almeida e Laurinda Rosa Maciel

TRANSCRIÇÃO: Rosa M J Dutra

CONFERÊNCIA DE FIDELIDADE: Ives Mauro Junior

SUMÁRIO: Angélica Estanek e Laurinda Rosa Maciel

RESENHA BIOGRÁFICA: Laurinda Rosa Maciel

NÚMERO DE FITAS: 4

TEMPO DE GRAVAÇÃO: 3h45min

LOCAL: Rio de Janeiro, RJ

DATA: 12/11/2001 e 5/12/2001

Mozart de Abreu e Lima



Mozart de Abreu e Lima é dentista e administrador de empresas, formado pela Universidade Federal de Pernambuco, respectivamente nos anos de 1960 e 1971. Faz parte de uma geração de profissionais ligados ao Centro de Planejamento sobre a América Latina (CEPAL) e tem formação também em Planejamento da Saúde pela OMS/OPAS. Trabalhou na Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) na década de 1960 e nos primeiros anos de atividades da Central de Medicamentos (CEME). Logo após, trabalhou no Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição (INAN) até 1978.

Ocupou o cargo de secretário-geral do Ministério da Saúde durante toda a gestão do ministro Waldir Arcoverde (1979-1985). Um homem do planejamento, respeitado tanto pelos grupos conservadores quanto pelos grupos que defendiam uma reforma sanitária no país, Mozart Lima teve um papel fundamental na arquitetura político-administrativa do Ministério. Compuseram a equipe do Ministério técnicos oriundos da SUDENE que traziam “a força da inovação dos processos administrativos, sobretudo do planejamento”, técnicos do Rio Grande do Sul que, nacionalmente, tinham a experiência mais avançada em termos de vigilância epidemiológica e técnicos da FSESP, que possuíam grande conhecimento da realidade brasileira e de estratégias de controle de doenças, incluídas as preveníveis por imunização.

Mozart de Abreu e Lima foi figura fundamental no período em que a epidemia de pólio no Paraná foi alvo de reportagem no *Jornal Nacional*, alertando para a situação nacional da doença e atuando na equipe do ministro Arcoverde para discutir o problema e a proposta de implantação dos Dias Nacionais de Vacinação. Mozart de Abreu e Lima foi um executivo do Ministério da Saúde que tinha forte liderança nos estados e em todo o processo da reforma sanitária empreendida na década de 1980, e mesmo estando no Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) acompanhou o desenrolar das propostas da VIII Conferência Nacional de Saúde. Teve passagens pelo Ministério do Trabalho, foi consultor nacional da Representação da OMS/OPAS e atualmente é membro do Conselho Nacional de Saúde.

SUMÁRIO

FITA 1 LADO A

Breve comentário sobre sua formação em Odontologia; a entrada na SUDENE; o curso de especialização em técnico de isolamento econômico, pela SUDENE; comentários sobre o direcionamento dado por Celso Furtado para a formação de profissionais na SUDENE; a estrutura do curso e as diversas áreas que podiam participar dessa capacitação; menção a Carlos Lessa; as atividades no Projeto Nova Duque de Conquista da Fronteira Agrícola no Maranhão; comentário sobre a proposta da SUDENE em capacitar profissionais para a atuação no setor de saúde em articulação com a preocupação pelo desenvolvimento social do Nordeste; a atuação de Carlyle Guerra de Macedo; continuação do relato sobre a estrutura de funcionamento da SUDENE na montagem de estruturas para o setor de saúde no Nordeste; a questão da articulação da SUDENE com outros órgãos do governo; a mudança para a Central de Medicamentos (CEME); a criação do Plano Diretor de Medicamento do Brasil e as condições para sua implementação; a questão da origem das vacinas aplicadas nas Campanhas de Imunização; o trabalho da CEME como articuladora dos diversos laboratórios que forneciam as vacinas para o Ministério da Saúde; breve comentário sobre a passagem pelo INAN (Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição) e pela coordenação do Centro Nacional de Recursos Humanos do IPEA; o papel da CEME como articuladora de programas de produção de vacina para uso humano; exemplo de plane-

jamento estratégico para um programa de vacinação anti-rábica; os recursos de que dispunha a CEME para atuar no planejamento estratégico de programas com distribuição de medicamentos essenciais; a cooperação com a Fundação SESP no programa de vacina anti-rábica; comentário sobre o trabalho coordenado com o Ministério da Saúde na organização de Centrais de Armazenamento e Distribuição; a coordenação deste trabalho junto com a Fiocruz; menção ao Instituto Adolfo Lutz; considerações sobre o apoio da OPAS; a criação do PNI e a coordenação e distribuição de vacinas pela CEME; menção ao ministro da Saúde Waldir Arcoverde; considerações sobre a confiança que os militares depositavam no trabalho realizado pela CEME; menção a militares que deram sustentação ao projeto junto ao governo; comentário sobre a articulação com os militares e a autonomia da CEME; menção ao ministro Leitão de Abreu; considerações sobre o Plano Diretor e sobre a experiência em articulação política adquirida na SUDENE; comentário sobre a perseguição dos militares à SUDENE e aos profissionais que tiveram de se exilar fora do país; considerações sobre as perseguições no Governo Emílio Garrastazu Médici; menção a Carlyle Guerra de Macedo; considerações sobre a utilização pelo governo militar de uma nova organização de recursos humanos para desestruturar a SUDENE; discussão sobre o plano de cargo de salário.

FITA 1 LADO B

Continuação da discussão sobre o plano de cargo de salário; comentários sobre o trabalho desenvolvido na SUDENE

quando de sua transferência para a CEME; considerações sobre sua facilidade na coordenação junto aos estados em função do trabalho na SUDENE; o trabalho no Ministério da Saúde depois da saída da CEME; considerações sobre sua ética no trabalho público; comentário sobre Waldir Arcoverde; o trabalho de Carlyle Guerra de Macedo recebendo exilados brasileiros no Chile para realocá-los em uma Organização Internacional de Saúde; menção ao general Golbery do Couto e Silva; consideração sobre as condições em que assumiu o cargo de secretário-geral no Ministério da Saúde; a reorganização interna do Ministério da Saúde e a criação do Grupo de Trabalho Interpenetrante (GTI); comentário sobre o modelo de ação interna baseado na experiência “Vietcongue”; relato sobre a experiência de trabalho e a reorganização do Ministério da Saúde; considerações sobre os profissionais que atuavam no Ministério da Saúde e sobre as modificações em sua administração; considerações sobre a importância da experiência adquirida no IPEA; o IPEA como exemplo de órgão público que mantinha contato com a sociedade, durante o período militar; comentários sobre a administração do ministro João Paulo dos Reis Velloso e sobre o Governo Ernesto Geisel; relato das questões que cercaram o Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher; negociação com Dom Luciano Mendes de Almeida; menção à senadora Eunice Mikiri, a Ana Costa e a Waldir Arcoverde; comentário sobre a integração da CEME com o Programa Nacional de Imunizações (PNI); menção a João Felício Scarlate; a manutenção da estrutura do Ministério da

Saúde e a operacionalização do trabalho através dos GTIS; relato de exemplos de onde se desenvolveu a interação arrolada pelos GTIs, como na produção de vacinas contra o sarampo; comentário sobre a primeira aplicação da teoria dos GTIs na Fundação Getúlio Vargas por Paulo Mota.

FITA 2 LADO A

Comentários sobre a estrutura interna do Ministério da Saúde e sobre a Comissão Interministerial de Planejamento (CIPLAN); comentário sobre os primórdios do SUS em âmbito municipal; comparação entre o trabalho articulado desenvolvido na CEME e a criação do SUS sem uma estrutura intra-setorial; considerações sobre o trabalho com saúde no Brasil atualmente; considerações sobre Planos Integrados e Ações Integradas de Saúde; comentário sobre o combate à poliomielite durante sua gestão como secretário-geral no Ministério da Saúde; menção ao ministro Waldir Arcoverde; a postura de Albert Sabin contra o Ministério da Saúde; considerações sobre a ligação de Albert Sabin com a condessa Pereira Carneiro e o grande apoio da mídia contra o ministro; o trabalho para articular uma campanha de combate à poliomielite; Albert Sabin e a proposta de utilização da vacina oral e da implementação dos Dias Nacionais de Vacinação; o apoio do presidente João Batista de Figueiredo ao Ministério da Saúde; a decisão de organizar a campanha pelos estados; comentário sobre a conferência para organizar a questão da saúde no Brasil e a decisão de implementar um Dia Nacional de Vacinação; relato da estrutura logística empregada para via-

bilizar a campanha pelos estados; breve comentário sobre a mobilização social; consideração sobre as divergências dentro do governo acerca deste modelo de campanha e a disposição do governo em viabilizá-la.

FITA 2 LADO B

Continuação dos comentários sobre a estrutura necessária para implementar o Dia Nacional de Vacinação e sua organização pelos estados; relato dos meios de comunicação utilizados nesse processo; comentário sobre o abastecimento de vacinas pelo Brasil e no exterior, e seu transporte por via aérea; menção a Aldo Villas Boas; considerações sobre a mobilização dos agentes do Ministério da Saúde e das Secretarias de Saúde no dia da campanha de vacinação.

FITA 3 LADO A

Considerações sobre o início das atividades no Ministério da Saúde e sobre a epidemia de poliomielite; relato sobre a criação do Dia Nacional de Vacinação; a reestruturação no Ministério para o combate à epidemia; considerações sobre os epidemiologistas do Rio Grande do Sul; menção a Waldir Arcoverde, a José Fiúza Lima, a Germano Bonow, a Cláudio da Silveira, a Moacyr Scliar e a João Baptista Risi Júnior; considerações sobre a estrutura da equipe reunida pelo Ministério da Saúde para combater a epidemia de pólio; considerações sobre a parceria com a Fundação Oswaldo Cruz; considerações sobre a nova estrutura de funcionamento do Ministério da Saúde; a experiência de Albert Sabin na consolidação da nova equipe; considerações sobre os integrantes da equipe; co-

mentário sobre a origem da idéia do Dia Nacional de Vacinação; as divergências entre Albert Sabin e a equipe do Ministério da Saúde; comentário sobre as reuniões efetuadas para organização do combate à pólio; a decisão de organizar o primeiro Dia Nacional de Vacinação; o conflito de Albert Sabin com os dirigentes do Ministério da Saúde; considerações sobre a participação da imprensa e a estratégia desenvolvida para dar fim às divergências; comentário sobre os recursos financeiros de que dispunha a campanha; considerações sobre a parte financeira e o trabalho de remanejamento de recursos para o projeto; menção ao ministro Antônio Delfim Neto, ao secretário-geral do Ministério e ao secretário de Orçamento do Ministério do Planejamento; considerações sobre a vacina utilizada na campanha.

FITA 3 LADO B

Continuação das considerações sobre a vacina utilizada na campanha; considerações sobre a projeção de vacinas que se pretendia alcançar no Dia de Vacinação; a questão da estatística populacional; considerações sobre a distribuição de vacinas pelos municípios; comentário sobre os meios de comunicação de que dispunham para a campanha; colaboração das instituições Lyons Club e Rotary Club; o papel da Associação Brasileira de Radioamadores na mobilização da sociedade; considerações sobre a administração e o gerenciamento das atividades envolvidas na campanha; o controle dos aeroportos para transporte de vacinas; considerações sobre o sucesso do primeiro Dia Nacional de Vacinação; considerações sobre o impacto positivo

da campanha de vacinação na decisão do Governo João Batista de Figueiredo de mudar a postura; considerações sobre a estatística da vacinação no primeiro dia de campanha; menção ao ministro da Educação; consideração sobre a questão do “campanhismo” e a formulação de outros projetos no Ministério da Saúde durante as campanhas; o projeto Periurbano; o impacto da Campanha de Imunização contra a Poliomielite entre os epidemiologistas; considerações sobre as possibilidades criadas pelo modelo de integração com os estados para a saúde pública no Brasil e em outros projetos do Ministério da Saúde; menção ao Projeto Saúde da Família; menção ao cardiologista Geniberto Paiva Campos; comentário relacionando a estratégia das campanhas e o trabalho nos Centros de Saúde; comentário sobre os projetos do Ministério da Saúde no campo epidemiológico; considerações sobre a divulgação dos projetos integrados desenvolvidos pelo Ministério.

FITA 4 LADO A

Continuação dos comentários sobre os projetos desenvolvidos pelo Ministério da Saúde; a relação entre o desenvolvimento dos projetos e os recursos da Previdência Social; comentário sobre o início do SUS; considerações sobre a importância deste período em sua vida; as dificuldades de implementar programas de base social durante a ditadura militar; comentários sobre a relação entre o Movimento Feminista e o Programa de Saúde da Mulher; considerações sobre o desenvolvimento do Programa de Saúde da Mulher e seus colaboradores; men-

ção a Eliana Tadei, a Ana Segal e a Ana Costa; menção a Dom Luciano Mendes de Almeida e à posição do CNBB com relação às políticas do programa; considerações sobre sua aproximação com a Igreja Católica e com a Teologia; breve comentário sobre o papel de Dom Luciano Mendes de Almeida no contexto da ditadura militar; considerações sobre a continuidade das atividades implementadas na primeira campanha e nos demais Dias Nacionais de Vacinação; considerações sobre a participação da sociedade nas campanhas seguintes; a implementação de campanhas contra outras doenças, como o sarampo; o início da experiência com a multivacinação; comentário sobre o trabalho desenvolvido no IPEA; menção a João Baptista Risi Júnior; considerações sobre o papel do IPEA junto à Secretaria de Planejamento e no levantamento de recursos para os projetos do Ministério da Saúde; as atividades no Ministério de Planejamento em relação às políticas de seguridade social; comentário sobre sua passagem pelos governos de Fernando Collor de Mello e Itamar Franco; considerações sobre o trabalho desenvolvido no Ministério do Trabalho; referência ao Grupo Executivo Interministerial de Saúde do Trabalhador (GEISAT); comentário sobre as atividades no Ministério do Trabalho; considerações sobre a necessidade da atuação conjunta dos Ministérios; considerações sobre a importância da Unidade Tática coordenando o planejamento e a execução das propostas; a efetivação de planejamentos ao longo de sua carreira; as atividades no Conselho Nacional de Saúde.

FITA 4 LADO B

Continuação do comentário sobre suas atividades no Conselho Nacional de Saúde; considerações sobre sua preocupação com o alcance social dos programas governamentais; o lugar do cidadão nas políticas do governo; comentário sobre instituições que representam a sociedade civil, como a Fiocruz, o CNBB e a OAB, dentre outras; comentário sobre o papel do Conselho Nacional de Saúde; a atuação do Conselho junto aos órgãos do governo; considerações sobre a criação da Política de Medicamentos Genéricos; a tramitação política pela aprovação da Lei de Genéricos; menção a José Pinotti; menção à deputada federal do PCdoB Jandira Feghali; a questão da Contribuição Provisória sobre Movimentação Financeira (CPMF) como verba destinada à saúde; considerações sobre o labor político em vistas de implementar medidas de saúde; comentários finais sobre sua atuação no Conselho e sobre a entrevista.

FICHA TÉCNICA

ENTREVISTA: Anna Beatriz de Sá Almeida e Dilene Raimundo do Nascimento

TRANSCRIÇÃO: Rosa M J Dutra

CONFERÊNCIA DE FIDELIDADE: Ives Mauro Junior

SUMÁRIO: Daiana Crús Chagas e Dilene Raimundo do Nascimento

RESENHA BIOGRÁFICA:

Dilene Raimundo do Nascimento

FITAS GRAVADAS: 4

TEMPO DE GRAVAÇÃO: 3h20min

LOCAL: Rio de Janeiro, RJ e Brasília, DF

DATA: 12/4/2002 e 7/5/2002

Oacyr de Almeida Pinto



Oacyr de Almeida Pinto nasceu no Rio de Janeiro, em 30 de setembro de 1933. Graduou-se em Medicina pela Faculdade de Ciências Médicas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, em 1958, e, desde o início, seu objetivo era ser pediatra, espelhado em seu médico, Athayde Fonseca, que o tratou com todo carinho e atenção quando, aos 11 anos de idade, contraiu tétano.

Seus “primeiros passos” na prática médica foram dados enquanto ainda era estudante, no Hospital Getúlio Vargas, onde ficou por sete anos. Realizou vários

estágios não remunerados, inclusive no serviço do professor Luiz Feijó, no Hospital Moncorvo Filho.

Assim que se formou, foi trabalhar como pediatra no Hospital Jesus, no qual, por ser um hospital que realizava cirurgias ortopédicas e reabilitação, a demanda de crianças com seqüelas de poliomielite era imensa. A população conhecia o Hospital Jesus, nas décadas de 1950 e 1960, como o hospital que tratava poliomielite. Oacyr de Almeida adquiriu grande experiência na doença, mas, segundo ele, sempre dava um sentimento de impotência diante de uma criança com seqüelas graves de pólio. Considera que o impacto da doença na criança, então, era dramático. A internação no hospital implicava o afastamento de casa e a entrada em um ambiente estranho, com gente estranha. Se necessitasse de pulmão de aço era pior, atemorizante. O barulho que fazia; e a criança ficava presa naquela máquina dia e noite. Na sua opinião, a experiência devia ser muito traumatizante e muito marcante para o resto da vida.

Foi diretor da Divisão Médica do Hospital Jesus, entre os anos de 1971 e 1974, e, em substituição a Itamara Meilman, chefiou o Centro de Tratamento da Poliomielite deste mesmo hospital, de 1975 a 1987, aposentando-se em 1991.

Por encarar diariamente as situações dramáticas das crianças seqüeladas de pólio, tornou-se um grande defensor da vacina, ao ver o declínio da doença como resultado das vacinações.

SUMÁRIO

FITA 1 LADO A

Considerações sobre a família, a infância e o período escolar; o vestibular para Medicina e a influência do seu pediatra na escolha da especialização; a trajetória como acadêmico e os estágios no Hospital Getúlio Vargas e na Maternidade Fernandes Magalhães; menção ao professor Orlando Olandi; referência ao concurso público em 1963; menção ao governador Carlos Lacerda; referência ao título de Pediatria e Puericultura; considerações sobre seu curso médico; menção a Athayde Fonseca, chefe da Pediatria do Hospital Jesus; considerações sobre as atividades exercidas por seus pais; o trabalho no Hospital Jesus como estagiário, de 1959 a 1962, e como funcionário a partir de 1963; referência à Divisão Médica e à Campanha Nacional de Vacinação; a carreira no Hospital Jesus; a alta incidência de tuberculose; menção à Favela Esqueleto; menção ao diretor Pedro de Castro Filho e ao chefe da Clínica Médica Athayde José da Fonseca; o Centro de Tratamento de Seqüela de Pólio no Hospital Jesus; menção ao pulmão de aço; o Comitê de Doenças Infecciosas e a direção da Divisão Médica do Hospital Jesus; considerações sobre o impacto da poliomielite no grupo médico e na criança.

FITA 1 LADO B

Continuação dos comentários sobre o impacto da pólio na família do doente e na sociedade; abordagem do início da vacinação contra a pólio em 1954 nos Estados Unidos, com a vacina Salk, e no Brasil; a opção pela vacina Sabin e a polêmi-

ca em relação à eficácia das duas vacinas; menção ao Laboratório Central de Saúde Pública; referência às doenças da época, como Guillan Barré, Mielite Transversa e outras menos comuns; o diagnóstico da pólio no Hospital Jesus; o ambiente físico e emocional para as crianças no hospital; a equipe médica; a importância do acompanhamento da mãe; menção a Athayde Fonseca; a notificação da pólio e a Campanha Nacional de Vacinação; a utilização do pulmão de aço e o desenvolvimento dos respiradores.

FITA 2 LADO A

Comentários sobre a reabilitação da criança na Associação Brasileira Beneficente de Reabilitação (ABBR); as limitações do pulmão de aço; a estatística de óbitos dos casos de poliomielite; menção a Itamara Meilman e ao Centro de Internação de Poliomielite Aguda (CIPA); o Hospital Jesus como Centro de Referência de Poliomielite Aguda Infantil; menção aos registros de epidemiologia da Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro; considerações sobre a demanda, os leitos e a quantidade de pulmões de aço; referência a sua aposentadoria em 1991; o Centro de Tratamento de Pólio do Hospital Jesus e sua equipe; menção ao aparelho alemão Drager; a campanha de vacinação e a criação do PNI; nova referência a Itamara Meilman; a ida ao Hospital das Clínicas da USP para conhecer o Centro de Tratamento; o impacto do programa de controle da pólio e o decréscimo dos casos suspeitos a partir de 1980; menção a José Assad; a extinção do Centro de Tratamento de Pólio, em 1985; menção a Itamara Meilman, Pedro Carlos Farese e Arceli-

no Bitar; menção aos casos de pólio mais significativos da sua vida profissional.

FITA 2 LADO B

Continuação das considerações sobre os casos de pólio ocorridos no Hospital Jesus e que marcaram a sua carreira; comentários sobre a erradicação da pólio e do sarampo.

FICHA TÉCNICA

ENTREVISTA: Ângela de Araújo Porto e

Dilene Raimundo do Nascimento

TRANSCRIÇÃO: Maria Lúcia dos Santos

CONFERÊNCIA DE FIDELIDADE: Ives Mauro Junior

SUMÁRIO: Gissele Viana Carvalho e

Dilene Raimundo do Nascimento

RESENHA BIOGRÁFICA:

Dilene Raimundo do Nascimento

FITAS GRAVADAS: 2

TEMPO DE GRAVAÇÃO: 1h40min

LOCAL: Rio de Janeiro, RJ

DATA: 27/11/2001

Roberto Becker



Roberto Augusto Becker nasceu em Porto Alegre, em 1947. Graduiu-se em medicina na Faculdade Católica de Porto Alegre, em 1971. Logo surgiu oportunidade de trabalho como coordenador técnico da Unidade de Vigilância Epidemiológica da Bahia, onde ficou de 1972 a 1973. Daí, retornou ao Rio Grande do Sul, assumindo a função de técnico da Unidade de Vigilância Epidemiológica da Secretaria da Saúde, de 1973 a 1979, e, durante parte desse tempo, coordenou o Programa de Imuniza-

ções da Secretaria Estadual de Saúde. Em 1975, fez o Curso de Especialização em Saúde Pública na Universidade de São Paulo.

Participou do curso prático do Programa Ampliado de Imunização no Peru, em 1979, e nesse mesmo ano foi trabalhar na Divisão Nacional de Epidemiologia do Ministério da Saúde. Portanto, era integrante da equipe que, em 1980, decidiu pela estratégia dos Dias Nacionais de Vacinação para implementar o controle da poliomielite no Brasil. Permaneceu nessa Divisão até 1986, quando se transferiu para o Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição (INAN). Posteriormente, foi para o Centro de Informações de Saúde e voltou à Divisão Nacional de Epidemiologia, onde permaneceu até 1990. No ano seguinte, foi trabalhar na Fundação Serviços de Saúde Pública (FSESP) e no Centro Nacional de Epidemiologia (CENEPI). Ao longo da sua trajetória profissional, tem sido consultor de vários Grupos de Trabalho do Programa Nacional de Imunizações (PNI), do Programa Ampliado de Imunizações (PAI) da OPAS e do CNPq. Atualmente é consultor e assessor técnico da OPAS e da OMS.

SUMÁRIO

FITA 1 LADO A

Considerações iniciais sobre sua infância e seus pais; comentários sobre as opções de carreira na sua época como secundarista; relato sobre sua escolha pela medicina e sobre a sua faculdade; o interesse pela área de saúde pública e pela estatística; comentários sobre as razões dos estágios na Superintendência do Desenvolvimento da Região Sul (SU-DESUL) e em epidemiologia no sexto ano de medicina; a ida para a Bahia na fase final da erradicação da varíola; menção a Airton Fischmann, Cláudio da Silveira e Cláudio do Amaral Júnior; as atividades na Campanha de Erradicação da Varíola, na Secretaria de Saúde do Estado da Bahia; comentários sobre sua volta para o Rio Grande do Sul e seu trabalho na Unidade de Vigilância Epidemiológica; menção a Clóvis Tigre; observações sobre a necessidade de se conhecer a clínica das doenças imunopreveníveis; a especialização em Saúde Pública na USP, com ênfase na área de epidemiologia estatística; menção a Cláudio da Silveira, Airton Fischmann, Clóvis Tigre, Marlo Libel e José Fiúza Lima; observações sobre o Programa de Imunização do Rio Grande do Sul e comparações deste com o PNI; comentários sobre sua ida para o Ministério da Saúde, em Brasília, no final dos anos 70; a função de auxiliar de epidemiologia e de auxiliar de estatística.

FITA 1 LADO B

Considerações sobre o II Curso do PAI, organizado pela OPAS, no Peru, em janeiro de 1979; menção a Jacques Noel

Manceau; referência a outros cursos do PAI; informações sobre as razões da mudança de nome da Secretaria de Saúde do Rio Grande do Sul para Secretaria de Saúde do Meio Ambiente do Rio Grande do Sul e o convite para trabalhar na área de estatística da mesma; observações sobre a implantação do Sistema de Vigilância Epidemiológica pela FSESP, em 1975; considerações sobre a poliomielite como uma questão de saúde pública e relato das primeiras experiências de vacinação no Rio Grande do Sul; novas considerações sobre a questão PNI *versus* Programa Estadual de Imunizações; o convênio da Secretaria de Saúde com a FSESP para a formação dos técnicos e estruturação de ações; comentários sobre a ida para a Divisão Nacional de Epidemiologia do Ministério da Saúde; apreciação sobre a transferência da FSESP para Brasília.

FITA 2 LADO A

Continuação das considerações sobre a transferência das funções da FSESP para a Secretaria Nacional de Ações Básicas em Saúde (SNABS); o papel do ministro Waldir Arcoverde e da equipe nesse processo; menção a Mozart de Abreu e Lima; a relação do governo militar com o Ministério da Saúde; menção ao governador do Rio Grande do Sul, Jair Soares; sua atuação e atribuições na direção da Divisão Nacional de Epidemiologia; o lugar do PNI nessa estrutura; sua ligação direta com a SNABS; novas considerações sobre sua ida para o Ministério da Saúde; menção a João Baptista Risi Júnior e a José Fiúza Lima; menção ao papel de Waldir Arcoverde como diretor de Planejamento da

Secretaria de Saúde do Rio Grande do Sul e representante da Fundação SESP nesse estado; comentário sobre o processo de decisão pelos Dias Nacionais de Vacinação; a definição de um programa de controle da poliomielite a partir de epidemias ocorridas em Santa Catarina e Paraná; a consolidação de uma nova equipe no Ministério da Saúde; relevância da reunião de 7 de janeiro de 1980 para o desenvolvimento do Programa de Controle da Poliomielite; construção da estratégia dos Dias Nacionais de Vacinação e sua repercussão na VII Conferência Nacional de Saúde; detalhes acerca da polêmica com Albert Sabin.

FITA 3 LADO A

Continuação dos comentários sobre a polêmica com Albert Sabin; considerações sobre o debate rotina horizontal *versus* campanha vertical; comentários sobre a rede básica de saúde e a discussão equivocada privado *versus* público; detalhes sobre a mobilização para o primeiro Dia Nacional de Vacinação; novas considerações sobre a reunião ocorrida em 7 de janeiro de 1980, como um marco da montagem do Dia Nacional de Vacinação; comentários sobre o contato com os grandes laboratórios produtores nacionais; a mobilização do sistema de saúde e todas as áreas da sociedade envolvidas; avaliação da repercussão da estratégia de campanha nos diversos estados, ressaltando o papel da mídia; discussão com a área de Educação em Saúde sobre uma estratégia de impacto; informações sobre o financiamento para a campanha; relatos sobre o primeiro Dia Nacional de Vacinação e sua repercussão; considerações sobre as críticas aos Dias Nacionais

de Vacinação; motivos da extensão da vacinação para toda a população, rural e urbana.

FITA 3 LADO B

Continuação dos comentários sobre a vacinação nas zonas rural e urbana; as palestras e conferências sobre a situação da poliomielite e o programa de controle em 1980 e 1981; o planejamento para os Dias Nacionais de Vacinação: definição dos detalhes de localização e o período inicial das campanhas; considerações sobre a relação da Divisão Nacional de Epidemiologia com o PNI; observações sobre conflitos de poder; reflexões sobre as diferenças entre os conceitos “controle”, “eliminação” e “erradicação” de uma doença; menção a Ciro de Quadros; a repercussão da proposta de erradicação da pólio nas Américas feita pela OPAS; a criação do GT-Pólio; sua ida para o Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição (INAN); menção à permanência de João Baptista Risi Júnior como secretário da SNABS; referência ao presidente do INAN, Eduardo Kertz; convite para coordenar o Grupo de Programas Especiais; menção ao Programa de Incentivo ao Aleitamento Materno nos anos 80; a volta para o Ministério da Saúde como técnico; menção a Edmundo Juarez, da USP; as mudanças administrativas com o Governo Fernando Collor de Mello; menção a Pedro Tauil, diretor do Centro Nacional de Epidemiologia (CENEPI).

FITA 4 LADO A

A ida para a OPAS e seu papel como assessor regional em Classificação Internacional de Doenças; a transferência para a Oficina Central em Washington;

comentários sobre o grupo de epidemiologistas de Porto Alegre: Clóvis Tigre, Cláudio da Silveira, Airton Fischmann, José Fiúza Lima, Marlo Libel e Rosa Maria Cardoso; referência a Maria Cristina Pedreira e a Maria Lúcia Carnelosso; opinião sobre os recursos destinados ao Programa de Erradicação da Poliomielite; considerações finais.

FICHA TÉCNICA

ENTREVISTA: Dilene Raimundo do Nascimento

TRANSCRIÇÃO: Maria Lúcia dos Santos

CONFERÊNCIA DE FIDELIDADE: Ives Mauro Junior

SUMÁRIO: Ives Mauro Junior e
Dilene Raimundo do Nascimento

RESENHA BIOGRÁFICA:
Dilene Raimundo do Nascimento

FITAS GRAVADAS: 4

TEMPO DE GRAVAÇÃO: 2h40min

LOCAL: Brasília, DF

DATA: 3/6/2002

Este catálogo é um dos resultados do projeto de pesquisa *A história da poliomielite e de sua erradicação no Brasil*, cuja equipe era composta por pesquisadores da Casa de Oswaldo Cruz (COC), da Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP) e da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ).

O objetivo do catálogo é divulgar e tornar acessível a outros pesquisadores o Acervo *Memória da Poliomielite*. Nossa expectativa é trazer contribuições para o desenvolvimento de análises no campo de história das doenças e, em particular, sobre a história da poliomielite.

